

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM
LOTEAMENTOS POPULARES**

Um estudo de caso no loteamento cidade dos mineiros - Criciúma/SC

GIULIANO ELIAS COLOSSI

CRICIÚMA, MARÇO DE 2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C719p Colossi, Giuliano Elias.

O processo de apropriação do espaço urbano em loteamento populares / Giuliano Elias Colossi ; orientador : Teresinha Maria Gonçalves . -- Criciúma : Ed. do autor, 2005.

246 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2005.

1. Planejamento urbano – Criciúma (SC). 2. Política habitacional – Criciúma (SC). 3. Loteamento urbano I. Título.

CDD. 21^a ed. 711.4098164

Bibliotecária: Flávia Cardoso – CRB 14/840
Biblioteca Central Prof. Eurico Back – UNESC



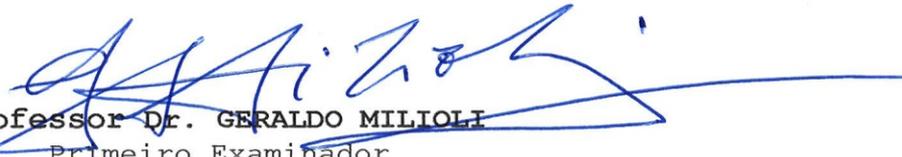
UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Diretoria de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)

PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pela Comissão de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de MESTRADO apresentada pelo candidato **GIULIANO ELIAS COLOSSI**, sob o título: **"O processo de apropriação do espaço em loteamentos populares: um estudo de caso no loteamento Cidade dos Mineiros em Criciúma-SC"**, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** do Curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, os membros são de parecer pela **"APROVAÇÃO"** da Dissertação.

Criciúma, SC, 31 de março de 2005.


Professor Dr. **GERALDO MILIOLI**
Primeiro Examinador


Professora Dr.^a **MARIA CECÍLIA SIMÕES DE OLIVEIRA COELHO**
Segunda Examinadora


Professora Dr.^a **TERESINHA MARIA GONÇALVES**
Presidente da Banca e Orientadora

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM
LOTEAMENTOS POPULARES**

Um estudo de caso no loteamento cidade dos mineiros - Criciúma/SC

GIULIANO ELIAS COLOSSI

CRICIÚMA, MARÇO DE 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C719p Colossi, Giuliano Elias.

O processo de apropriação do espaço urbano em loteamento populares / Giuliano Elias Colossi ; orientador : Teresinha Maria Gonçalves . -- Criciúma : Ed. do autor, 2005.

246 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2005.

1. Planejamento urbano – Criciúma (SC). 2. Política habitacional – Criciúma (SC). 3. Loteamento urbano I. Título.

CDD. 21ª ed. 711.4098164

Bibliotecária: Flávia Cardoso – CRB 14/840
Biblioteca Central Prof. Eurico Back – UNESC



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Diretoria de Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)

PARECER

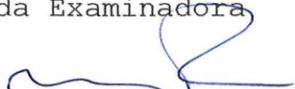
Os membros da Banca Examinadora designada pela Comissão de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado) reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de MESTRADO apresentada pelo candidato **GIULIANO ELIAS COLOSSI**, sob o título: **"O processo de apropriação do espaço em loteamentos populares: um estudo de caso no loteamento Cidade dos Mineiros em Criciúma-SC"**, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** do Curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, os membros são de parecer pela **"APROVAÇÃO"** da Dissertação.

Criciúma, SC, 31 de março de 2005.


Professor Dr. **GERALDO MILIOLI**
Primeiro Examinador


Professora Dr^a **MARIA CECÍLIA SIMÕES DE OLIVEIRA COELHO**
Segunda Examinadora


Professora Dr^a **TERESINHA MARIA GONÇALVES**
Presidente da Banca e Orientadora

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

GIULIANO ELIAS COLOSSI

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM
LOTEAMENTOS POPULARES**

Um estudo de caso no loteamento cidade dos mineiros - Criciúma/SC

CRICIÚMA, MARÇO DE 2005

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM
LOTEAMENTOS POPULARES**

Um estudo de caso no loteamento cidade dos mineiros - Criciúma/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Ambientais.

Área de Concentração: Ecologia e gestão de ambientes alterados.

Orientadora:
Dr^a. Teresinha Maria Gonçalves.

CRICIÚMA, MARÇO DE 2005

A Deus, aos meus Pais, Celestino
Colossi (*kp"o go qtkp*) e Elisabete
Elias Colossi, ao meu irmão
Antonio Miguel Elias Colossi

AGRADECIMENTOS

A Deus por permitir que pudesse realizar mais este trabalho com saúde.

À minha Mãe e meu Irmão pelos incentivos durante todo o período da minha vida.

À Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC por disponibilizar o Curso de Mestrado em Ciências Ambientais.

À Coordenação do Curso de Mestrado em Ciências Ambientais pela dedicação e apoio nas dificuldades.

Aos Professores Doutores do Curso de Mestrado em Ciências Ambientais pelos conhecimentos transmitidos.

À Professora Doutora Teresinha Maria Gonçalves pela orientação, incentivo e transmissão de conhecimentos ao longo desta pesquisa.

Aos funcionários do Mestrado, em especial a Vivian por sua pronta dedicação.

Aos Colegas do Mestrado pela participação na socialização dos conhecimentos, pela saudável convivência e as novas amizades.

À Prefeitura Municipal de Criciúma e a Companhia de Desenvolvimento Econômico e Planejamento Urbano – CODEPLA por possibilitar dispensa em algumas atividades durante a participação nas aulas e na realização das pesquisas da Dissertação.

Aos Colegas de trabalho na CODEPLA pela minha ausência.

Aos Presidentes das Associações de Moradores dos Bairros Vila Manaus, Cidade Mineira Nova e Cidade Mineira Velha.

Ao Arquiteto Fernando Carneiro pelas informações fornecidas.

Ao Ex-Prefeito de Criciúma, Sr. Algemiro Manique Barreto pelas informações fornecidas.

Ao Ex-Prefeito de Criciúma, Eng. Ruy Hülse pelas informações fornecidas.

Ao Ex-Engenheiro da Carbonífera Próspera, Eng. Jacy Fretta pelas informações fornecidas.

Aos Moradores do Bairro Vila Manaus, Bairro Cidade Mineira Nova e Bairro Cidade Mineira Velha, pelas entrevistas concedidas muito elucidativas.

Ao meu Irmão Antônio Miguel Elias Colossi pela transcrição das entrevistas.

À estagiária Tatiane pela ajuda na formatação dos textos e figuras desta dissertação.

À todos que contribuíram de uma forma ou de outra para a realização deste trabalho.

Meu reconhecimento a todos,
Muito Obrigado!

RESUMO

Este estudo tem como objeto de pesquisa o processo de apropriação do espaço urbano em loteamentos populares, onde a pesquisa de campo, para a verificação e coleta de dados, foi realizada com os moradores dos bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus, pertencentes ao antigo loteamento Cidade dos Mineiros, na cidade de Criciúma, localizada no sul do Estado de Santa Catarina. A problemática abordada é o processo de apropriação, relacionado à casa e ao entorno sócio-físico de loteamentos populares planejados arbitrariamente, sem levar em conta as bases culturais da população. Foi necessária, anteriormente, a realização de uma pesquisa histórica para caracterizar de forma clara as divisões temporais na ocupação dos bairros, assim como o conhecimento dos personagens envolvidos. A abordagem multidisciplinar contribuiu para as relações dos indivíduos com o tempo no sentido da história pessoal. O método utilizado foi o estudo de caso. As técnicas de coleta de dados foram entrevistas abertas, estruturadas, registros etnográficos e pesquisa documental. As técnicas de análise dos dados foram a análise de conteúdo e análise estatística. A pesquisa demonstrou que houve o processo de apropriação, de forma mais efetiva, da casa; quanto aos bairros, não foi observado um sentimento significativo de pertença, revelando mais uma ligação funcional do que apropriação. Dois aspectos positivos foram demonstrados pela pesquisa: a evidente noção de vizinhança solidária e a personificação das casas.

Palavras chaves: Apropriação, Casa, História Pessoal e Multidisciplinaridade.

ABSTRACT

This research aims to study the Acquisition of the Urban Space Process in popular landholdings, where this research, as well as the data collection, have been done. The data has been gathered among citizens living in Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova and Vila Manaus district; who belong to the former Cidade dos Mineiros landholdings in Criciúma City – State of Santa Catarina. The problem approached is the Acquisition Process related to housing and the popular landholding around the physical and social space, which has been done at random, without taking in consideration the Population Cultural Basis. It was likely necessary the accomplishment of a historic research to stress the features in a clear way of the temporal dimensions referring to the landholdings in the district, as well as the knowledge of the involved crew. The multidiscipline approach has contributed to the relationship among the subjects concerning to the time, meaning their personal histories. The methodology used was the case study. The techniques of data collection were open and structured interviews. Ethnographic records and documented research. The data analysis techniques were both content and statistic analysis. The research has demonstrated that the Housing Acquisition Process took place in a more effective way. It was not observed a significant feeling of belonging, revealing a functional connection rather than acquisition. Two positive aspects have been shown by this research: The evident conception of sharing neighborhood and their house personalization.

Key-words: Acquisition, House, Personal History, Multidisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Vista parcial do bairro Vila Manaus/Vila Progresso, Criciúma/SC	17
Fig. 2 – Vista parcial do Bairro Nova Esperança, Criciúma/SC	19
Fig. 3 – Vista da Vila Operária do atual Bairro Santa Bárbara, Criciúma/SC.....	21
Fig. 4 – Desenho artístico original do Loteamento Cidade dos Mineiros, Criciúma/SC, ano de 1957	22
Fig. 5 – Vista parcial do Loteamento Vila Natureza, Criciúma/SC	25
Fig. 6 – Vista parcial do Rio Criciúma no centro da Cidade de Criciúma/SC	28
Fig. 7 – Aerofoto: Nov/2001, Prefeitura Municipal de Criciúma.....	38
Fig. 8 – Vista de uma casa original do loteamento Cidade dos Mineiros após 47 anos de execução.....	56
Fig. 9 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros, em meados da década de 70.	58
Fig. 10 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros, em meados da década de 70	58
Fig. 11 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros.....	59
Fig. 12 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros.....	59
Fig. 13 – Vista parcial do bairro Vila Manaus, Criciúma/SC.....	64
Fig. 14 – Vista parcial do bairro Cidade Mineira Velha, Criciúma/SC.....	65
Fig. 15 – Vista parcial da Av. Assembléia de Deus, no bairro Cidade Mineira Velha, Criciúma/SC.....	66
Fig. 16 – Dona Nilza e as lembranças da família	70
Fig. 18 – Dona Nilza e a lembrança do esposo.	71
Fig. 19 – Dona Nilza a Casa.....	72
Fig. 20 – Dona Nilza, o exterior da casa, o cuidado com os canteiros.	72
Fig. 21 – Dona Nilza, o exterior da casa, o mosaico no degrau de acesso à área de serviço.....	72
Fig. 22 – Dona Nilza, o exterior da casa, o cuidado com o jardim lateral da casa.	72
Fig. 23 – Dona Santina, a única foto na casa, ela e o marido.	75
Fig. 24 – Dona Santina, o Habite-se da casa.	76
Fig. 25 – Dona Santina, a Casa.	77
Fig. 26 – Dona Santina, a casa do vizinho ainda com características originais.....	77
Fig. 27 – Dona Santina, a casa ampliada para um maior conforto.	77
Fig. 28 – Dona Santina, o quintal da casa.	78
Fig. 29 – Dona Santina, o quintal da casa.	78
Fig. 30 – Dona Santina, a antena parabólica.	80
Fig. 31 – Dona Santina, a cultura do jardim e a área da frente.	80
Fig. 32 – Dona Santina, as imagens dos santos que a protegem.	80
Fig. 33 – Célio, em sua juventude, no Bairro Vila Manaus, na década de 80.	82
Fig. 34 – Célio, a cama (o lugar que mais gosta na casa).....	84
Fig. 35 – Célio, a primeira morada da família – Lot. Popular.	84
Fig. 36 – Célio, a rua 7 da Vila Manaus.	85
Fig. 37 – Célio, o final da rua é a casa de Célio.	86
Fig. 38 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.	87
Fig. 39 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.	87

Fig. 40 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.	87
Fig. 41 – Célio, o desenho do bairro e da casa.	88
Fig. 42 – Gráfico: Quantos anos moram no bairro.	91
Fig. 43 – Gráfico: Origem dos entrevistados.....	92
Fig. 44 – Gráfico: O que mais gostam no bairro.	93
Fig. 45 – Gráfico: O que mais gostam em suas casas.....	94
Fig. 46 – Gráfico: O mais importante no seu bairro.....	95
Fig. 47 – Gráfico: O mais importante na sua casa.....	96
Fig. 48 – Vista da cozinha de Dona Santana.....	97
Fig. 49 – Vista da cozinha de Dona Lourdes.....	97
Fig. 50 – Vista da cozinha de Dona Vilma.....	97
Fig. 51 – Gráfico: Modificações nas casas.....	98
Fig. 52 – Gráfico: A saudade quando sai do seu bairro.....	99
Fig. 53 – Gráfico: As lembranças que tem do bairro quando está fora.	100
Fig. 54 – Gráfico: Outros locais que gostariam de morar.	101
Fig. 55 – Gráfico: Os locais freqüentados no bairro.....	102
Fig. 56 – Gráfico: Os locais que evitam ir no bairro.	103
Fig. 57 – Gráfico: Desenho do bairro.....	104
Fig. 58 – Gráfico: Desenho da casa.....	104
Fig. 59A – Desenho do bairro feito pelo morador, 12/2004.....	106
Fig. 59B – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.	107
Fig. 59C – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.	108
Fig. 59D – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.	109
Fig. 60 A – Desenho da casa feito pelo moradores, 12/2004.....	110
Fig. 60 B – Desenho da fachada da casa feito pelo morador, 12/2004.....	111
Fig. 60 C – Desenho da casa feito pelo morador, 12/2004.....	111
Fig. 61 – Vista das fachadas alteradas das casas nos bairros.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População urbana x população rural, da década de 1940 até 2000.....	15
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASTM - American Society for Testing and Materials
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBCA - Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá
CCU - Companhia Carbonífera Urussanguense
CEPCAN - Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional
CIAM – CONGRÈS INTERNATIONAUX D'ARQUITECTURE MODERN
COHAB/SC – Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina
CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
CSN - Companhia Siderúrgica Nacional
D.N.P.A. - Departamento nacional da Produção Animal
D.N.P.M - Departamento Nacional da Produção Mineral
D.N.P.V - Departamento Nacional da Produção Vegetal
EFDTC – Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina
EMBRAPA - Empresa Brasileira de Produção Agrícola
IAPETC – Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados de Transporte e Cargas.
IBAM - Instituto Brasileiro de Administração Municipal
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPAT/UNESC – Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas da Universidade do Extremo Sul Catarinense
ISER - Instituto Social de Estudo da Religião
ONU – Organização das Nações Unidas
PET - Programa Especial de Treinamento
R.F.F.S.A. - Rede Ferroviária Federal S. A.
REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano
ROM – Run of Mine
S.E.N.A.- Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura
SIESESC – Sindicato Indústrias de Extração de Carvão de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA	15
2 JUSTIFICATIVA	23
3 OBJETO DE PESQUISA	33
4 OBJETIVOS	33
4.1 Objetivo Geral:	33
4.2 Objetivos Específicos:	33
5 METODOLOGIA.....	34
5.1 Estrutura do trabalho	40
6 CAPÍTULO I – HISTÓRICO.....	42
7 CAPÍTULO II – ANÁLISE DOS DADOS	68
7.1. História de Vida.....	68
7.1.1. História de Vida I – Dona Nilza: moradora do bairro Cidade Mineira Velha.....	68
7.1.2 História de Vida II – Dona Santina: moradora do bairro Cidade Mineira Nova.....	74
7.1.3 História de Vida III – Célio: morador do bairro Vila Manaus	82
8 CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	91
CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS	118
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	122
ANEXOS	124
APÊNDICE	133

INTRODUÇÃO

Este estudo é resultado de uma investigação teórico-prática a respeito da questão ambiental urbana, tendo como referência básica um loteamento popular, localizado no Município de Criciúma/SC, projetado em 1957, para as famílias de mineiros da indústria do carvão local, chamado de loteamento Cidade dos Mineiros.

O traçado viário desse loteamento é curioso, pois diverge da quadrícula ortogonal de outros loteamentos e mesmo do emaranhado de vias existentes em Criciúma, como resultado do crescimento urbano desordenado e sem planejamento, já que as primeiras vias eram antigos caminhos que levavam as antigas minas de carvão.

Nossa experiência, como Arquiteto e Urbanista, trabalhando no órgão de Planejamento Urbano da Prefeitura Municipal de Criciúma, colocou-nos diante de dilemas e dúvidas perante o crescimento urbano do Município de Criciúma.

Com o passar dos anos, alguns questionamentos foram respondidos, porém muitos outros ainda permaneciam sem respostas, já que só o urbanismo não poderia responder a tais questionamentos, como: Por que o loteamento não foi totalmente implantado? Como se deu o processo de ocupação do loteamento original e dos bairros com o passar dos anos? Qual foi o papel da municipalidade, dos mineradores, da população? Como a população se sente, morando hoje, nos bairros, que se formaram na área do antigo loteamento? Como os moradores vêem as suas casas e o seu bairro? Como é a satisfação na sua moradia, com a sua vizinhança? Quais os locais importantes para os moradores?

Os atuais instrumentos de planejamentos urbanos, tradicionais, burocráticos, cartorários, legais não dão conta dos problemas urbanos, o que nos levou a um novo olhar de Planejamento Urbano, não só apoiado na técnica, mas sim na técnica e nos sentimentos existentes nos moradores.

A opção de estudar essas lacunas, existentes entre a intenção de projetar, a elaboração do projeto, a execução do loteamento e os resultados visíveis após quase 50 anos, fizeram com que procurássemos instrumentos de análise de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia Ambiental.

A Psicologia Ambiental tem como objetivo a análise das relações psicossociais estabelecidas entre as pessoas e seu entorno sóciofísico, além de constituir importante fonte de subsídios para outros estudos, como os urbanísticos. Sua prática dá-se no campo multidisciplinar, pois, pensar as relações do indivíduo com o meio-ambiente, sem pensar os

aspectos psicossociais e físicos dessa relação é uma tarefa inglória. “É preciso que as pessoas cheguem em casa e encontre o seu endereço. É preciso que se identifiquem com uma parte da cidade, com um pedaço de rua. É preciso dar identidade à moradia” Wilhelm (1998) p.88.

Como a Psicologia Ambiental é um campo multidisciplinar, que estuda as relações do indivíduo com o meio ambiente em seus aspectos sociais e físicos, atua com interesse nos aspectos do inter-relacionamento dos seres humanos com o ambiente, que pode ser o ambiente construído e o natural. Possui algumas características que estão presentes nesta dissertação, como a multidisciplinaridade, o aspecto multimetodológico, já que não utiliza um método preferencial e a historicidade, principalmente na relação do indivíduo com o tempo, no sentido da história pessoal.

A participação, avaliação e postura do indivíduo, perante o ambiente, é base para as análises dentro da Psicologia Ambiental, as quais servirão de subsídios para futuras intervenções ambientais e ações de planejamento urbano.

Ainda, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, no início da década de 1990, pudemos experimentar, dentro do Grupo PET – Programa Especial de Treinamento, financiado pela CAPES, algumas experiências metodológicas que tratavam da multidisciplinaridade nas questões urbanas, principalmente nos estudos de Kevin Lynch.

Quando da aprovação no Curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – Mestrado, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, em dezembro de 2002, a possibilidade de trabalhar com a multidisciplinaridade tanto do corpo docente, quanto do corpo discente, estimulou-nos a outro olhar e não apenas pensar a pesquisa com o olhar técnico.

O meio ambiente urbano não está restrito apenas à cidade física, e sim à relação da natureza com os fatores sóciopolíticos e econômicos, que edificam a cidade como a vemos. Portanto conceituamos cidade como a relação da natureza com os fatores sóciopolíticos e econômicos.

Nesse sentido, como Arquiteto e Urbanista, a linha de pesquisa que o Mestrado em Ciências Ambientais ofereceu e nos interessou foi Meio Ambiente e o Espaço Urbano, onde foi trabalhada a questão ambiental de forma multidisciplinar. As discussões foram priorizadas na produção e sustentabilidade das cidades, apontando as dificuldades e limitações do atual planejamento urbano, além de outras potencialidades de planejamento e gestão ambiental urbanos.

Utilizando as definições do pesquisador Enric Pol, professor e pesquisador da Universidade de Barcelona, os seres humanos necessitam, como os animais, de marcações de seus territórios, utilizando referências que os ajudam a orientar-se, mas também preservando sua identidade, criando um lugar com sentido, chamado de apropriação. Ao adaptar o espaço às suas necessidades dão-lhe características próprias.

Os conceitos básicos da Psicologia Ambiental como a Apropriação do Espaço Urbano, Place Identity (Identidade do Lugar), Proshansky (1978), Place Attachment (Sentimento de Pertença), Proshansky (1978) e Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, Sansot (1976), enraizamento, cultivação, dentre outros, constituiu-se numa possibilidade de construção de novos instrumentos para o Planejamento Urbano.

Anterior a essa análise, buscou-se verificar o processo sócio-histórico-econômico do local de moradia dos personagens desta dissertação, como um resgate histórico dos fatos ocorridos na formação dos bairros, objeto deste estudo.

1 CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA

O Brasil é um país que se urbanizou muito rapidamente, transformando-se de um país rural em um país eminentemente urbano. Esse processo transformou a sociedade brasileira, produzindo uma urbanização desigual, gerando inúmeros problemas, de ordem ambiental, econômica, social e jurídica. Conforme Santos (1994, p.85):

[...] **foi entre 1940 e 1980, que deu-se a verdadeira inversão** quanto ao lugar de residência da população brasileira. Segundo o mesmo autor, há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, a população total do Brasil triplica, enquanto que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia, hoje (1994) a população urbana passa dos 77%.

Essa urbanização se consolida, também, pelo acentuado processo de industrialização do Brasil, a partir de 1930, quando os interesses urbanos, ligados à classe industrial, conquistavam a hegemonia na orientação da política econômica, porém não rompiam com as relações dos grandes proprietários fundiários.

O aumento da população urbana é visível, em observação aos Censos do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1: População urbana x população rural, da década de 1940 até 2000.

DÉCADAS	POP. TOTAL	POP. URBANA	POP.RURAL
1940	41.236.315	12.880.182	28.356.133
1950	51.944.397	18.782.891	33.161.506
1960	70.070.457	31.303.034	38.767.423
1970	93.139.037	52.084.984	41.054.053
1980	119.002.706	80.436.409	38.566.297
1990	146.825.475	110.990.990	35.834.485
2000	169.799.170	137.953.959	31.845.211

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹.

¹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas Históricas do Brasil**. v.3. Rio de Janeiro, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil**. v.56. Rio de Janeiro, 1996

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Contagem da População 1996**. v.1. Rio de Janeiro, 1997.

Pode-se notar que a população rural se manteve crescendo até meados da década de 70. Após esta década, houve um aumento, em grande proporção, da população urbana. Conforme dados da EMBRAPA - Empresa Brasileira de Produção Agrícola:

Para o Brasil como um todo, as taxas de crescimento populacional reduziram-se de quase 3% aa. nas décadas de 50/60, para 1,35% entre 1991/00. A partir dos anos 70, as taxas de crescimento da população rural tornam-se negativas, acentuando-se nos anos 90, com valor superior a -1%aa. Em número de pessoas que migraram, o valor máximo é observado na década 1960/70, com 12,23 milhões de que deixaram o meio rural para o urbano; na última década ainda 8,19 milhões de pessoas migraram.²

Estes dados indicam que para o Brasil, como um todo, o processo de transferência de populações do meio rural para o urbano foi acentuado entre 1960/00. Esse processo tende a se desacelerar porque, segundo os autores citados acima, o estoque da população rural diminuiu ao passo que à crise na economia urbana desestimula as pessoas ficarem nas cidades.

Ainda, segundo dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, foi entre 1940 e 1980 que o Brasil cresceu, em níveis econômicos, com taxas muito altas (equivalente a 7% ao ano), sendo que essa riqueza gerada foi mal distribuída.

Apesar da má distribuição de renda e da concentração das riquezas, o processo de industrialização no Brasil trouxe para as cidades uma melhora nos indicadores sociais, principalmente devido ao aumento da rede de abastecimento de água, ampliação da rede de tratamento de saúde, aumento da escolaridade e acesso aos direitos sociais no trabalho urbano, sendo estes um grande atrativo às populações na busca às cidades.

O processo de evolução do crescimento da população urbana também gerou muitas conseqüências, entre as quais o agravamento do quadro de exclusão social, evidenciando a violência e a marginalização urbanas, que hoje preocupam tanto os moradores quanto os governos das cidades e os organismos internacionais.

O inchaço urbano das cidades, em direção às periferias, é, na maioria das vezes, ilegal, ou seja, não respeita a legislação urbanística de uso do solo e código de obras. Durante décadas, esse tipo de ocupação esteve à margem dos financiamentos públicos, sem nenhuma orientação técnica de profissionais públicos para este fim, nem sequer o de profissionais

² ALVES, Eliseu; CONTINI, Elisio; LOPES, Mario. Disponível em: <<http://usr.solar.com.br/~elisioc/doc/migrur.doc>>. Acesso em: 05 jan. 2004. Alves e Contini são pesquisadores da Embrapa; Lopes é pesquisador da Fundação Getúlio Vargas - e-mail: eliseu@sede.embrapa.br

privados, estes totalmente voltados às classes com poder econômico elevado. A população teve que se estabelecer como pôde.

Essa população encontra-se marginalizada pela situação como se apresenta a cidade, ou seja, vem ocupando áreas ambientalmente frágeis, vivendo à beira de córregos, várzeas inundáveis, áreas de depósitos de rejeitos piritosos, como na cidade de Criciúma/SC, em áreas menos valorizadas pelo mercado imobiliário formal.



Fig. 1 – Vista parcial do bairro Vila Manaus/Vila Progresso, Criciúma/SC³.
Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma, Secretaria de Comunicação. Arquivo Histórico de Criciúma.

Segundo Tsiomis (1994, p.132): “atualmente parece ser impossível administrar o meio urbano com os instrumentos administrativos, jurídicos e mesmo técnicos/estéticos habituais”. Segundo Gonçalves (2002, p.92):

A cidade tem uma história. É produzida e consumida enquanto centro urbano, oferecendo serviços às populações que a ela recorrem. Mas a cidade não abriga a todos: a uns acolhe e a outros desampara. Aos desamparados ou excluídos das benesses da cidade, são destinadas as periferias onde vão criar e sofrer problemas ambientais graves, pois, geralmente essas populações se acomodam em áreas degradadas sem condições de habitabilidade ou áreas de preservação ambiental, como acontece em Criciúma/SC.

³ No início da década de 90. Área ambientalmente frágil ocupada por população de baixa renda.

Os problemas urbanos não são novos e, numa visão pessimista, estão longe de serem resolvidos: periferias, invasões, alagados, especulação imobiliária, violência, poluição do solo, água e ar vêm assumindo grandes proporções em todas as cidades brasileiras em maior ou menor grau. Para Tsiomis (1994, p.131,132): “a constatação de catástrofe urbana generalizada, passa primeiro por uma redefinição mais precisa de termos como por exemplo o que é o meio urbano. O meio urbano deve ser compreendido e estudado como uma inter-relação do tecido espacial e do tecido social”. Ainda, Tsiomis (1994, p.132) coloca que: “deve ser estudado, conseqüentemente, através da forma como as culturas urbana e social existem, se desenvolvem e convivem localmente a cada momento. Tsiomis também considera que “a oposição entre cidade e campo deixou de ser uma oposição pertinente”. Santos (1994, p.119) coloca que:

[...] as dicotomias do passado, como aquela que se referiu Jacques Lambert, falando dos dois Brasis, substituída depois por uma dicotomia entre o Brasil Urbano e o Brasil Rural, segundo o autor, que hoje pode ser substituída por outra, ou seja, o Brasil Urbano e o Brasil Agrícola. O Brasil Urbano é o Brasil que está presente no meio técnico-científico, área onde as relações de vida tendem a ser mais intensas contribuindo para o processo acelerado de urbanização.

O modelo rodoviário urbano, um molde de planejamento urbano, é essencialmente preocupado com o traçado urbanístico, conforme citado por Souza (2003, p.123). Foi implantado em todos os municípios, para o escoamento dos bens de consumo, desde o início do processo de urbanização brasileira e tende a fortalecer a relação entre a cidade urbana e a rural, quebrando a dicotomia existente, tratada por Santos (1994). O Brasil Urbano e o Brasil Rural, atualmente gozam, em diferentes escalas, das benesses do mundo tecnológico.

Dentro desse quadro, a ocupação urbana do Município de Criciúma constitui um elemento singular no cenário urbano catarinense. Segundo Gonçalves (2002, p.04):

O conflito sócio-ambiental da Região Carbonífera de Santa Catarina, cuja cidade pólo é Criciúma, estabelece-se por um questionável progresso, trazido pela exploração do carvão, e as perdas sócio-ambientais, decorrentes dessa atividade econômica que teve seu auge, num primeiro momento, entre as duas guerras mundiais (1914-1945) e, em segundo momento, nas décadas de 1970 e 1980.

Essa singularidade na configuração urbana apresenta-se como um reflexo de um processo histórico.

Após o primeiro quarto do século XX, Criciúma passa a desenvolver-se economicamente como o centro da mineração no Estado de Santa Catarina, onde a atividade

carbonífera e todas as suas benesses ou não tornam-se moduladoras do espaço (nas vilas operárias) e da sociedade local.

Criciúma cresceu com esse modelo de desenvolvimento, em que antigamente as glebas coloniais e a atividade eminentemente agrícola deram espaço à extração de carvão mineral, não havendo preocupações com a infra-estrutura urbana futura. A atividade mineradora foi a moduladora do espaço urbano e modificador do espaço natural, destruindo a paisagem e os recursos hídricos da região, ou seja, alterando a paisagem natural.



Fig. 2 – Vista parcial do Bairro Nova Esperança, Criciúma/SC⁴

Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma, Secretaria de Comunicação. Arquivo Histórico de Criciúma.

Entende-se como paisagem, aquilo que está diante de nossos olhos, a qual pode ser uma paisagem natural (não antropizada) ou uma paisagem construída pela ação do homem; paisagem urbana, ou paisagem degradada, destruída pela ação do homem.

⁴ No início da década de 90. Onde mostra os depósitos de rejeitos da atividade de extração de carvão.

Santos (1997, p.61) coloca que “a paisagem é tudo o que vemos, o alcance de nossa visão, ou seja, é definida como o domínio do visível, não sendo a paisagem apenas formada de volumes, mas também é formada de cores, movimentos, odores, sons, etc.”

O mesmo autor (p.64) também afirma que a paisagem é a reprodução dos níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais. A paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados. E acrescenta (p.66): “a paisagem é objeto de mudanças, é o resultado de adições e subtrações sucessivas”. “É a marca da história do trabalho e das técnicas”; (p.68).

A paisagem é a marca das modificações da sociedade de acordo com a passagem do tempo.

Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza - UICN (1984), paisagem é definida como: “a expressão do produto de interação espacial e temporal do indivíduo com o meio”. Porém Rocha (1995, p.53) diz que: “a paisagem é fruto da interação dos componentes geológicos, expostos à ação do clima, fatores geomorfológicos, bióticos e antrópicos através do tempo, refletindo hoje o registro acumulado da evolução bio-física e da história das culturas precedentes”.

Segundo Gonçalves (2002, p.55), “O espaço não é paisagem ele contém paisagens” e acrescenta Santos (cristof "GONÇALVES, 2002, p.55) “[...] a paisagem é a materialização de um instante da sociedade. Seria uma comparação ousada a realidade dos homens fixos, parados como uma fotografia. O espaço contém o movimento. Por isso paisagem e espaço compõem um par dialético. Complementam-se e se opõem”.

Segundo Santos (1997, p.73) “O espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente. É a junção da sociedade com o seu modo de viver na materialidade”.

Assim, no espaço urbano, há as mudanças da paisagem durante a passagem do tempo, que servem para a construção deste mesmo espaço, onde as subjetividades estão presentes de forma que seus moradores se relacionem, bem ou mal, com o mesmo espaço que serve como pano de fundo para a vida de cada habitante na cidade.

Na região carbonífera do sul de Santa Catarina, era relativamente comum as empresas mineradoras construírem e alugarem ou até financiarem casas para seus empregados. Eram pequenas casas de madeira, localizadas geralmente nas proximidades das minas, formando assim, as primeiras vilas operárias mineiras. Segundo Carola (1997, p.183):

[...] **foi prática comum na Região Carbonífera de Santa Catarina**, a construção de vilas operárias para atrair e fixar a mão-de-obra na região das minas de carvão. Isso porque no processo de formação da chamada Revolução Industrial, já não bastava manter o controle disciplinar no espaço de trabalho, seria necessário estender esse controle à vida prática, ao cotidiano dos trabalhadores em seu espaço de moradia.

Os investimentos à época, na construção das vilas operárias, fora feito dentro das premissas de construção da sociedade capitalista, onde a disciplinarização e dominação dos operários foram feitas para garantir a produção. Segundo Rago (1997, p.135):

A habitação do pobre não escapará ao desejo de subserviência do proletariado perante os dominantes. Na moradia operária, a burguesia industrial, os higienistas e os poderes públicos visualizam a possibilidade de instalar uma nova gestão da vida do trabalhador pobre e controlar a totalidade de seus atos.



Fig. 3 – Vista da Vila Operária do atual Bairro Santa Bárbara, Criciúma/SC⁵
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma.

Um dos resultados concretos na perpetuação dessa afirmação acima foi a elaboração de um projeto urbanístico de loteamento que tinha a intenção de buscar recursos federais para a implantação desse, assim como, manter a situação de subserviência da população mineira na Cidade de Criciúma, através das infra-estruturas que até hoje estão por vir.

⁵ No início do século XX

Esse loteamento, elaborado dentro das premissas do urbanismo racionalista, que estava na moda na época, já que a Capital Federal foi planejada assim, viria a ser um palco fértil para a materialização histórica das relações sociais entre os moradores, os mineradores e a municipalidade. Isso porque, nesse loteamento, todos os processos de vida urbana estão presentes nas mentes dos atuais moradores, na luta constante na defesa da habitação e na busca constante da manutenção e execução da infra-estrutura.



Fig. 4 – Desenho artístico original do Loteamento Cidade dos Mineiros, Criciúma/SC, ano de 1957
Foto: Reprodução do arquivo do Arq. Fernando Jorge da Cunha Carneiro.

Para se entender o processo de apropriação, nos diferentes bairros resultantes do antigo loteamento Cidade dos Mineiros, algumas perguntas fundamentais se fazem necessárias:

O processo de apropriação de espaço foi efetuado neste loteamento?

O planejamento apenas tecnocrático foi capaz de cumprir seus objetivos iniciais, quais sejam: habitar, circular, trabalhar e divertir-se?

2 JUSTIFICATIVA

Durante décadas, o padrão das ocupações humanas, no município de Criciúma/SC, teve a convivência legal do poder público (municipal e estadual), na extensão dos seus serviços e na valorização dos vazios urbanos, com lucros exclusivamente ao setor imobiliário local. A exclusão social desse “comércio” constitui um obstáculo para o acesso a áreas adequadas à moradia. Como exemplo, temos, em nosso município, grandes vazios urbanos e áreas, onde se implantou conjunto de habitações populares, que foram, no passado, depósito de lixo e de rejeito piritoso (carvão).

”

Na região Carbonífera , a problemática está bastante colocada pelo fato de termos, no processo de exclusão social, um espaço destinado à pobreza, qual seja, as áreas cobertas por rejeitos do carvão. Pode aparentemente ser paradoxal, mas as outras áreas ocupadas pela pobreza são as de preservação ambiental. Isto é exemplo de crescimento urbano que não está associado a investimentos de infra-estrutura e à oferta de serviços urbanos (GONÇALVES, 2002, p.92).

O ônus dessa exclusão social ocorre, num primeiro momento, pela ociosidade da infra-estrutura próxima existente e, em seguida, devido ao aumento das distâncias a serem vencidas pela população, recaindo os encargos da infra-estrutura de equipamentos e serviços urbanos a todos os moradores de nosso município, à municipalidade; porém as pessoas comuns não percebem isso.

Para se realmente compreender o alcance de tal situação, segundo Lefebvre (1991, p.117):

[...] basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para a estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retornar à tarde o mesmo caminho e voltar para casa a fim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte. O quadro dessa miséria generalizada não poderia deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das ‘satisfações’ que a dissimulam e que se tornam os meios de eludi-la e evadir-se dela@

A ação pública, nas últimas décadas, na implantação de loteamentos populares não conseguiu garantir a defesa do interesse coletivo, quando a legislação urbana criou um “modelo de cidade ideal”, rotulando e delimitando toda a área urbana num estilo de vida das elites.

O que se vê, geralmente, na implantação destes loteamentos, é o grande esforço para a população moradora se adaptar a alguns traçados urbanos, que não têm nenhuma relação prática com a vida dessas pessoas. Anteriormente à execução do loteamento, a população não foi ouvida se isso é de interesse e por que ser assim e não de outra maneira.

Bosi (2003, p.177) usa uma metáfora de Simone Weil, onde descreve:

[...] **metáfora de Simone Weil, ganharia uma força inesperada se enxergássemos** nos loteamentos populares como a terra é raspada pelo trator que condena o solo à esterilidade. Roubando-se a camada de terra-mãe, fértil, escura, o morador fica impedido de plantar no torrão árido e vermelho sobre o qual assenta a casa. E a palavra 'homem' deriva de 'húmus', chão fértil cultivável. Assim começam os bairros de periferia, despojando o homem da terra de sua própria humanidade⁶"

Mas isso não é só culpa da legislação urbana, como também de uma associação de fatores diversos, que atuam na área habitacional, quer por interesses particulares, imobiliários ou mesmo públicos.

Com discursos populistas do acesso à casa própria, o número de loteamentos populares, cheio de unidades habitacionais, transformou-se na meta política clientelista.

As políticas públicas eram formatadas de cima para baixo, no caso sob a orientação equivocada do arrogante planejamento urbano, importando modelos externos de gestão urbana.

Ainda hoje, sob a ótica da democracia, algumas políticas ainda são elaboradas e colocadas em prática de forma igual à que foi consolidada no passado; apenas se faz um jogo de participação popular, com decisões finais tomadas em gabinete.

⁶ Bosi explica nesse livro o que é enraizamento: O Enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.



Fig. 5 – Vista parcial do Loteamento Vila Natureza, Criciúma/SC⁷

Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma, Secretaria de Comunicação. Arquivo Histórico de Criciúma.

As áreas disponíveis para o assentamento da população de baixa renda no município de Criciúma, sempre foram áreas de risco ambiental, caracterizado pela presença do alto grau de rejeitos piritosos das minas de carvão ou em margens de rios poluídos por esta atividade econômica.

Os loteamentos populares em Criciúma sofrem de um mal crônico desde as suas implantações. A municipalidade preocupa-se fortemente em abrir as ruas (calçamento, coletas de águas superficiais, iluminação), levantar a casa, geralmente iguais às outras (como se as pessoas fossem iguais e com as mesmas necessidades) e acredita que tudo está resolvido.

Não há uma preocupação com a qualidade na implantação dos loteamentos, e sim uma urgência em se executar as edificações.

Bitoun (2003, p.303) informa que:

As intervenções em conta-gotas no habitat das periferias urbanas dão-se em nome da necessidade ou da redução dos riscos e muito pouco em nome do incremento da qualidade. Há conquanto durar essa postura do urbanismo, um contexto que se mantém favorável a uma cidadania limitada e apartada (a cidade formal, onde se discute a qualidade, e a cidade informal, reduzidas às urgências quando qualquer

⁷ No início da década de 90. Loteamento Popular formulado nos moldes dos projetos da COHAB/SC.

coisa serve e que se dispensa o controle); investida por práticas clientelísticas na alocação de recursos.

Não há uma continuidade de ações, não há uma implantação definitiva de todos os equipamentos urbanos previstos, não há um trabalho com essas pessoas mais individualizado: isso tudo reflexo da estrutura administrativa e da política falha de anos, ainda mantida.

Quando não satisfeitos politicamente com a execução de um semiloteamento, pois entende-se que loteamento deva possuir toda a infra-estrutura prevista em Lei, parte-se para outro e outro, deixando, à mostra, as cicatrizes destas obras políticas à vista de todos. Cabe, então, à população moradora ficar e esperar as barganhas políticas das próximas eleições.

Para Lefebvre (1991, p.104), “as necessidades urbanas específicas não seriam necessidades de lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontros, lugares onde a troca não seria tomada pelo valor de troca, pelo comércio e pelo lucro? Não seria também a necessidade de um tempo desses encontros, dessas trocas ?”

Diante dessa questão, urge se repensar o espaço urbano para ir além da sociedade moderna industrializada. Para Lefebvre (1991, p.111) essa:

[...] reflexão urbanística propõe o estabelecimento ou a reconstituição de unidades sociais (localizadas) fortemente originais, particularizadas e centralizadas, cujas ligações e tensões reestabeleceriam uma unidade urbana dotada de uma ordem interna complexa, não sem estrutura mas com uma estrutura flexível e uma hierarquia. Mais precisamente ainda, a reflexão sociológica visa ao conhecimento e à reconstituição das capacidades integrativas do urbano, bem como às condições da participação prática.

Aos planejadores urbanos públicos, diante desse quadro, cabe atualmente, não somente o ato de projetar edifícios e espaços “populares”, mas espera-se desse profissional o engajamento com a comunidade, na redefinição e reconstrução desta mesma sociedade. Não concebida somente na técnica, mas sim com a associação da técnica com a história, a técnica com a sociologia, a técnica com a psicologia e, o mais importante, com a participação dos moradores desde o início do ato de projetar, buscando com isso estabelecer nos futuros moradores a valorização do seu futuro abrigo e das áreas de vizinhança.

Gonçalves (a) (2003, p.279) indica que: “O planejador urbano não pode perder de vista a direção do movimento social, isto é, permanecer atento a que processo histórico que está sendo construído, por quais atores, tendo em vista quais interesses. Só assim terá relativa clareza dos limites e do alcance de sua capacidade de intervenção.”

As políticas habitacionais, de caráter “politiqueiro”⁸, associadas às questões econômicas locais nos últimos 30 anos, determinou, como reflexo, o contínuo aparecimento de conjuntos habitacionais populares em nosso município. A habitação, que é construída nestes loteamentos, estará comprometida com a qualidade sócio-ambiental e com a qualidade de vida das pessoas que ali vivem ou por ali transitam.

Silva (2003, p.29) informa que: “A recente história urbana do Brasil comprova que temos sido injustos com nossas cidades e que as práticas de exclusão, apartação e segregação sócio-espacial são freqüentes.”

Antes de definir um espaço para a aplicação destes loteamentos o mesmo deve ser pensado: Por que construir neste local e não em outro? Que impacto a construção irá causar no bairro, na região, na cidade? Este espaço irá satisfazer os futuros moradores? O que precisa ser feito para que o empreendimento ofereça qualidade ambiental a toda comunidade? E o modelo de tipologia de ocupação urbana de uma região, é mantido? Ou se cria modelos importados de qualidade urbanística “duvidosa”?

Quando se projeta, particularmente, para as “elites”, no ato de projetar, o arquiteto transporta-se para a futura construção, vendo-se habitar nesta, se a esse a edificação está ou não de acordo com gostos e necessidades particulares, observando, ou até contornando as questões econômicas, porém quando se projetam as habitações populares, será que faz esse exercício? O ser humano muda? É diferente? O que rege é somente a questão econômica? Será que se cumpre na prática, o papel teórico da profissão do arquiteto?

A casa é o primeiro referencial do ser humano, sendo uma das coisas mais importantes para o indivíduo, pois é nela que estão todas as representações do seu modo de ser e de agir perante o mundo. Além de ser abrigo, é a casa o espaço de referência no mundo. É neste espaço que o indivíduo irá crescer e desenvolver-se como ser humano.

No município de Criciúma, um dos graves problemas ambientais diz respeito à falta de uma rede de esgotamento sanitário completo, pois hoje o município, segundo dados da Secretaria de Meio Ambiente, conta com apenas 3% de captação e tratamento dos esgotos sanitários.

Pode-se dizer que os habitantes de Criciúma criaram um costume: agredir o meio ambiente natural. Isso porque a cidade foi construída sobre o Rio Criciúma, mostrando um total desprezo pelo rio. Aliado a isso, a atividade de extração de carvão veio completar o

⁸ Entende-se por ‘Politiqueiro’, segundo o dicionário Aurélio: 1. ‘Diz-se daquele que se ocupa muito com a política partidária.’ 2. ‘Diz-se daquele que, em política, usa de processos menos corretos, faz politicagem; politicante, politicóide’

aspecto que muitos moradores antigos lembram: o de uma cidade suja. Até hoje existem áreas de depósitos de pirita, onde se pode verificar tal realidade.



Fig. 6 – Vista parcial do Rio Criciúma no centro da Cidade de Criciúma/SC⁹
Foto: Giuliano Elias Colossi, nov./2003.

As pessoas se acostumaram a tirar o máximo de proveito dos recursos naturais, sem devolver nada para a natureza. Em pesquisa feita pelo IPAT-UNESC (2000), é visível uma dificuldade da população em conviver entre a vegetação urbana existente nas ruas e preservar 20% de área de infiltração da água da chuva no solo, mostrando, com isso, ainda uma visão antiga de que a natureza está aí para ser usada indiscriminadamente pelo ser humano.

A cidade é, por sua vez, uma extensão da casa, e nela também poderemos verificar os efeitos da cidade sobre o indivíduo e vice-versa. Poderíamos até propor que, se numa comunidade de uma cidade, onde há satisfação com suas moradias, com suas unidades de vizinhança e com seus bairros, os problemas que vierem a surgir seriam mais bem contornados coletivamente.

⁹ A área central de Criciúma foi edificada, no passado, sobre o Rio Criciúma. Na foto nota-se uma construção, do início da década de 70, de um edifício de 10 andares sobre o rio.

As dificuldades geradas com o êxodo rural e o conseqüente inchaço das cidades acarretam uma gama de problemas de difícil resolução, como: problemas de ordem ambiental, econômica, social, jurídico.

O processo de crescimento da população urbana agravou o quadro da exclusão social, marginalização, geração de violência, que tanto preocupam os governantes, além dos próprios moradores. As políticas públicas de assentamento da população de baixa renda ou de nenhuma renda, recentemente, deveriam utilizar as determinações de organismos internacionais, que, a partir da “Agenda 21”, resultado da conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente em 1992, estabeleceu estratégias de sustentabilidade:

- c) política habitacional, incorporando os aspectos de sustentabilidade ambiental nos programas, projetos e empreendimentos que associam à geração de emprego e renda, ao uso de tecnologias inovadoras e de revalorização das técnicas tradicionais, à preocupação com a geração de recursos para a manutenção e ampliação, considerando as especificidades e diversidades dos grupos sociais envolvidos.
- d) promover mudanças nos procedimentos utilizados para lidar com assentamentos e com projetos habitacionais, passando a levar em consideração o conforto, a qualidade ambiental e a ecoeficiência, com o máximo aproveitamento de materiais reciclados e apropriados; especificidades e diversidades dos grupos sociais envolvidos ¹⁰

Todas as políticas de habitação deveriam levar em conta as bases culturais da própria população usuária dessas políticas urbanas.

Um projeto de um loteamento, que leva somente a vontade e o desejo de um planejador ou de um político, estará fadado, ao fracasso uma vez que esse não levará em conta as subjetividades dos seus futuros moradores e a preservação da casa, do seu entorno e do seu próprio bairro, tanto social quanto ambientalmente, implicadas nestas subjetividades que estão implícitas no processo de apropriação.

Subjetividade, aqui entendida na visão de Rivière (*crwf* GONÇALVES, 1989, p.75), é: “nosso mundo interno onde estão nossos desejos, nossos afetos e nossa própria cognição”. Portanto a apropriação do espaço, segundo Blumer (*crwf* POL, s.d., p.45) “envolve processos afetivos, cognitivos e interativos”.

No processo de ocupação do loteamento, período anteriormente citado, a prática da implantação não leva em consideração a opinião e as bases culturais dos futuros moradores, uma vez que isso é um problema crucial para a administração pública, pois, se não há apropriação, não há preservação. Essa questão nos remete ainda às questões mais amplas

¹⁰ IBAM; ISER; REDEH. **Relatório produzido pelo consórcio parceria 21**. op cit.. p.6,7.

de políticas públicas, como: educação ambiental, saúde, mobilidade urbana, educação, que também não levam em consideração este aspecto.

Em resumo, o método “pode, não pode” da transposição da prática no projetar, dissociado do conhecimento e da cultura da população, tem levado ao processo de não apropriação e *cultivação*¹¹ do espaço urbano.

Brower (*crwf* POL, s.d, p.46) propõe que: “a satisfação com o desenho urbano aumentará fazendo com que o espaço seja mais defendido, incrementando a proteção, através da apropriação do próprio espaço, ou seja, só defendo aquilo que apropriado”. Afirma ainda que:

[...] se deve comprometer os usuários no desenho e na administração dos recursos, adaptando estes empreendimentos as condições sociais, estimulando ao surgimento de signos territoriais, ou seja, quando há identificação forte com espaço, buscar-se-á personalizá-lo, freqüentemente utiliza-se objetos que são símbolos da personalidade (real ou desejada) dos ocupantes e estes são os signos de ocupação (p.45).

Devem-se levar em conta as diferentes formas de apropriação do espaço, e isso passa a ser fundamental para se produzir outra relação com a cidade, criando espaços de convivência, para que a população possa experimentar as benesses da cidade.

Kohlsdorf (1996, p.51) coloca que uma pesquisa psicossocial poderá dar sua contribuição epistemológica mais importante, ao entender o espaço como meio ambiente psíquico e percebido, considerando a realidade a partir de sua decodificação pelos indivíduos.

Os técnicos vêm utilizando teorias e representações espaciais que, geralmente, não pertencem ao modo de vida dos futuros moradores. Quando da construção desses espaços, estes podem ser lidos e apropriados por seus usuários, ou não. Como exemplos, os traçados viários dos loteamentos em forma circulares, que causam uma certa dificuldade de visão e de identificação de todo o loteamento por parte de seus moradores, assim como a utilização de tipologias arquitetônicas que, muitas das vezes, não são histórico-culturais da região.

Dentro dessa problemática, o Município de Criciúma, ao longo de sua história, nunca foi contemplado com uma política pública habitacional efetiva, que se preocupe com o meio ambiente urbano associado às subjetividades de seus futuros moradores, vital para a sustentabilidade do ambiente urbano.

¹¹ Entende-se por ‘Cultivação’, segundo o dicionário Aurélio: ‘ato de cultivar’ e cultivar significa: Desenvolver pelo estudo; entregar-se à cultura de; amansar, dedicar-se a; procurar manter, educar, adquirir cultura; desenvolver-se; aperfeiçoar-se.

As políticas públicas adotadas pelos Governos: Federal, Estaduais e Municipais, no âmbito de loteamentos populares, muitas das vezes, têm-se limitado ao detalhamento das questões econômicas, burocráticas e imediatistas. Propõe-se que essas políticas públicas também visem às questões urbano-ambientais mais profundamente, as quais, muitas das vezes, não são levadas em consideração.

Este estudo procura verificar as relações dos moradores com o espaço que foi projetado para sua apropriação, pois segundo Pol (s.d., p.46):

Todo o espaço apropriado é um espaço de significados, no qual transmito para este a afetividade em meus atos e minhas palavras, o que chamamos de apropriação é o universo de significados que constituem a cultura e o entorno do sujeito, fiscalizado através do tempo num espaço vazio que define um lugar com sentido.

Neste estudo utilizaremos alguns conceitos presentes na psicologia ambiental para dar respostas às indagações existentes.

Moser (1997, s.p) diz que: “A psicologia ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as inter-relações, entre a pessoa e o ambiente físico e social.” O mesmo autor coloca que a relação do indivíduo com o tempo é importantíssima para a psicologia ambiental, ou seja, a dimensão temporal projetada para o futuro as referências ao passado. Talvez, por isso, um resgate histórico seja indispensável para se entender os problemas atuais.

Outro conceito muito importante em psicologia ambiental é o espaço físico, pois neste estão materializados fisicamente os sonhos, desejos e, segundo Gonçalves (2003, p.17), onde: “o conhecimento do espaço é condição *ukpg's wc 'pqp* para a sua apropriação.”

Para compreender essa dinâmica, utilizaremos, como eixo metodológico, o conceito de apropriação, pelos moradores desse espaço que se tornará um bairro. Segundo Sansot (*crwf* POL, s.d., s.p): “a apropriação é todo aquele tipo de prática através das quais deixamos nossa marca em algo ou alguém e assim torna-se nosso”. Afirma ainda que: “nos apropriamos da cidade se nos identificamos com ela”.

Ainda acrescenta Sansot (*crwf* POL, s.d, s.p): “a pessoa só se apropria daquilo que se identifica”. Por sua vez, Gonçalves (2002, p.33) coloca que: “a casa tem um significado importante para todo o ser humano, ela é simbólica e seu abrigo na terra. Sua orientação no mundo. A casa inspira segurança e proteção. Cada cultura tem diferentes jeitos de usá-la, de construí-la, de ornamentá-la”. Para Valera (*crwf* "GONÇALVES, 2005, s.p): “a casa e seu entorno é o espaço onde a pessoa habita”.

Há diferenças entre os atos de morar e habitar, conforme Gonçalves (2002, p.60):

”

Morar é localizar-se em algum lugar e habitar, além de localizar-se em um lugar é a apropriação de todos os espaços, que podem ser o físico, o simbólico, o emocional e o cultural, onde a pessoa se relaciona com a edificação física propriamente dita, os elementos que simbolizam algo, transpostos em elementos de adornos internos ou externos à edificação, as coisas que tocam o emocional, às vezes sem explicações racionais e sua própria cultura¹²

¹² GONÇALVES, Teresinha Maria. **O Processo de Apropriação do Espaço Através dos Modos de Morar e Habitar o Lugar**. op.cit. p.60.

3 OBJETO DE PESQUISA

O processo de apropriação do espaço urbano em loteamentos populares

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral:

Analisar o processo de apropriação do espaço urbano de um loteamento popular pelos moradores.

4.2 Objetivos Específicos:

- 1) Recuperar o histórico de ocupação do loteamento, entre o período da implantação do loteamento em 1957 até a década de 90;
- 2) Recuperar, historicamente, a evolução do loteamento Cidade dos Mineiros, projetado por CARNEIRO¹³ (1957);
- 3) Identificar o processo de apropriação do espaço pelos moradores;
- 4) Contribuir para a criação de uma metodologia de planejamento urbano para aplicação dentro das Políticas Públicas, que contemplem não só os aspectos concretos e conceituais, bem como a questão urbano-ambiental.

¹³ Projeto arquitetônico e urbanístico elaborado pelo arquiteto Fernando Jorge da Cunha Carneiro, no ano de 1957.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, do tipo explicativa e, segundo Gil (1996, p.46), “a pesquisa qualitativa facilita a identificação dos fatores que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Estes, estudados na psicologia ambiental, são bem complexos, e esta não utiliza um método preferencial.

Nesta pesquisa, o fenômeno a ser estudado será o processo de apropriação do espaço em loteamentos populares arbitrariamente implantados.

Segundo Oliveira (1997, p.117), “a pesquisa qualitativa propõe-se a descrever a complexidade de uma determinada hipótese e classifica os processos dinâmicos experimentados por grupos sociais”. Esta pesquisa buscará identificar estes processos dinâmicos dos indivíduos estudados, ou seja, os processos afetivos, cognitivos e interativos (relação com o coletivo).

Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas, pois permite um maior grau de profundidade, interpretando as particularidades dos comportamentos ou atitudes de indivíduos ou de comunidades. Isso porque o aprofundamento das particularidades ou atitudes não são apenas deduções.

O principal método empregado foi o Estudo de Caso, que, segundo Gil (1996, p.47), “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento” (o processo de apropriação) e seguirá um roteiro preestabelecido, ou seja, a delimitação do objeto de pesquisa (físico e histórico), a coleta de dados, a análise e interpretação dos dados e a redação final. A História de Vida, que será utilizada na primeira amostra, caracteriza-se como método auxiliar.

Num primeiro momento, fez-se uma revisão bibliográfica, com material referente à problemática habitacional, bem como seus desdobramentos ao ambiente urbano e natural. Segundo Oliveira (1997, p.119), “a pesquisa bibliográfica tem por finalidade o conhecimento das diferentes formas de contribuição científica, as quais geram diferentes bibliografias à respeito de um assunto ou fenômeno”.

As técnicas de coleta de dados foram entrevistas livres e estruturadas, questionários, verificação de fotos e aerofotos antigas, croquis e diário de campo. A técnica de análise dos dados foi a análise de conteúdo, utilizando-se Bardin (1978).

Esse método consiste em eleger categorias de análise que podem ser tanto um conceito expresso numa frase quanto numa palavra, numa idéia, numa imagem.

Essas categorias podem ser capturadas no suporte teórico, como na própria fala do sujeito. A fala passa a ser um texto que o pesquisador contextualiza. Então, a análise seria a leitura do texto no contexto.

Neste estudo, as categorias foram retiradas de conceitos da Psicologia Ambiental, como já descritos na metodologia. Também foi utilizada a análise estatística.

Neste período, utilizou-se um diário de campo, onde foram observadas, em visitas “in loco”, a situação urbana e o aspecto sócio-ambiental do bairro e das áreas próximas que serviram para um real registro e conhecimento do local estudado. As visitas ocorreram uma vez por semana e num passeio a pé ou de ônibus.

O objeto de pesquisa é o processo de apropriação do espaço urbano em loteamentos populares, que, nesta pesquisa, foi verificado por meio de três categorias ou parâmetros, sendo estes:

A) Place Identity (identidade do lugar/residência) - Proshansky (1978);

Apropriação com a identidade do lugar. Para estabelecer a identidade do indivíduo com o lugar, existem dimensões e características do entorno físico que ajudam a estabelecer essa identidade, consciente ou inconsciente, podendo ser sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e condutas referidas ao entorno específico.

A identidade do lugar pode variar de pessoa a pessoa e, às vezes as cidades podem ser agradáveis ao olhar, por mais comum que possa ser a paisagem. A identificação do lugar se dá por meio de uma obra arquitetônica, de um elemento da natureza e mesmo pela lembrança de experiências passadas. Cada morador poderá ter muitas associações de identidade com alguma parte de seu bairro, e estas estarão impregnadas de lembranças e significados.

B) Place Attachment (sentimento de pertença) - Proshansky (1978);

Sentimento de pertença ao lugar, laços com o lugar: esse é o sentido de posse que um ocupante tem a respeito de um território particular pela sua associação com sua auto-imagem ou identidade social. O sentido de pertença não é igual ao sentido da propriedade jurídica.

Pode-se pertencer ao lugar ou não, dependendo de ações que o indivíduo estabelece com o lugar. O fato de um indivíduo mostrar-se orgulhoso pela sua casa, demonstrar sua relação de afinidade com a vizinhança ou mesmo exercer alguma atividade comunitária, identifica-o com o sentimento de pertença ao lugar.

No sentimento de pertença, o indivíduo em linhas gerais, não passa por privações sensoriais nem pela privação dos sentidos, conforme Sennet (1994), imposta por projetos arquitetônicos, havendo uma condição de superar as dificuldades, moldando-as à sua realidade.

C) Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito - Sansot (1976).

É a prática de deixar nossa marca em algo, no caso no lugar e, assim, torna-se nosso.

Altera-se aquilo com que não temos identificação ou nos causa algum desconforto. Na organização interna da casa, decorando-a com elementos, cujos significados nos remete a algum fato ou experiências passadas agradáveis ou melancólicas. Em conjuntos habitacionais, é fato comum surgirem, com o passar dos anos, novas adaptações com fachadas novas, com novas cores e novos elementos arquitetônicos que diferem uma residência da outra. O mesmo acontece nessa personificação com elementos naturais, como na arborização do jardim ou do quintal. Cada elemento de uma casa, onde há personificação do lugar, está cheio de histórias de vida e lembranças, e isso nos remete ao conceito de apropriação.

Para se estabelecer um critério de avaliação, devem-se entender as características de alguns níveis cognitivos, os quais estão relacionados à apreensão de espaço, onde a noção de espaço transcorre desde o nascimento do indivíduo, simultaneamente às demais construções mentais, havendo diferenciações segundo diferentes autores. Porém utilizaremos a definição de Santos (1997, p.71), onde o espaço é: “o conjunto de objetos associados às relações destes objetos ao espaço. Sendo o espaço a resultante destas ações, do homem com o auxílio de objetos naturais e artificiais”.

Os níveis cognitivos que estão relacionados à apreensão do espaço, por meio de atividades mentais, são: as sensações, a percepção, a formação de mapas mentais e a intuição.

Utilizando as definições, segundo Kohlsdorf (1996), as sensações são responsáveis por nosso primeiro contato com os lugares e constituem-se na ligação mais próxima da consciência com a realidade, auxiliando na orientação e na identificação com os lugares. A percepção dos espaços resulta da sensação, havendo uma relação entre a

consciência e a memória. A formação de imagens mentais, por meio de mapas, é entendida como uma atividade de coordenação de imagens e aparece quando o indivíduo atinge um certo grau de desenvolvimento cognitivo que permite simbolizar aspectos externos da paisagem, mesmo não estando diante dela. A autora finaliza com o conceito de intuição e o define como a “lógica” segundo a qual se afirma, mas não se demonstra.

Foi utilizada uma amostra matriz que fez uso de escala temporal, ou seja, foram divididos os entrevistados de acordo com o processo de ocupação e consolidação urbana do loteamento e das áreas vizinhas. Para tanto foram utilizados três critérios de amostragem na escala temporal, ou seja:

- 1) **o primeiro morador**: do final dos anos 1950 até o final da década de 60, personagem que foi morar no loteamento original, financiado pelo IAPETC, na casa projetada, um mineiro da indústria de extração do carvão ou familiar próximo;
- 2) **o segundo morador**: do final da década de 60 até o final da década de 70, personagem que foi morar no loteamento, um mineiro ou familiar próximo, como morador do loteamento original elaborado pela COHAB/SC, no final da década de 60;
- 3) **o terceiro morador**: da década de 80 até o ano 2000, personagem resultado do processo de êxodo rural e empobrecimento da população, trazendo consigo o incentivo público às invasões de forma desordenada.

A localização geográfica da pesquisa compreende uma área de aproximadamente 1,57 Km² e hoje possui uma população, segundo dados do IBGE do ano 2000, de 10.342 habitantes, ou seja, 6,08% da população total de Criciúma.

Essa região, onde se localiza nosso objeto de estudo, possibilitou a verificação dos parâmetros de apropriação, através desta amostragem, uma vez que, na região, as três fases temporais estão bem caracterizadas urbanisticamente, como subáreas de estudo.



Fig. 7 – Aerofoto: Nov/2001, Prefeitura Municipal de Criciúma¹⁴.

¹⁴ Aerofoto da área objeto de estudo, localizando as três subáreas de pesquisa, posicionando o local de residência dos entrevistados, sendo estas divididas nas três fases temporais.

Os primeiros três entrevistados das subáreas, objetos de estudo, foram escolhidos por indicação de um representante do bairro, no caso o Presidente da Associação dos Moradores; os outros 27 subsequentes foram escolhidos pelo método “Bola de Neve”, utilizado por Denzin (1970), Tassara (2000) e Gonçalves (2002), que consiste na indicação por parte do último entrevistado do próximo entrevistado e, assim por diante até o fechamento do nono indivíduo de cada subárea.

Na análise dos três personagens iniciais, além da observação das condições de habitabilidade, através de questionário próprio, para este quesito, realizaram-se as entrevistas livres num primeiro momento e semi-estruturadas, com questões para serem respondidas das histórias de vida, sendo estas o relato pessoal do informante acerca das situações vividas, possibilitando a investigação de fenômenos, além de verificação de registros etnográficos do interior e do exterior das residências por fotografias, documentos e objetos.

As entrevistas foram realizadas em suas residências, primeiramente, nas casas dos três primeiros entrevistados, onde foi feito um agendamento prévio para marcar um horário mais compatível com o morador. Posteriormente, foram transcritas com os nomes reais, o que passou pela prévia aprovação dos entrevistados, com autorização dos mesmos. As entrevistas foram distintas para os três entrevistados iniciais, ou seja, para estes foi efetuada uma entrevista livre, gravada em fitas K7, com todas as informações fornecidas nesta.

Para os outros 27 entrevistados foi realizada uma entrevista estruturada, através de questionário próprio onde os 03 parâmetros foram observados, assim como foi feito um registro etnográfico do interior e exterior das residências dos entrevistados. Posteriormente os dados foram tabulados e analisados estatisticamente. As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados.

A técnica de história de vida, a qual é um método auxiliar, foi realizada com a amostra matriz, conforme citado acima, onde foi efetuada a entrevista. Durante e após esta, foi feita a captura de imagens diversas por fotografia digital e solicitado que os entrevistados desenhassem um mapa mental¹⁵ das áreas onde eles moram, as quais também serão instrumentos de compreensão do objeto de estudo, ou seja, do processo de apropriação.

Na análise dos dados obtidos, estes foram comparados com informações alcançadas a partir de outras fontes, ou seja, às categorias ou aos parâmetros: **Place Identity (identidade do lugar/residência)**, **Place Attachment (sentimento de pertença)** e

¹⁵ Entende-se como Mapa Mental a representação espacial e simbólica do espaço físico, através do desenho, que o entrevistado faz. Ver autores: KOHLSDORF, M. E., **A Apreensão da Forma da Cidade**. p.59 e LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. p.07 e apêndice B

Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, citados acima, para que tenham a validade requerida pela pesquisa científica, assim como se houve ou não o processo de apropriação dos referidos entrevistados.

5.1 Estrutura do trabalho

O texto desta dissertação se organiza na introdução, em dois capítulos, e na conclusão, descritos da seguinte maneira:

- 1) Na introdução, é definido o problema e a justificativa, onde estão associadas as informações relativas ao tema da urbanização brasileira, sempre mantendo as referências ao município de Criciúma/SC e à questão habitacional intimamente relacionada à indústria carbonífera local. Alguns conceitos de Urbanismo, de Geografia e de Psicologia Ambiental também são desenvolvidos nesse capítulo. É descrito o objeto de pesquisa, assim como os objetivos específicos e o geral. Procurou-se aplicar uma metodologia utilizando métodos já aplicados em estudos anteriores, para demonstrar a relevância deste estudo.
- 2) No primeiro capítulo, é desenvolvido o histórico da evolução urbana do antigo loteamento Cidade dos Mineiros e a formação histórica dos bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus. Buscaram-se, para a elucidação das interrogações, alguns estudos já realizados na área objeto desta dissertação, assim como foi realizada uma revisão no histórico da evolução da produção de carvão no Município de Criciúma/SC, intimamente relacionado com a questão habitacional local. Nesse capítulo houve a necessidade de se realizar entrevistas com alguns personagens que vivenciaram a implantação do loteamento a partir do final da década de 1950.
- 3) O segundo capítulo, onde é desenvolvido o estudo, através da análise dos dados, ou seja, a história de vida dos 03 entrevistados e de 27 questionários aplicados, onde foram utilizados como instrumentos de investigação, os conceitos de Place Identity (Identidade do Lugar), Proshansky (1978), Place Attachment (Sentimento de Pertença), Proshansky (1978) e Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, Sansot (1976), pudemos observar, analisar e tabular os dados obtidos na aplicação das

metodologias previamente descritas, onde se verificaram os parâmetros elencados de apropriação, permitindo a compreensão dos dados numéricos obtidos.

- 4) A conclusão traz as considerações finais do estudo, que são descritas a partir dos dados obtidos nos capítulos anteriores, assim como as recomendações ao Planejamento Urbano.

Após, é feita uma lista de referências bibliográficas onde o suporte teórico desta dissertação está vinculado. No apêndice, estão todas as entrevistas transcritas e o modelo do questionário aplicado; nos anexos, encontram-se os documentos importantes para a compreensão da pesquisa, que, por sua natureza e formatação, não estão seguindo a ordem natural do texto, nos capítulos iniciais.

6 CAPÍTULO I – HISTÓRICO

Para se entender o processo de ocupação e posterior urbanização dos Bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus, faz-se necessário um resgate histórico do processo de urbanização do então loteamento Cidade dos Mineiros.

Para a construção desse histórico, foi necessária a busca de informações nas fontes existentes, ou seja, jornais da época e publicações científicas. Porém só essas fontes não foram suficientes para o entendimento do processo de urbanização; então também se realizaram entrevistas com personagens, que viveram na época das mudanças ocorridas, e os porquês dos fatos.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com o Responsável Técnico pelo Projeto Urbanístico do loteamento Cidade dos Mineiros, o arquiteto Fernando J. C. Carneiro, com o então Deputado Estadual e atual Diretor do SIESESC – Sindicato Indústrias de Extração de Carvão de Santa Catarina, Eng. Ruy Hülse, o Eng. Jacy Fretta, ex- engenheiro da Carbonífera Próspera e o Ex-Prefeito de Criciúma, Sr. Algemiro Manique Barreto.

Também foram realizadas quatro entrevistas com antigos moradores do bairro Cidade Mineira Velha, que foi a primeira área a ser implantada do original loteamento Cidade dos Mineiros. Essas entrevistas foram de grande importância para a elucidação das dúvidas e das lacunas existentes nas fontes oficiais.

Com o auxílio das entrevistas e do material publicado já existente, pôde-se traçar o histórico da área de estudo, onde a origem e a execução desse loteamento tem ligação direta com a então indústria do carvão local.

Para tanto, há necessidade de se entender como foi o processo de desenvolvimento da atividade carbonífera na região, seu processo de implantação e toda a infra-estrutura que veio sustentar a atividade, não esquecendo que o processo de extração de carvão também trouxe perdas ambientais à região.

No século XIX, era a Comissão Geológica do Império, criada em 1875, nos moldes do *I gqmqi kecn' Umtxgf* dos Estados Unidos e sob a direção de geólogos norte-americanos, que estudavam e pesquisavam os minerais no Brasil, com fins econômicos.

Já no início do Século XX, antes do Governo do Presidente Getúlio Vargas, o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil estava vinculado à estrutura do Ministério da Agricultura. Porém a partir do Decreto nº 23.979 de 08 de março de 1934, são criados alguns órgãos fundamentais, como: a Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura (S.E.N.A.), o

Departamento Nacional da Produção Mineral (D.N.P.N), o Departamento Nacional da Produção Vegetal (D.N.P.V.) e o Departamento Nacional da Produção Animal (D.N.P.A.).

O Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM – assumiu, por parte do seu departamento de assistência social, a construção e a ampliação de serviços de abastecimento de água, habitações para engenheiros, equipes de topografia, funcionários que vieram se estabelecer em Criciúma, principalmente após 1942.

Campos (2001, p.28) informa que “todas estas ações em virtude do esforço de guerra, no qual o Brasil declara guerra ao eixo (Alemanha/Itália) após bombardeios de navios na costa brasileira”.

O interesse do Governo Brasileiro no carvão catarinense foi muito grande, devido às dificuldades de importação e à escassez de material energético, causadas pelas Guerras Mundiais.

O primeiro grande surto de exploração do carvão catarinense deu-se durante a Primeira Guerra Mundial, pois o Brasil era um importador de carvão mineral. O Estado fornece toda a infra-estrutura para a indústria da mineração de carvão, pois os estudos científicos indicavam que o carvão catarinense, apesar de seu alto teor de cinzas, poderia ser utilizado na indústria siderúrgica.

Segundo Süffert (1997, p.34), o carvão catarinense enquadra-se na categoria dos “Carvões Betuminosos de Alto Volátil A” da classificação ASTM (American Society for Testing and Materials). Segundo o mesmo autor:

Há em suas parcelas vendáveis (uma fração com 15% a 18% de cinzas, utilizável na produção de coque siderúrgico ou de fundição e outra fração com 40% a 45% de cinzas para uso termoelétrico ou industrial) como um produto único, com qualidade intermediária. Os teores de enxofre (de 1,13% a 1,69% em quatro análises de flutuado em densidade 1,50) serão inferiores à média da jazida sul-catarinense. As médias das análises indicam, de modo preliminar, que as percentagens de recuperação de frações úteis no ROM ‘Run of Mine’ deverão ser um pouco inferiores às das minas próximas a Criciúma, talvez devido a trechos com redução parcial dos componentes voláteis motivados por efeitos térmicos de intrusões/’

Entre os anos de 1920 e 1930, houve a estruturação de importantes empresas, como: a Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA), a Companhia Carbonífera Urussanguense (CCU) e a Companhia Próspera S/A. Naquela década, a produção de carvão se manteve estacionária, fazendo com que o Brasil voltasse a importar o carvão da Inglaterra e da Alemanha aos números anteriores à guerra.

Havia também a perspectiva de o Estado Brasileiro investir no setor hidrelétrico e nos derivados do petróleo, estes mais viáveis economicamente.

Com a Segunda Guerra Mundial, outro período de crescimento da extração de carvão se iniciou. Milioli (1999, p.284) descreve que havia outras estratégias de desenvolvimento para o carvão:

Com o advento dos anos 30, novas estratégias de desenvolvimento conferiram um novo grau de importância ao carvão mineral. O estabelecimento de fomento, os incentivos na isenção de impostos e tributos em âmbito estadual e municipal e a adequação infra-estrutural para o transporte do minério via marítima foram medidas que, aliadas aos históricos decretos governamentais de 1931 (decreto nº 20.089) e 1940 (decreto nº 2.667), mais tarde transformados em Leis, trouxeram a perspectiva de um novo olhar para o futuro do produto. No bojo destes decretos, que propunham institucionalizar, regular e traçar aspectos normativos para o aproveitamento do minério de carvão brasileiro, figuravam também, como ponto fundamental, a obrigatoriedade da aquisição, pelo importador, de uma quantidade de carvão nacional correspondente a 10% e 20%, respectivamente, da qualidade total de importação.

Além da obrigatoriedade do consumo do carvão nacional, houve, no Governo Vargas, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1946, a principal compradora do mineral.

No período pós-guerra, na década de 50, houve uma estruturação e algumas medidas institucionais, que fomentaram o Plano Nacional do Carvão. Este pretendia planificar e regulamentar o setor de extração de carvão, criando a Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), vinculada diretamente à Presidência da República.

O carvão catarinense era utilizado para alimentar os trens da Rede Ferroviária Federal S. A. – R.F.F.S.A., para a Companhia Siderúrgica Nacional - C.S.N. e para a produção de energia elétrica pelas Termoelétricas. Mesmo com todos estes usos, o carvão apresentava obstáculos de comercialização e uso, por seu alto custo de produção e sua baixa qualidade.

Apesar destas limitações, Volpato (1994, p.33) coloca que:

”

No entanto, embora estas limitações, entre os anos de 1950 e 1960, na Região Carbonífera de Santa Catarina, mais de duas dezenas de firmas exploravam carvão, além de outras empreiteiras de pequeno porte que operavam em concessão de firmas reconhecidas pela união.

A exploração desordenada, ocorrida nessa fase, colocou toda a biota local em colapso, pois a necessidade e ganância na busca do “ouro negro” fez com que grandes áreas superficiais e subterrâneas fossem mineradas. Os mananciais de água foram poluídos com materiais pesados, e extensas áreas foram cobertas por depósitos piritosos. O resultado do

processo econômico - adotado para a Região Carbonífera - foi muito caro para toda a região. A mecanização do sistema de extração deixou marcas brutais na paisagem natural da região.

Após 1964, as reformas políticas e econômicas no Brasil trouxeram privilégios ao carvão nacional. Houve um reordenamento das instituições nacionais com novas previsões, atribuições, normatizações e pesquisas geológicas sobre a extração do carvão.

A partir da década de 70, com a crise do petróleo, iniciada em 1973, houve a necessidade emergente de traçar metas aos recursos energéticos. O setor carbonífero obteve novos subsídios do governo, pois fazia parte da nova política energética brasileira, além de haver necessidade, na época, de um aumento significativo na produção de carvão. Milioli (1999, p.291) faz um relato dos estímulos governamentais:

Há que se reconhecer que contribuíram para isso os estímulos governamentais aos empresários quando dos chamados incentivos especiais. Estes estavam vinculados a uma política de implementação de projetos, visando à substituição de combustível, baseado ainda em financiamentos facilitadores, com correções monetárias parciais e juros baixos. Por conta disso, o mercado do carvão, que até então estava limitado à termoeletrônica e a siderurgia, passa a ser utilizado nos mais variados setores industriais.

Com o início da Nova República, nos anos de 1983 e 1984, começa a abertura política no Brasil. Com o movimento das “Diretas Já”, o então Presidente do Brasil, General João Batista de Oliveira Figueiredo, segundo os jornais da época, mostrava-se sem vontade de governar, não conseguindo impor à nação seu sucessor, como fizera seu antecessor, Ernesto Geisel.

O futuro da atividade carbonífera, na época, foi questionado, pois o ônus desta atividade e os subsídios governamentais representavam que essa atividade perdia em competitividade econômica a outras fontes de energia.

Um fato que teve destaque nacional, no ano de 1980, foi a publicação de um Decreto Federal nº 85.206, de 25/09/1980, que apresentava a Região Carbonífera como a 14ª área crítica nacional para efeitos de controle da poluição e conservação do meio ambiente. As áreas haviam sido definidas pelo Decreto Federal nº 76.389, de 03/10/1975, que dispunha sobre as medidas de prevenção e controle da poluição industrial.

No início da década de 90, o Governo Federal corta totalmente os subsídios e desregulamenta o setor carbonífero, trazendo impactos significativos à economia da Região Carbonífera.

A atividade da mineração do carvão sempre esteve voltada às decisões do Governo Federal, desde as autorizações de lavra do carvão mineral, a definição de cotas de

produção e também medidas protecionistas ou não, como a obrigatoriedade de consumo do carvão nacional.

A partir do ano de 1945, o DNPM, já instalado em Criciúma, realizou uma pesquisa sobre as condições de moradia e saúde da população. Em 1952, o Médico Francisco de Paula Boa Nova Júnior, em um de seus artigos (Boletim nº 95), escreveu que: “O fator que merece evidentemente ser mencionado na determinação da fadiga física e que deve afetar também o rendimento ocupacional é a higiene dos lares operários [...]” Costa (1999, p.53).

Estas ações tinham o objetivo de garantir o conforto e a higiene, associadas ao desempenho de produção do trabalhador, como forma de produtividade na indústria carbonífera para aumento da produção de carvão.

Associadas a essa política de valorização do trabalho do mineiro, como forma de aumento da produção do carvão, algumas medidas tornam-se realidade, através da CEPCAN (Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional), tais como o serviço de abastecimento de água, onde esta era captada do Rio Mãe Luzia e bombeada para a usina de tratamento localizada no Morro da Miséria¹⁶ (Morro da Cruz), atualmente próximo ao loteamento Jardim Montevideu. Porém, como essa água continha alto grau de concentração de ferro, posteriormente adotou-se o Rio São Bento, no município de Nova Veneza, para captação.

Além da captação e distribuição de água, houve certa preocupação com a melhoria da qualidade de vida de toda a população, com a implantação de Campos de Futebol, ampliação de hospitais, postos de puericultura, atendimento odontológico, serviço de pré-natal, construção de escolas, cines-teatros, escolas profissionais, instalação de obras de saneamento, construção de vilas operárias e iluminação pública.

Essas ações serviram como forma de marketing das empresas de mineração perante seus empregados e mesmo ao Governo Federal, o que foi extensivo a toda a população de Criciúma, valorizando a atividade de extração de carvão, condicionando todos os serviços de infra-estrutura e serviços municipais às vontades e às generosidades dos então “donos do poder econômico local”, com os subsídios governamentais.

Algumas ações acima descritas foram implantadas e serviram não somente aos mineiros e seus familiares, mas também a toda a população da cidade de Criciúma. Não podendo esquecer que o custo ambiental da atividade carbonífera não fora ainda compensado com esses investimentos.

¹⁶ Nome dado por antigos caçadores vindos de Araranguá, que, percorrendo a região em busca de caça, nada encontraram, conforme citado por BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**, Prefeitura Municipal de Nova Veneza, Nova Veneza, 1992

A recuperação ambiental, que se fez nas áreas ora degradadas, está muito longe de uma recuperação. Apenas se fez uma “maquiagem” da paisagem degradada, com a convivência legal, muito longe daquilo que fora a paisagem natural, sem falar dos corpos hídricos que foram totalmente degradados.

Lima (*crwf* TEIXEIRA, 1996, s.p.) dá um depoimento de como é a paisagem na chegada de uma mina, onde lá “o homem e a natureza caprichosamente criam meios para espantar suas tristezas, mas assim mesmo, lá, os dois falharam”.

Teixeira (1996, p.45) expõe que a indústria de extração de carvão constituía a principal base de sustentação e desenvolvimento local e regional, seguida pelo comércio e pela agricultura, até meados da década de 1960.

Quanto ao custo ambiental, Teixeira (1996, p.48, 49) coloca:

A cidade assistiu, de um lado, seu desenvolvimento, conheceu o ‘progresso’ e o enriquecimento de algumas de suas famílias mais ilustres; por outro lado, quase que passivamente, assistiu sua própria destruição e degradação ambiental. Dentre os aspectos extremamente negativos da mineração, deve-se destacar os mais violentos e destrutivos: são aqueles relacionados à degradação ambiental e os que prejudicam diretamente a saúde do trabalhador mineiro e de suas famílias, extensivo a toda população residente na cidade e região.

A atividade da extração de carvão fez com que surgisse uma nova elite econômica na cidade de Criciúma, a qual exerceu um controle político-ideológico, conforme citado por Teixeira (1996, p.108). Essa permaneceu ativa até a década de 70, sendo substituída pela “elite da diversificação da economia” após 1980.

Porém hoje ainda se nota que a “elite do carvão” busca manter-se em destaque, com algumas ações, como o patrocínio de um clube de futebol e a geração de energia elétrica em usinas a serem implantadas nas bocas de minas da região, a obtenção dos meios de comunicação populares com intuito de alcance do poder administrativo local e a criação de uma escola de ensino superior para fomentar a ideologia do carvão.

Essa elite ainda continua atrelada ao Governo Federal desde a década de 50, quando era recebida no gabinete da Presidência da República, segundo depoimento do Engenheiro Sebastião Neto Campos (*crwf* GONÇALVES, 2002, p.12): “[...] estive com todos os Presidentes da República, desde Getúlio Vargas, lutando, defendendo o carvão [...]”

Quanto às características físicas e ambientais das áreas próximas à mineração de carvão, aquelas nunca foram boas, pois havia depósitos de rejeitos piritosos nas proximidades, queimando a céu aberto. As únicas áreas que não sofreram a ação da poluição direta do carvão foram as que não tinham a atividade de extração, em que a principal atividade era a

agricultura. Mesmo a área central de Criciúma sofria indiretamente a ação da poluição do carvão, uma vez que a cidade era cortada pela estrada de ferro, onde a Maria-fumaça passava, despejando a fumaça negra.

Dentro dessas ações a CEPCAN - (Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional), segundo Carola (1997, p.171), dispunha, em 1953, de quinze milhões de cruzeiros. O mesmo autor ainda coloca que havia a preocupação de se consolidar uma política racional para a formação de uma sociedade industrial.

Para tanto, muitos hábitos e comportamentos deveriam ser modificados, ou seja, adequando essa nova sociedade à higiene, além das necessidades de controle do trabalhador fora do local de produção.

Volpato (crwf TEIXEIRA, 1996, p.42) faz um relato da relação de submissão dos mineiros aos mineradores:

[...] os mineiros se sentiam dependentes da companhia não só no espaço do trabalho, mas também na esfera doméstica, pois dela esperavam e recebiam casa para morar, vales para a compra de mantimentos para a família. Também na companhia eram os locais de lazer e a iniciativa de sua organização criou-se uma relação de dependência e submissão dos funcionários com os administradores, representantes do próprio governo, proprietário da carbonífera. Esta situação estrutural alimentava e mantinha a Vila Operária, vinculada à empresa.

Na época, a imprensa do centro do país criticava as condições de habitabilidade das casas dos mineiros, segundo informações fornecidas pelo Arq. Fernando Jorge da Cunha Carneiro, em 1º. 08.2003, já que as antigas vilas operárias eram caracterizadas como casebres de madeira, sem banheiro vinculado à residência e todas eram empretecidas pela poeira do carvão.

Dias (2000, p.06) faz uma colocação em que exprime a situação da classe dominante perante a situação de pobreza, onde esta deveria ser ajustada:

Seguindo o ritmo 'natural' das orientações em uma sociedade capitalista, é somente quando a pobreza se torna insuportavelmente visível e ameaçadora que os brados dos 'benfeitores' pertencentes à classe dominante começam a se preocupar com a necessidade do planejamento urbano. Com isso, medidas são propostas e tomadas na tentativa de reverter a situação caótica e degradante que extensas faixas pertencentes à área urbana estavam tomadas.

Uma das ações para fomentar esta nova sociedade, em âmbito local, foi a elaboração de um projeto urbanístico de um loteamento habitacional, chamado de "Cidade dos Mineiros".

Esse projeto, influenciado e elaborado dentro das premissas do urbanismo racionalista, teve sua concepção básica na classificação da cidade nas funções do habitar, do trabalhar, de divertir-se e de circular.

Mausbach (*crwf*" LEITÃO, 1999, p.69) define as características da nova concepção de cidade:

[...] divisão das cidades e em especial das zonas residenciais por meio de espaços verdes; ordenamento e separação das vias; diminuição da densidade [...] criação de zonas residenciais, como espaços mais fechados e mais diferenciados, com núcleo urbano próprio; solução efetiva dos problemas de tráfego e estacionamento, através da separação coerente do tráfego de pedestres e automóveis.

O loteamento Cidade dos Mineiros, de autoria do arquiteto e urbanista Fernando Jorge da Cunha Carneiro, o primeiro arquiteto a se estabelecer na região sul de Santa Catarina, é o expoente máximo de concepção do urbanismo racionalista, na cidade de Criciúma.

O projeto foi elaborado no ano de 1957, numa área de aproximadamente 1,57 Km², localizada a 5 Km do núcleo urbano central da cidade de Criciúma/SC, entre as localidades de Santa Augusta e São Defende.

Prevvia a construção de 1.775 casas de alvenaria com 7,75m X 7,75m, além de toda a infra-estrutura urbana e equipamentos de uso público, como: praça cívica com igreja, centro comercial, ambulatório, cine-teatro, administração, 07 creches, 02 escolas, 01 escola profissional, 02 clubes recreativos, 01 estação rodoviária, 01 estação ferroviária, 01 hospital, 01 centro esportivo e 01 cemitério.

A área era cortada pelo ramal da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina (EFDTC), era utilizada para o transporte de carvão das minas próximas, pois havia 02 caixas de embarque de carvão do Rio Maina e da União.¹⁷

Em entrevista com o autor do projeto, em 1º. 08.2003, foi questionado o porquê da localização do loteamento na determinada área. O mesmo explicou que foi projetado naquele local, uma vez que ficava perto das maiores concentrações de mineradoras e, ainda, por ter um ramal da estrada de ferro, o qual poderia ser utilizado também para o transporte dos mineiros às minas de carvão, além de aquisição do terreno por preços mais baixos.

¹⁷ Caixas de embarque de carvão representadas nas plantas da Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional, folha Rio Maina/1956, cópia arquivada na CODEPLA/PMC.

A área destinada para receber a implantação do loteamento foi comprada, segundo Guadagnin (2001, p.76), pelas companhias mineradoras, das famílias Meller, Zanette e Simon.

Essa área caracterizava-se como semi-rural, com propriedades relativamente pequenas e com uso para a agricultura de subsistência dos colonos descendentes de italianos, que se estabeleceram a partir de 1880, nas glebas coloniais do atual bairro Santa Augusta.

A imprensa local, através do Jornal Tribuna Criciumense, noticiou o desejo de execução do loteamento, conforme manchetes e texto, a seguir:

Caso o Presidente da República autorize, até janeiro de 1958, serão entregues 200 residências – falam a nossa reportagem o Dr. Sebastião Toledo dos Santos e os Srs. José Contim Portella e Addo Caldas Faraco.

Conforme é do conhecimento público, estiveram na capital federal, há poucos dias, o arquiteto Dr. Fernando Carneiro, que projetou a cidade dos mineiros; os Srs. Addo caldas Faraco, Prefeito Municipal e o Sr. Pedro Andrade, interventor do Sindicato dos Mineiros, que junto à superintendência da Fundação da Casa Popular estiveram tratando com o Sr. Marcial do Lago; da construção dessa cidade, em terreno que já foi adquirido, com a área de um milhão e setecentos metros, no lugar Santa Augusta, pelas Companhias Rio Maina, S. Marcos, Metropolitana, Catarinense, União e Boa Vista. A idéia desse grandioso empreendimento, que visa localizar, em casa de material, os operários de nossa indústria carbonífera facilitando, inclusive, dentre outros problemas, o da assistência social ampla aos trabalhadores e às suas famílias, tem como patronos o Dr. Sebastião Toledo dos Santos e os Srs. José Contim Portela e Womir Wasnieski. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 12.08.1957, CAPA)."

O projeto seguia as mesmas concepções da futura capital do Brasil, Brasília, que viria a ser inaugurada em 1960.

O arquiteto e urbanista Lúcio Costa, planejador urbano da Cidade de Brasília, que segue as características do urbanismo racionalista, (alguns autores também consideram o urbanismo racionalista como progressista, modernista ou funcionalista. Este movimento além do urbanismo, marcou presença também na música, literatura e nas artes plásticas, ganhando destaque principalmente no período entre as duas grandes guerras mundiais (1918-1938), em entrevista a Revista Pampulha, como citado por Leitão (1999, p.75,76), exprime que o urbanismo racionalista e seus seguidores como o arquiteto franco-suíço Le Corbusier, tinham a preocupação de resolver os problemas urbanos, encarando-os num ponto de vista de uma sociedade quase sem classes sociais.

Muito diferente da situação de submissão dos mineiros aos então “Donos do Poder em Criciúma”, conforme nome dado por Teixeira (1996). Talvez aí podemos identificar um dos porquês da não conclusão na implantação total deste loteamento.

A possível modificação da sociedade a partir de um projeto urbanístico/arquitetônico modernista seria a solução para que a população aprendesse a viver em harmonia com o mundo, morando numa cidade esteticamente perfeita e funcional.

As soluções urbanas desse tipo de urbanismo eram de dar um mínimo de conforto a todos, pois acreditavam no potencial transformador do espaço, enquanto suporte físico das relações sociais. O objetivo na implantação do novo traçado urbano pelos planejadores da época, era criar uma comunidade modelo. A partir desse novo desenho urbano, seria possível a criação de uma unidade de vizinhança, integrando os moradores através de espaços comunitários de pedestres, promovendo, assim, uma interação social de toda a vizinhança.

Freitag (2004, p.14) indica que a então visão do urbanismo racionalista via que a modernização da sociedade brasileira dependeria, pois, da modernidade e funcionalidade do “projeto” e não do passado histórico e da tradição colonial, profundamente arraigados na sociedade brasileira da época.

Souza (2003, p.125) informa que o urbanismo modernista foi o resultado de uma tentativa de adaptação das cidades à era industrial e, conseqüentemente, às necessidades do capitalismo, racionalizando a produção industrial para a produção industrial do espaço urbano.

Essa cidade planejada deveria ser, em seu funcionamento, como uma máquina, a qual deveria trabalhar conforme projetada. Segundo Le Corbusier (*crwf* "SOUZA, 2003, p.127): “um traçado regulador é uma garantia contra o arbítrio. [...] O traçado regulador é a satisfação de ordem espiritual que conduz à busca de relações engenhosas e de relações harmoniosas”. ”

No projeto original da “Cidade dos Mineiros”, as unidades de vizinhança, ou seja, as ruas, que margeavam os lotes, eram percorridas por áreas verdes comuns; onde se percorriam grandes distâncias a pé sem o confronto com o automóvel, possibilitando um lugar seguro para o lazer e o convívio social.

A cidade projetada, com as características do urbanismo racionalista, representaria a união entre os progressos social, tecnológico e urbanístico. A nova cidade seria construída a partir dos conceitos de velocidade (avenidas radiais); ordem (pré-localização da moradia e das outras edificações públicas) e geometria (forma e função das edificações), instituindo a disciplina e a funcionalidade, para que tudo seja sempre feito em perfeita harmonia.

Segundo Holston (1993, p.37):

De 1928 até meados da década de 1960, os CIAM – CONGRÈS INTERNATIONAUX D'ARQUITECTURE MODERN, constituíram o mais importante fórum internacional de debates sobre a arquitetura moderna. Os encontros e as publicações dos CIAM firmaram um consenso entre os profissionais de todo o mundo a respeito dos problemas essenciais da arquitetura, dando especial atenção aos da cidade moderna.

”

Souza (2003, p.129) comenta que havia uma relação entre o urbanismo racionalista/modernista e o poder:

[...] no entanto, sob o ângulo político, embora o modernismo tenha revelado preocupações “sociais”, como com a produção em massa de habitações higiênicas para a classe operária e o acesso dos pobres urbanos a moradias dignas, a perspectiva era a de um disciplinamento e uma melhoria das condições de vida da classe trabalhadora nos marcos do capitalismo, e não uma superação deste [...]

Sabe-se hoje que a concepção urbanística na implantação original do loteamento foi mantida, principalmente nas primeiras duas décadas após a elaboração do projeto. Essa nova concepção de cidade buscava a superação dos problemas sociais, almejando a criação de uma cidade melhor, a partir da técnica e da ordem. Mas isso mostrou-se equivocado, uma vez que a exclusão social não poderia ser resolvida somente pelo Estado.

A exemplo do que aconteceu na Europa, com as cidades arrasadas pelas duas guerras mundiais, foi o Estado que financiou a reconstrução dessas, possibilitando, assim, que o urbanismo racionalista fosse aplicado de forma concreta, pois o Estado contratava e financiava um programa de reconstrução urbana.

Aqui, o Estado também foi o financiador do processo, através do IAPETC, que era descontado dos próprios trabalhadores, participando da execução desse loteamento. Segundo Dias (2000, p.11), o Estado não é um poder distinto da sociedade a qual regula. Pelo contrário, age justamente de acordo com certos interesses de classe, até porque ele representa a preservação dos interesses particulares da classe dominante.

As negociações com o Governo Federal iniciaram no ano de 1957, conforme as notícias do jornal local:

A Fundação da Casa Popular está em entendimentos com a Prefeitura Municipal e os Srs. Mineradores, a fim de que caso o Sr. Presidente da República aprove esse plano, dar início imediato a construção de 200 casas, comprometendo-se a entregá-las até janeiro do ano vindouro. O local escolhido para a edificação da futura cidade dos mineiros conta com água encanada e luz elétrica, afora a facilidade de transporte. Dêste modo será concentrada a população mineira do nosso município, em ambiente

confortável sendo de se ressaltar que o nosso operariado receberá assistência social efetiva. O projeto elaborado pelo Dr. Fernando Carneiro prevê amplas ruas e avenidas, áreas verdes, jardins de infância, armazéns, creches, hospitais. Procurados pela nossa reportagem, o Dr. Sebastião Toledo dos Santos e os Srs. José Contim Portela e Addo Caldas Faraco manifestaram-se vivamente entusiasmados com a marcha dos trabalhos para a construção dessa cidade dos mineiros uma vez que o Plano do Carvão Nacional já deu integral apôio a essa louvável e humanitária iniciativa. Sua concretização está dependendo apenas da concordância do Sr. Presidente da República, que deverá autorizar a Fundação da Casa Popular a assinar o contrato de construção e autorizar a abertura do indispensável crédito. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 12.08.1957, p.02)."

"

No final do ano de 1957, no mês de novembro, o Jornal Tribuna Criciumense, reporta o indeferimento por parte do Governo Federal da liberação de recursos para a execução do projeto da Cidade dos Mineiros, conforme reportagem:

"

O movimento que os mineradores e os mineiros deste município, encabeçaram junto à Fundação da Casa Popular visando construir, em terreno que já foi adquirido, no lugar Santa Augusta, uma Cidade dos Mineiros e que, apesar de muitas promessas e compromissos políticos não encontrou êxito junto ao Sr. Presidente da República. O Diário Oficial da União, de 23. 09.1957, pág. 22.491, na parte – despachos do Sr. Presidente da República – Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio – PR 45.690, nº GM 5.028, de 4 de setembro de 1957, publicou o indeferimento do Chefe do Governo ao referido pedido, estando aquele despacho exarado nos seguintes termos: Submete a processo em que a Fundação da Casa Popular, transmitindo apelo dos trabalhadores na indústria de extração de carvão de Criciúma, em Sta. Catarina, propõe seja autorizado um empréstimo de Cr\$ 40.000.000,00, através do Fundo único da Previdência Social, para atender a despesas com a construção de 2.000 casas naquele município. Indeferido. 20.09.1957. Rest. Proc. M.T.I.C, em 24.09.1957. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 25.11.1957, capa.)

"

Porém, em dezembro de 1957, houve nova tentativa por parte dos representantes políticos, para a liberação dos recursos necessários para a execução do loteamento, conforme descrito na imprensa local:

"

Resposta do superintendente da Casa Popular, ao apêlo do R. Clube.
Os mineradores e a Prefeitura Municipal estão envidando todos os esforços para que ainda este ano sejam iniciadas à construção das primeiras casas de alvenaria da futura Cidade dos Mineiros no lugar Santa Augusta, em terreno a ser doado por diversas carboníferas. Inegalvelmente essa área está localizada em magnífica posição, com facilidades para serem instaladas, água e luz, bem como para transporte dos operários. Infelizmente não obtiveram os mineradores nem a Prefeitura ainda, uma solução satisfatória para a efetiva concretização desse grandioso e humanitário empreendimento. Todas as entidades desta comuna se dirigiram não só á Presidência da República, como também á Fundação da casa Popular e ao Sr. Ministro do Trabalho, ressaltando o que de benefícios gerais advirão para os operários e suas famílias, como á indústria carbonífera, com a construção dessa obra, que, sem favor nenhum, pode ser reputada de instimável fator de melhoria nas condições de vida dos que trabalham na extração do carvão. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 09.11.1957, p.08).""

"

Teve, como não podia deixar de ter, profunda repercussão, no meio operário deste município, a notícia estampada em nossa última edição, de ter o Sr. Presidente da República indeferido a solicitação da Casa Popular, que pleiteara financiamento para a construção da Cidade dos Mineiros, neste município. Os mineradores já adquiriram vasta área, no lugar Santa Augusta, e inclusive foi encaminhado àquele órgão planta dessa importante obra, que tem por finalidade dar uma assistência efetiva aos trabalhadores do carvão. Estamos seguramente informados, que o Ministro Parsival Barroso, encaminhou nova exposição ao Sr. Presidente da República, reiterando a urgente necessidade de ser atendida a pretensão de nosso operariado, encaixando-a no crédito de trezentos milhões, destinado a contribuição da Fundação da Casa Popular da construção de conjuntos residenciais para as cidades de Santos, Criciúma, Brasília e prosseguimento das obras do nordeste. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 03.12.1957, capa e p.01)

Com a liberação de parte dos recursos para o início das obras, além do Governo Federal, o Governo Estadual foi chamado a participar da execução, conforme solicitação do Presidente da Comissão do Sindicato dos Mineradores, Sr. Sebastião Toledo dos Santos, em fevereiro de 1958, em carta encaminhada ao Vice-Governador do Estado, o Sr. Heriberto Hulse, conforme reportou o Jornal Tribuna Criciumense:

Tornando-se realidade Vila Mineiros Criciúma vg onde serão brevemente construídas 300 casas operárias e sendo esta vila resultado esforços gerais ptvg mineradores doaram terrenos e plano urbanização ptvg Cepcan e IAPETC construção casa própria mineiros vg apelamos vossenhoria filho esta terra vg lutador melhoria condições de vidas operários obtenha contribuição Governo Estado através empréstimo máquinas para serviço de terraplanagem e arruamento pt Certo seu apoio esta grande obra transformação vida operário carvoeiro vg Subscrevome Atenciosamente Engenheiro Sebastião Toledo – Presidente Comissão Permanente Sindicato – Criciúma. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 10.02.1958)

”

O Vice- Governador Heriberto Hülse, conforme a descrição da carta de resposta, na mesma reportagem, informou que estava aguardando o desembarque de tratores em Itajaí, os quais deveriam ser encaminhados para Criciúma, e pediu para acertar os detalhes com o Deputado Ruy Hulse, que se encontrava em Criciúma na época.

Em 15 de abril de 1958, o Sr. Sebastião Toledo dos Santos, presidente da comissão permanente do sindicato dos mineradores, enviou para o Deputado Estadual Ruy Hulse solicitação para a liberação do maquinário para a terraplanagem, conforme reportagem do Jornal Tribuna Criciumense:

”

Desejando IAPETC instituto de aposentadorias e pensões dos empregados de transporte e cargas, iniciar próximo mês construção 100 casas cidade mineiros e necessitando iniciar serviço terraplanagem no menor prazo possível vg apelamos V.S. no sentido apressar vinda trator Estado para não haver atraso considerável início obras pt Certos sua cooperação esta grandiosa obra redenção social mineiros antecipamos agradecimentos. Engº. Sebastião Toledo dos Santos. (TRIBUNA CRICIUMENSE, 21.04.1958. capa).

”

O lançamento da pedra fundamental do loteamento Cidade dos Mineiros, deu-se no mês de abril de 1959, conforme Pieri (*crwf* GUADAGNIN, 2001, s.p.):

[...] do aeroporto a caravana e as autoridades locais e visitantes rumaram à Cidade dos Mineiros, onde se procedeu o lançamento da pedra angular do primeiro conjunto de 100 casas financiadas pelo IAPETC e que recebeu o nome do Presidente daquele instituto, Dr. Arlindo Maciel. Também ali as obras de construção se encontram em fase adiantada havendo diversas casas já cobertas. Após a benção dada ao conjunto por Dom Anselmo Pietrulha, o arquiteto Dr. Fernando Carneiro, autor do projeto da Cidade dos Mineiros, apresentou a planta aos presentes, prestando-lhes esclarecimentos a respeito, segundo os quais a área construída será de 170 hectares, divididos em 1775 lotes com casas de alvenaria.

Com o passar dos anos, por falta de recursos financeiros, o projeto original não se concretizou totalmente: apenas fora executada uma pequena parte do loteamento com 100 casas, a partir de 1959, que hoje se chama Cidade Mineira Velha.

A ocupação dessas casas, segundo os relatos dos primeiros moradores, deu-se pela força. Aparentemente foi um processo muito confuso, já que envolvia os recursos federais, a administração local e os mineradores.

Segundo informações de um primeiro morador em entrevista nota-se que o processo de ocupação teve também um cunho político:

Eles fizeram as casas no sentido de casa operária e largaram aí. Aí, começou a garrar mato e nessa época a política veio então, por exemplo lá tem o mesmo Addo Faraco, ele dizia que não, mas jogava carta por baixo da mesa, na direção do sindicato essas coisas, aquele que mais se dava mais conosco aqui, diziam para invadir e então nós invadimos. E depois, aí a briga pegou foi nas inscrições, porque era terreno para 1600 casas, mas foi só 100 e o resto foi ver quem pôde mais, ou quem tinha coragem né? Essas coisas todas, né? ^{3:}

As poucas casas foram entregues, porém permaneceram fechadas por um tempo, e os mineiros foram instigados a invadir a edificação pelo poder público local, já que, através dos relatos, a propaganda foi muito maior do que o realmente edificado.

Dos 1775 lotes anunciados no projeto, foram construído na administração do Prefeito Addo Caldas Faraco, apenas 100 casas. Nas entrevistas aos moradores, para elucidação do processo de ocupação do bairro, em julho de 2004, houve a informação que havia, na época, mais de duas mil inscrições de famílias, ao loteamento, mostrando o então déficit habitacional já no final da década de 50, fato que vem se agravando até os dias atuais.

¹⁸ Entrevista ao primeiro morador que invadiu a casa onde mora hoje na Cidade Mineira Velha, realizada em 30/07/2004

Os primeiros moradores foram mineiros que adquiriram o direito de uso da edificação, pagando prestações ao antigo IAPETC. Isso após muitas brigas, ameaças, entre mineiros invasores, prefeitura e mineradores, conforme informações dos primeiros moradores.

Em visita a duas casas originais da época, na data de 30/07/2004, observou-se que o projeto arquitetônico apresenta uma boa qualidade de espaços e construtiva. Após 35 anos edificadas, as casas possuem uma integridade física invejável às edificações ora construídas para o mesmo fim.

Há uma orientação coerente no posicionamento e dimensão das peças, ou seja, quartos, salas, cozinha, quanto à iluminação solar e à implantação no terreno.

O terreno original das edificações era de 30 metros de profundidade por 13 metros de testada, sendo adequado à implantação de uma horta, de um quintal e de um jardim.



Fig. 8 – Vista de uma casa original do loteamento Cidade dos Mineiros após 47 anos de execução¹⁹.
Foto: Giuliano Elias Colossi, dez/2004.

¹⁹ Bairro Cidade Mineira Velha, Criciúma/SC

Observando-se o bairro, num rápido passeio, nota-se que há poucas edificações originais. Muitas foram ampliadas, ou totalmente modificadas, retrato da necessidade das famílias em dar uma forma própria à sua edificação, apropriando-se de modos diferentes.

Souza (1998, s.p) define a apropriação como: “A apropriação supõe a criação e o cuidado com os lugares, significando este cuidado o cultivo e a preservação de suas características, seu passado, seu presente [...]”

Já Fischer (1989, s.p) conceitua apropriação como: “A apropriação compreende as formas de interação entre indivíduos e ambientes que expressam a afirmação do ser sobre os lugares, através de uma utilização particular do espaço [...]”.

Entretanto, nas duas casas visitadas, os moradores relatam que não alteraram fisicamente as edificações, não porque não havia necessidade, mas sim por falta de recursos financeiros.

A relação das pessoas com o seu ambiente é fundamental para entender parte do comportamento humano e sua relação com o espaço edificado.

A continuação da implantação do loteamento deu-se na década de 70, na administração do Prefeito Algemiro Manique Barreto, onde fora executado outra parte do loteamento original, chamando-se Cidade Mineira Nova, com 500 casas, a partir de 1973, sob financiamento e orientação da COHAB do Estado de Santa Catarina e responsabilidade da Prefeitura Municipal de Criciúma. A implantação dessa parte do loteamento seguiu o projeto original do Arq. Fernando da Cunha Carneiro, elaborado, como descrito, no final da década de 50.



Fig. 9 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros, em meados da década de 70.²⁰
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma.

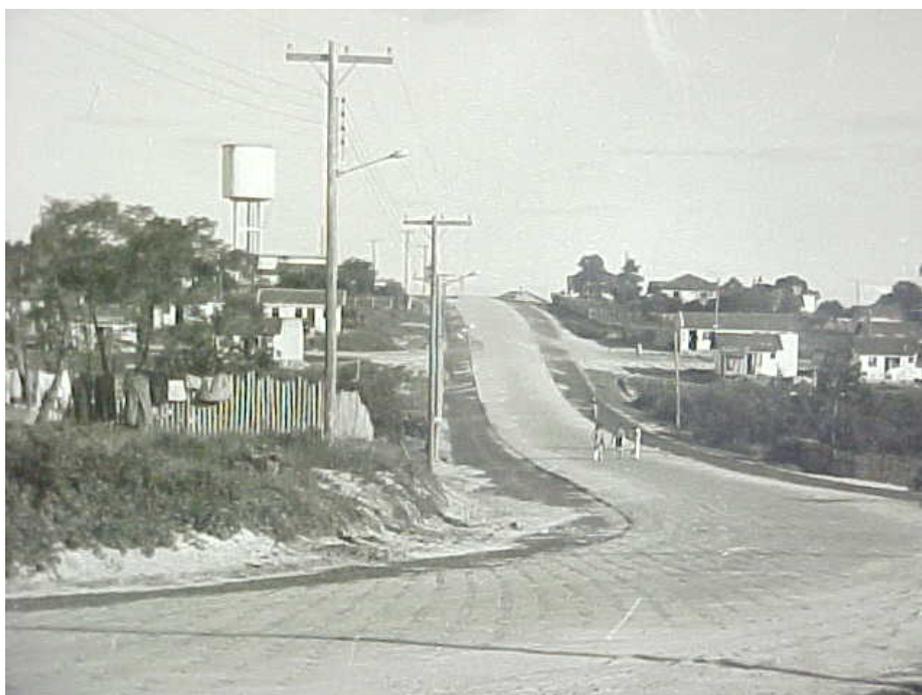


Fig. 10 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros, em meados da década de 70²¹
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma.

²⁰ Em primeiro plano o atual bairro Cidade Mineira Velha e, mais adiante, o atual bairro Cidade Mineira Nova, Criciúma/SC.

²¹ Aparece na foto a antiga caixa d'água numa rua do atual bairro Cidade Mineira Nova, Criciúma/SC.



Fig. 11 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros²²
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma.



Fig. 12 – Vista parcial do loteamento Cidade dos Mineiros²³
Foto: Arquivo Histórico de Criciúma.

²² Meados da década de 70, em primeiro plano o atual bairro Cidade Mineira Velha e, mais adiante, o atual bairro Cidade Mineira Nova, Criciúma/SC.

²³ Meados da década de 70, em primeiro plano o atual bairro Cidade Mineira Nova, Criciúma/SC.

Guadagnin (2001, p.76), explica que a criação do bairro operário da “Cidade dos Mineiros” é uma forma de segregação territorial que reorganiza e redefine os diversos sub-espacos da cidade, repercutindo em mudançãs de formas e também de conteúdos sócio-espaciais.

Analizamos que a escala urbana das antigas vilas operárias, que se organizavam em apenas uma ou duas ruas, ganhou uma forma maior, a partir desta segregação territorial, acentuando-se na paisagem urbana, até os dias atuais.

Segundo Volpato (1984), foi “a partir das primeiras ocupações das edificações em 1959, que o espaco urbano começa a ser apelidado de Cidade Mineira.”

Em entrevista com o ex-prefeito de Criciúma, Sr. Algemiro Manique Barreto, na data de 04.06.2004, obteve-se a informação de que o Sindicato dos Mineradores, no ano de 1964, após o golpe militar, com o advento de muitas greves que se fazia na cidade de Criciúma e ameaças de quebra-quebra, temerosos com a situação, ofertaram ao Ministério do Exército uma área de 75 hectares, onde hoje se localiza a Vila Manaus, parte do original loteamento Cidade dos Mineiros, além de doar a área por dez anos, a partir de 1964, para a execução de um quartel.

Porém com o passar dos anos, a área se mostrou ruim ao Ministério do Exército para a implantação do quartel, uma vez que a mesma ficava entre muitas residências já consolidadas, estava mineirada abaixo da superfície e ficava muito longe da BR-101, a principal ligação rodoviária com outras regiões do país.

No ano de 1973, quando o Sr. Algemiro Manique Barreto assumiu a Prefeitura Municipal, o então presidente do Sindicato dos Mineradores, Sr. Fidélis Barato, informou à municipalidade que a área doada ao Ministério do Exército reverter-se-ia ao Sindicato, contrariando a intenção dos mineradores, que era implantar um quartel na região por “enes” motivos, sendo um dos principais a questão da segurança.

Os fatores anteriormente apresentados foram fortes o suficiente para a não-implantação do quartel naquela área. Na mesma época, o quartel foi implantado numa área fora do núcleo urbano de Criciúma, no bairro denominado Primeira Linha, com o total apoio da municipalidade na época.

Com a diversificação das atividades, econômicas na década de 70, principalmente com a implantação e consolidação de empreendimentos da indústria do vestuário, indústria cerâmica, metal-mecânica e a construção civil, houve o favorecimento da atração de mão-de-obra para a cidade de Criciúma. O município oferecia condições para a implantação de empresas, através de incentivos fiscais.

Balthazar (2001, s.p), informa que:

Os incentivos do Governo Federal para acelerar a processo de mecanização das minas, visava exclusivamente aumentar a produção carbonífera, objetivando atender à demanda do mercado industrial interno, pois com a crise mundial do petróleo, iniciada em 1973, o carvão catarinense passa a substituir o óleo combustível no uso industrial. Estes incentivos trazem novas indústrias à região, abrindo novas frentes de trabalho. Isto gera um forte processo de expansão urbana em todo o espaço criciumentense .

A então área da atual Vila Manaus, antiga parte do loteamento Cidade dos Mineiros, vira, após negociações firmadas entre o Sindicato dos Mineradores e a Prefeitura, um Distrito Industrial, perdendo sua função original que era a de loteamento residencial.

Em 1974, a municipalidade recebe, por doação, uma área de 391,920m², que fazia parte do loteamento Cidade dos Mineiros. Segundo o texto da Lei N° 1.152, de 26.02.1975:

Art. 1° - Fica o chefe do poder executivo municipal autorizado a receber, por doação, uma área de terra, medindo 391.920,00 m² [...], das associadas da sociedade 'Cidade dos Mineiros', de Criciúma – SC, para a criação do primeiro Distrito Industrial de Criciúma, situada no loteamento 'Cidade dos Mineiros' (PMC, 1975).

A área de terras possuía as seguintes confrontações e perímetro: ao norte – 485m, com a Av. Boa Vista, Catarinense e Projetada; ao sul – 700m, com a Av. São Marcos; ao leste – 934m, com as avenidas CBCA e União e a oeste – 850m, com as avenidas Monte Negro e Progresso.

Com os incentivos fiscais e o recebimento dessa área de terra, por doação, o município cria o primeiro Distrito Industrial, dotado de requisitos urbanísticos necessários à implantação de indústrias de médio e pequeno portes, com a definição dessa área industrial nas plantas urbanísticas da época.

Pode-se afirmar que vinte indústrias se estabeleceram naquela área, e as que ainda existem hoje, já consolidadas, foram as primeiras a se instalarem.

Então, a partir de meados da década de 70, no loteamento “Cidade dos Mineiros” já existiam três situações urbanas consolidadas, ou seja, a Cidade Mineira Velha (1959), a Cidade Mineira Nova (1975) e o Distrito Industrial da mesma data, este com grandes áreas vazias para a ocupação com indústrias. Na época, ainda existia a definição do traçado urbano idealizado na década de 50, para o antigo loteamento.

Após o término da administração do Sr. Algemiro Manique Barreto, a administração que o sucedeu permitiu a ocupação irregular da área. Segundo o ex-prefeito, Sr. Algemiro, em entrevista em 04.06.2004, foram anunciados, nas emissoras de rádio locais da

época, por parte deu um “grande agitador”, que quem quisesse vir para Criciúma, viesse, pois aqui havia terrenos, para serem doados.

Os ideais do urbanismo racionalista começavam a sofrer desgastes, uma vez que, segundo os críticos, esse urbanismo era desumano, pois que negava qualquer historicidade do ambiente construído, dos hábitos preexistentes, das necessidades subjetivas, dos caracteres cultural, psicológico e social que não foram considerados; enfim, sequer houve a participação popular na discussão e implantação do antigo loteamento.

Freitag (2004, p.67) faz uma crítica a esse tipo de urbanismo, onde as “cidades sem história, projetadas na prancha, para territórios vazios por arquitetos e urbanistas, comprometidos com a Carta de Atenas e a política da terra arrasada, sem compromisso com a herança do passado.”

Com a defesa da personificação habitacional, em contraponto com a padronização racionalista dos então projetos habitacionais, estes indicaram que, no final da década de 70 com as contestações a seu modo das classes pobres economicamente, marca-se o fim da idealização do loteamento proposto.

Outro momento da perda do controle urbanístico deu-se, segundo Guadagnin (2001, p.78), quando a partir de 1978, o então chefe do poder executivo doa lotes para a promoção do candidato a Deputado Estadual, Sr. Aristides Bolan, “para os cidadãos que tinham condições econômicas de adquirir os terrenos, numa relação clientelista.”

E ainda Nietto (*crwf* GUADAGNIN, 2001, p.87) descreve:

A área localizava-se entre os bairros Cidade Mineira e Santa Luzia, destinada originalmente para a instalação do Distrito Industrial. Apesar de ter colocado pessoas de confiança para efetuar a relação clientelista-fisiológica de troca de terras por votos no processo eleitoral, a notícia da doação se espalhou pela região e de todos os cantos foram aparecendo pessoas querendo um lote para fixar-se e colocar seu barraco. Uns ganhavam, outros compravam, mais a maioria apossou-se. Num período de 03 meses, já haviam aproximadamente uns 300 [...] barracos instalados no local.”

Essa área, citada por Guadagnin (2001, p.89), entre a Cidade Mineira e o bairro Santa Luzia, é atualmente denominada como bairro Vila Manaus. Foi ocupada, inicialmente, por 600 famílias de sem-teto, trabalhadores pobres de Criciúma e migrantes de outras regiões, havendo a invasão da terra e posterior construção das casebres.

Havia uma desorganização urbanística, quanto à ocupação com casebres e barracos, sendo que estes não respeitaram o traçado original do loteamento Cidade dos

Mineiros, uma vez, na área, existiam apenas campos livres, destinados as futuras indústrias, porém apenas foram preservados alguns eixos importantes de ligação viária.

Entre a administração do Prefeito Altair Guidi, nos anos de 1977 e 1983, apesar de Criciúma entrar numa nova fase de grandes investimentos urbanos na área central da Cidade, como a criação dos calçadões e a inauguração de novos prédios públicos, além do Parque Centenário e do novo Aeroporto Municipal, a população da área da Vila Manaus, dobrou, passando de 600 famílias, quando do início da ocupação, para 1.200 famílias, sem nenhuma infra-estrutura urbana.

Essa população se estabeleceu na região da Vila Manaus, pela nova configuração da economia local e com a “oferta” de lotes para o estabelecimento de suas famílias.

Nuernberg e Meller (1984, p.32) explicam que o aumento da população de Criciúma, na década de 80, deu-se ao êxodo rural do próprio município, do crescimento acentuado de indústrias cerâmicas e do vestuário. Os autores colocam que, no local de origem dos chefes de família, predominavam atividades econômicas extrativistas em declínio (carvão e fluorita) e agrícolas de subsistência, sendo que os principais fatores, segundo os autores, de abandono do local de origem, foram de ordem econômica, habitacional e familiar.

Esse processo de fixação da população, nas áreas adjacentes ao loteamento Cidade dos Mineiros, já que muitas áreas verdes foram invadidas também nas áreas consolidadas do próprio loteamento, só veio a aumentar a caracterização da região, ou seja, de periferia.

Volpato (1984, p.103) informa que, em Criciúma, a classe operária se localizava, na sua quase totalidade, na periferia em relação ao centro da cidade e, mais uma vez na periferia em relação ao centro dos diversos bairros.

A tendência, a partir de meados dos anos de 1980, foi de intenso aumento do quadro existente no início da mesma década. As áreas outrora de barracos, deram lugar a modestas residências, com um mínimo de infra-estrutura.

Já na década de 90, o processo de ocupação foi contínuo, porém as áreas que foram ocupadas eram degradadas pela atividade carbonífera ou “non aedificandi”. Podemos citar, como exemplo, as invasões ocorridas nas áreas próximas ao antigo leito da EFDTC - Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, hoje bairro Progresso e nas margens do rio Sangão, bairro Imperatriz.



Fig. 13 – Vista parcial do bairro Vila Manaus, Criciúma/SC²⁴

Foto: Prefeitura Municipal de Criciúma, Secretaria de Comunicação. Arquivo Histórico de Criciúma.

Atualmente, a região do antigo loteamento Cidade dos Mineiros, hoje bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova, Vila Manaus, parte dos bairros Imperatriz, Progresso e Santa Luzia, não possui nada que identifique a origem desse loteamento, a não ser o nome de alguns dos bairros citados.

Não havendo nenhum monumento físico que relacione a referida área com a indústria da mineração, que foi a matriz do loteamento, apenas ficou a referência a algumas ruas e avenidas em que se referencia o carvão, por serem essas nominadas com os nomes das antigas mineradoras. Como se o tempo tivesse passado uma borracha na paisagem, até mesmo o ramal de EFDTC - Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina foi desativado e retirado, dando lugar a Avenida Progresso.

Há hoje uma outra miséria, não mais o aspecto da poluição deixada pelo carvão, e sim o aspecto da miséria urbana.

²⁴ No início da década de 90. Área ambientalmente frágil, ocupada por população de baixa renda, onde foi canalizado um córrego que passava dentro do bairro.

Entende-se como miséria urbana, a falta de qualificação dos espaços públicos, pela total desorientação do visitante perante as ruas, que num primeiro contato pode-se perder nessas. Jacobs (2003, p.29) diz que:

As ruas e suas calçadas , principalmente locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar numa cidade, o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecerem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas parecerem monótonas, a cidade parecerá monótona."

Yázigi (2003, p.262) descreve como é vista a miserabilidade urbana:

Urbanisticamente, outras configurações ainda, são deploráveis quistos da cidade, retratos da exclusão; como são áreas de invasão, o espaço público só pode se reduzir ao mínimo utilitário; a precariedade periférica faz com que ela jamais consiga perder essa conotação; os sistemas viários e urbanísticos são sofríveis e sem visão de conjunto; a vegetação comunitária só ocorre quando há vizinhança ocasional com algum parque ; há grande acúmulos de lixo e sujeiras no espaço público; o espaço público é deplorável, o panorama entristecedor; [...] inexistente qualquer preocupação com o prazer do transeunte comum; são lugares de cotidiano aviltante e vedados ao turismo [...] há alta visibilidade da miséria como regiões de droga e violência dificultam as práticas sociais, há, quase sempre, ausência de privacidade constituem e regra; os elementos naturais como sobras de mato ou riachos são depósitos de imundices... são enfim, regiões fortemente representativas do Brasil'

Há uma visível falta de cuidado com o espaço público, sendo poucos os passeios públicos pavimentados. Será isso uma forma de não-apropriação do espaço fora do seu habitar? Houve apropriação da rua? Ou somente da casa? Será que a população vê o seu lugar de habitar como espaço de significados?



Fig. 14 – Vista parcial do bairro Cidade Mineira Velha, Criciúma/SC²⁵
Foto: Giuliano Elias Colossi, out/2004

²⁵ A rua, que deveria ser originalmente de pedestres, é também ocupada por veículos.



Fig. 15 – Vista parcial da Av. Assembléia de Deus, no bairro Cidade Mineira Velha, Criciúma/SC²⁶.
Foto: Giuliano Elias Colossi, out/2004

Lynch (1999, p.05) coloca que uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional.

Pensamos que essa segurança poderá ser materializada nas relações entre a população e o setor público, na busca incessante do melhor desenho urbano.

Lefebvre (1991, p.46), diz que a sociedade interfere no espaço urbano, onde:

A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, estado, etc), com sua história. Portanto ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto.

Apesar disso, a área do antigo loteamento Cidade Dos Mineiros conta, através de sua história, todo o rico processo de ocupação humana, que reflete, de certo modo, as lutas de classes sociais existentes na região, a partir da segunda metade do século XX, sendo o carvão o elemento de fundo para tais lutas.

Podemos utilizar a conclusão de Balthazar (2001, p.8), onde o autor informa que a dimensão histórica permite evidenciar que o espaço social é formado por controle, manipulação e caracterização deste próprio espaço, de acordo com seus próprios interesses.

²⁶ A falta de cuidado com os passeios públicos é visível, assim como a falta de sinalização viária.

Constatamos que o espaço urbano deste Loteamento foi formado de maneira concreta, pelas interações da sociedade, com os diferentes agentes produtores do espaço definidos historicamente, onde poderá se verificar os processos de apropriação, ou não do espaço público e privado, os quais darão subsídios para a formulação de programas urbano-sociais que possam qualificar o espaço através da participação na elaboração, execução e manutenção destes espaços.

7 CAPÍTULO II – ANÁLISE DOS DADOS

7.1. História de Vida

7.1.1. História de Vida I – Dona Nilza: moradora do bairro Cidade Mineira Velha

Dona Nilza nasceu em Meleiro; seu esposo também. Neste ponto da entrevista, Dona Nilza já coloca sua relação de dependência do esposo que será determinante na sua vida adulta, já que casou com o homem que conhecia desde a sua infância, com uma diferença de idade de apenas nove meses.

É vítima de uma sociedade madrastra, segundo Damergian (*crwf* GONÇALVES, 2001), no sentido de uma sociedade paternalista (mulher criada para prover o marido de filhos e cuidar da casa), refletindo nos atos, na anestesia de sua existência, ou seja, o corpo anestesiado citado por Sennett (2003).

Dona Nilza vem do meio rural, já que o município de Meleiro, no sul do Estado de Santa Catarina, era e é caracterizado economicamente pelas atividades rurais de agricultura e pecuária. Ela diz que a família, na sua infância, mudou-se de Meleiro para um povoado a 34Km de Timbé do Sul, chamado de Nova Vicenza, e novamente cita o seu marido, com o qual foi morar em Timbé do Sul e, posteriormente, transferiu-se para Criciúma, ficando ela em Timbé do Sul. Como muitos, ele saiu do meio rural para o trabalho nas minas de carvão de Criciúma, que, naquela época, era a principal fonte de empregos.

Seu pai vendia selaria para cavalos que subiam a serra ou passavam por lá, e ela se refere a ele como “papai”. Segundo Dona Nilza, a sua família era constituída de 10 irmãos. Os pais eram de origem alemã, fato que ela ressaltou, apresentando os sobrenomes da família do pai e da mãe.

Ela não se lembra de nenhum fato importante na sua infância, por não Ter existido, apesar de citar que sua avó ensinou-lhe alemão. Lembra-se das brincadeiras de criança e não precisou trabalhar para sustentar-se, já que seus pais puderam dar o “estudinho”, que foi até a 4ª série do primário, possibilitando que pudesse ler e escrever, aprendendo o mínimo necessário para a vida doméstica.

Diz ainda que seu esposo veio embora para trabalhar na Companhia Metropolitana, como encarregado, para medir os terrenos das minas de carvão.

Dona Nilza, como dona de casa, junto a seu esposo faziam parte da população beneficiária para quem o loteamento Cidade dos Mineiros fora construído, apesar de toda a propaganda da imprensa local, foi construído somente 100 casas de um universo de 1750 casas planejadas. Ela conta que não foi a primeira moradora da casa onde hoje mora, já que, na época em que veio morar ali, a casa do loteamento encontrava-se invadida por outra família, com certeza com menos sorte ou menor força de barganha para continuar morando ali. Diz ainda que sempre morou em casa de mineração, ou seja, em casas construídas para os empregados das minas, que, apesar de serem precárias, eram ocupadas por quem tinha mais “afinidade” com os patrões.

O seu marido comprou o direito de morar na casa²⁷, já que as prestações foram pagas ao antigo IAPETC. Ela dá um relato das condições das edificações e do entorno da moradia, dizendo que as casinhas eram “nuas”. As cercas eram de eucalipto, “aqueles eucaliptos fininhos”, “um lá em cima outro aqui embaixo”, “era feio da gente ver”. “Não tinha energia, não tinha água. Era lugar bem baixo, bem alto, depois a gente foi arrumando”. Podemos citar Gans (*crwf* DAMERGIAN, 2001, p.99) comparando a atual situação dos pobres, pois, segundo a autora pobre tem professor de pobre; advogado, de pobre; médico, de pobre e também pobre tem moradia de pobre.

Não teve as duas filhas ali, mas no bairro Metrópol, onde anteriormente pegou uma casa de mineração. Costa (1999) informa que as casas das vilas operárias em Criciúma, seguiram o modelo das empresas capitalistas de outros centros urbanos, onde as moradias eram construídas próximo às fábricas. A mineração construiu as casas perto das “bocas de minas”. Dona Nilza, porém, anteriormente, morou com a sogra, que é referenciada como tendo os benefícios da previdência social.

Seu marido sempre trabalhou em atividades vinculadas à extração do carvão, onde ficou doente. No fim, ele fez um negócio de recurso jurídico, porque tinha pouco tempo de serviço e veio a se aposentar.

Nota-se na entrevista que os empregos (tanto do marido quanto dela própria, logo que seu marido se aposentou, já que trabalhou como servente em escola pública municipal e na APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) foram conseguidos por meio dos políticos da época, o “pai” político, e dos amigos destes.

²⁷ Era comum, na região carbonífera vender o “direito”, já que a propriedade legal das terras era das Companhias Carboníferas.

Hoje, Dona Nilza com 75 anos mora nesta casa desde 1962, quando veio para cá com 33 anos. Possui laços familiares com a filha, que mora no mesmo terreno, no fundo do lote que dá para uma outra rua. Fala com saudade da outra filha que já faleceu e também morou com ela até a sua morte nessa mesma casa.



Fig. 16 – Dona Nilza e as lembranças da família.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.



Fig. 17 – Dona Nilza e as lembranças da família.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

Ela gosta da sua casinha como ela é, porém gostaria de arrumar “um pouquinho”, mas infelizmente não dá.

Acha o bairro um “bairrozinho” bom e faz a ligação do nome do bairro com os mineiros: “É porque sempre teve mineiros, né., por aí”. Diz que seu bairro tem como uma qualidade a relação de amizade com os vizinhos, e ela vive muito em paz. Ela diz que aqui é a sua casa, gosta dos vizinhos, de ir na Igreja e de participar do grupo lá na Igreja.

Não conseguiu desenhar o bairro, muito menos a casa, mesmo com nossa insistência, e revelou que não sabia desenhar.

Para ela, o local de encontro no bairro é a Igreja: “ali a gente vai às reuniões, a gente é convidada, à gente vai”. Participa de um grupo de canto na Igreja e é membro do apostolado da oração. Recebe a imagem da Nossa Senhora Peregrina na sua casa. Dona Nilza mostra que se socializa com a comunidade, ao freqüentar a Igreja, sendo este o único lugar que participa de atividades comunitárias. Devido à sua idade e à sua criação, a Igreja era um dos únicos locais onde uma “mulher direita” poderia ir, mesmo sem a presença do marido.

A Igreja católica e o trabalho, no caso a mineração de carvão, desempenharam um papel de controle e manutenção da moral das famílias. O padre e o minerador eram as forças importantes na sociedade local, em anos passados. Dona Nilza possui, no seu álbum de família, algumas fotografias dos padres, que guarda com carinho.

As vilas operárias, em Criciúma, sempre foram um espaço de disciplina. Costa (1999) coloca que houve projetos de higienização e moralização que tentavam remediar os problemas sociais, causados pela atividade carbonífera.

Dona Nilza diz, pela idade, não ter mais vontade de sair do bairro, porém, quando mais jovem, ela diz que poderia morar aqui em Criciúma. Gosta do centro da cidade, pois encontra lá tudo que precisa e enfatiza que lá é tudo perto e dá para se locomover.

Acha que é difícil as pessoas de fora encontrarem um endereço no seu bairro, pois, segundo ela: “É meio, porque tem muita redondeza: Cidade Mineira, Jardim União, Mina União; tem todos estes bairrozinhos pequenos”.

Sente saudade da convivência com o seu esposo e com as duas filhas: “antes era tudo unida”. Considera-se uma pessoa sozinha. Também diz ter saudade da sua casa, das suas coisas, quando está fora espera sempre voltar e fica aflita longe de casa.



Fig. 18 – Dona Nilza e a lembrança do esposo.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

A marca que a Dona Nilza diz ter da sua casa é: “Tenho sempre a lembrança do meu marido me esperando quando eu chegava do trabalho, ali no muro quando o muro era baixo. Ele sempre me esperava ali...” O fato de lembrar do marido, esperando no muro, novamente identifica o grau de dependência afetiva que ela sentia perante o esposo. Por outro lado, não se lembra de nenhuma edificação importante que identifique o bairro.



Fig. 19 – Dona Nilza a Casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

Não sai muito para passear, pois gasta muito para sair. Vai para a praia no verão quando a irmã vem buscá-la. Mostra, assim, mais uma situação de dependência.

Cuida muito bem dos canteiros de flores e da horta ao redor da casa, assim como da própria casa, que se manteve original à data da construção há mais de 40 anos. Porém reclama que não dá mais para fazer as coisas bem feitinhas. Como outros moradores do bairro, a sua casa não tem o sistema básico de tratamento de esgoto, sendo ligado na rede pluvial.



Fig. 20 – Dona Nilza, o exterior da casa, o cuidado com os canteiros.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

Fig. 21 – Dona Nilza, o exterior da casa, o mosaico no degrau de acesso à área de serviço.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

Fig. 22 – Dona Nilza, o exterior da casa, o cuidado com o jardim lateral da casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 21/10/2004.

Para Dona Nilza, a Cidade é para quem pode “curtir” ela. Para ela a Cidade tem “bastante emprego, que a pessoa possa ...”. Dona Nilza, assim como a maioria da população acha que, na cidade, a pessoa pode progredir, pois ela e seus pais, assim como ela e o marido tiveram que vir para a cidade para conseguir ser alguém. Está simplesmente contente com o lugar que mora.

Ela conta que antes tinha receio e vergonha de dizer ser moradora da Cidade Mineira, porque, segundo ela, moravam na redondeza do bairro muita pobreza e ladrões; hoje seu modo de ver, não tem mais isso.

Dona Nilza, apesar de morar há 42 anos no bairro Cidade Mineira Velha, não se apropriou do bairro, pois o fato de apenas participar do grupo da Igreja não mostrou ser um fator importante na apropriação do bairro totalmente, uma vez que não participa das decisões comunitárias, como: participações em reuniões da Presidência da Associação dos Moradores, não utiliza o comércio local, nem o posto de saúde, preferindo ir ao centro da cidade.

Contudo apresenta alguns fatores evidentes de apropriação da casa onde mora, a qual possui uma ambiência, que, segundo Souza (1998), é a necessidade de se estar confortável em termos de adequação da posição de móveis e utensílios, da temperatura, da ventilação e da luminosidade. A casa, apesar de pequena, é muito confortável.

Há evidências de que ela faz identidade com a casa – Place identity, Proshansky (1978) – quando cultiva as lembranças passadas pelas fotografias colocadas num móvel na sala de estar, cuida o jardim, gosta do que faz nos canteiros e na horta.

Também Dona Nilza possui laços com a casa – Place Attachment, Proshansky (1978) - quando mantém vivas as lembranças passadas e o sentimento de pertença ao lugar onde mora, já que diz ficar aflita e angustiada quando sai e mostra afinidade com a vizinhança.

Embora, ela não tenha alterado radicalmente a arquitetura original da casa, pode-se evidenciar que ela fez a Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, Sansot (1976). Na parte externa, as modificações foram sutis, como: o novo telhado, outro muro e o tratamento que ela tem com o jardim. As maiores modificações, porém, deram-se no interior da casa, nos revestimentos cerâmicos e nos objetos de decoração que sempre evocam a família.

7.1.2 História de Vida II – Dona Santina: moradora do bairro Cidade Mineira Nova

À primeira vista, Dona Santina, aos 85 anos, parece uma pessoa muito dura, rígida e ríspida, talvez porque a vida ensinou a esta antiga escolhedeira de carvão e arrimo de família a lidar com os forasteiros.

Essa, segundo relato, nasceu em Jaguaruna/SC, uma cidade situada a uns 40 Km ao norte de Criciúma, mais em direção ao mar. Ela disse que nasceu na comunidade de Morro Grande e veio do meio rural, tendo trabalhado na roça desde os 7 anos.

A pobreza econômica acompanhou essa senhora desde criança, mas isso não a impediu de se lembrar dos pais que, apesar de muito pobres, trabalhavam na roça para poder sobreviver, e ela ia para a escola: “Era bom; a professora, muito boa”, onde estudou até a 2ª série do primário, com os tamanquinhos feitos de pano: “que a minha mãe fazia”. O fazer ela faz até hoje com sua “Valência Positiva”, segundo Damergian (2001), ao encarar o mundo que para ela não foi fácil.

Viu a união da família. “Meus pais eram muito unidos, muito bons, bons mesmo, eram um casal que a gente nunca ouviu... se discutiram a família nunca ouviu” E isso pôde ser transmitido para a relação matrimonial que teve com o seu falecido marido, apesar da história de submissão das esposas perante os maridos.

Com a vinda do seu pai para Criciúma, com a família de 13 filhos e a esposa, para trabalhar como puxador de carvão com carros de boi, ela foi trabalhar como escolhedeira de carvão na mina do Seu Ângelo Vieira e depois foi fiscal de escolhedeiras na Companhia Próspera. Com exceção da mãe e de alguns irmãos, outros 4 irmãos trabalhavam nas minas, já que, em 1932, a atividade carbonífera estava a todo o vapor na região de Criciúma.

Dona Santina conta que, apesar do trabalho com o carvão, a família ainda trabalhava na roça da casa onde vieram morar. Esta era alugada e pertencia ao dono da mina, fato comum na região, onde o minerador dava a casa, comida e trabalho, mola propulsora para o assistencialismo presente na sociedade de Criciúma, onde as barganhas podiam ser conseguidas, unindo-se aos “Donos de Poder”, expressão citada por Teixeira (1996).

Dona Santina, como muitos, usou dessas barganhas, para conseguir ascensão no trabalho, já que era como uma águia na vistoria do carvão para os seus patrões: “A minha relação com os patrões foi muito boa, muito bem respeitada”. Lembra-se de todos os seus

patrões desde o Seu Ângelo Vieira até o seu Sebastião Netto Campos e os casos de “ajutório²⁸”.

Não teve muito tempo para brincar, namorar ou passear: “Passeio, passeio não, era se o pai ou a mãe deixassem”. Respeitava muito os pais e trabalhou, trabalhou muito: “Minha adolescência foi trabalhada, quando não no crochê, na mina”. Uma quase escravidão, para os padrões atuais, mas para ela: “Trabalhava, era feliz da vida”.

Conheceu seu marido com 19 anos, na mina e, depois de casada, trabalhou 3 meses debaixo da mina com o seu marido. Daí vieram os filhos 13 no total, dos quais ela já enterrou 7 filhos, 5 filhos quando ainda crianças, já que a insalubridade da antiga São José de Cresciuma fazia as crianças morrerem ainda bebês, conforme relata Costa (1999). O médico Francisco de Paula Boa Nova Júnior faz um relato da insalubridade nas condições das moradias dos empregados da indústria carbonífera.



Fig. 23 – Dona Santina, a única foto na casa, ela e o marido.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Dona Santina não sente tanta tristeza na morte das 5 crianças, mas chora a morte dos 2 filhos adultos e do marido. Mantém relações com os filhos e quer-lhes muito bem.

Mantém, na memória, todos os lugares em que morou. Dona Santina diz que sua infância foi feliz, foi uma pessoa feliz na vida, e a infelicidade veio “agora” depois que perdeu

²⁸ Na região os antigos empregados da mineração de carvão que fossem fiéis aos seus patrões poderiam contar com ajuda destes, em casos de necessidade extrema, como na ajuda para empregar parentes e em outros favores.

o marido. Pelo que ela deixou claro, o seu marido morreu em 1972, segundo ela: “Era uma pessoa que vivia cantando dia e noite”.

Quando se casou, Dona Santina ainda morou de aluguel nos bairros Metropol e Catarinense, em casas de mineração. Resignada, diz que se acostumou a morar em casas precárias, mas foi enfática em comentar que não morou nas casas de “palha” da Cia. Próspera. Dona Santina passou pelos bairros de Criciúma como uma nômade, sempre morando de aluguel.

Veio a se estabelecer na Cidade Mineira Nova, no ano de 1968/1969, pois segundo ela, o seu marido, sofrendo das enfermidades do trabalho de 25 anos nas minas de carvão, precisava de um lugar novo, arejado e longe da poeira do carvão, para viver mais alguns anos, pois parava mais no hospital que em casa.

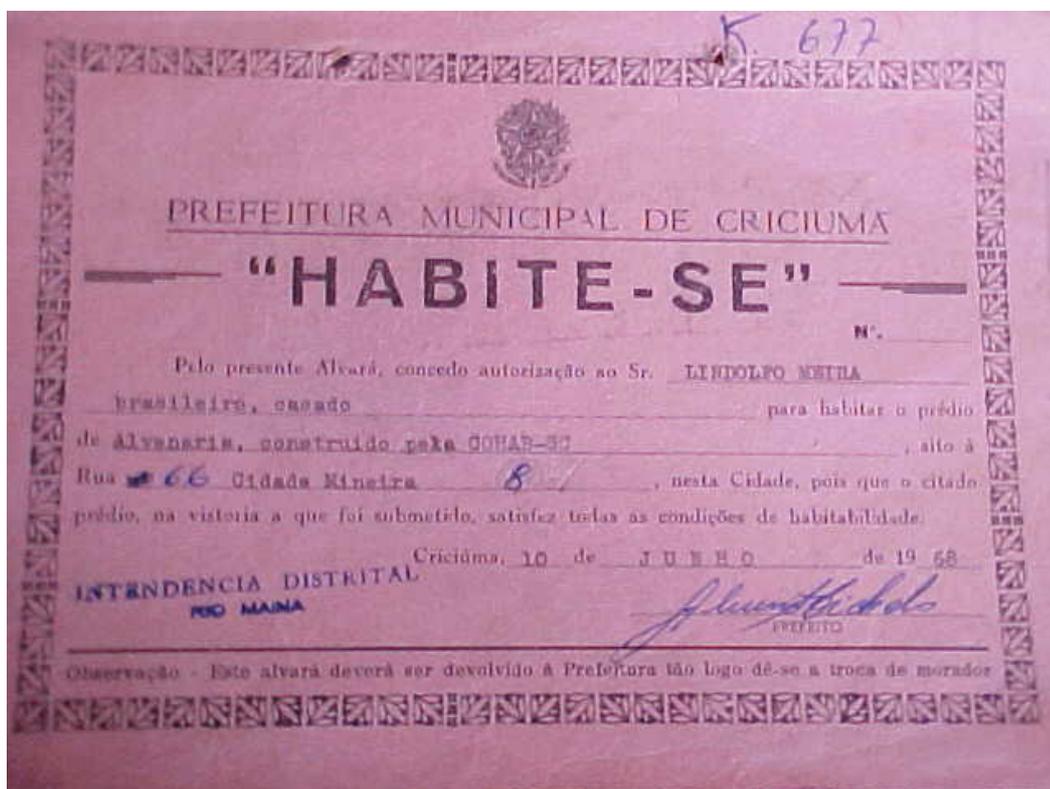


Fig. 24 – Dona Santina, o Habite-se da casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Quando Dona Santina chegou à Cidade Mineira Nova, esta já estava construída, porém vazia; ela foi uma das primeiras moradoras. A vila foi construída pela COHAB/SC, porém, com o passar dos anos, foi invadida, fato muito comum no passado, em Criciúma, já que os políticos tiraram muito proveito nestas situações.

Apesar de novas, as casas apresentavam uma qualidade construtiva péssima. Muito diferente das anteriormente construídas na Cidade Mineira Velha, o loteamento não

possuía infra-estrutura básica (não havia água, energia, nem esgoto e as ruas eram de chão batido). As mulheres do bairro pegavam água num banhado próximo de onde moravam e, no mesmo levavam as roupas para lavar. A infra-estrutura começou a vir aos poucos.



Fig. 25 – Dona Santina, a Casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Fig. 26 – Dona Santina, a casa do vizinho ainda com características originais.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Logo que ela se estabeleceu, sentiu a necessidade de ampliar aquela casa que tinha originalmente dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Disse que os móveis que possuía, na época, não cabiam na casa. Veio morar na casa com todos os filhos.



Fig. 27 – Dona Santina, a casa ampliada para um maior conforto.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Ampliou com o seu dinheiro, economizando nas passagens de ônibus que as freiras do pinheirinho lhe davam, já que trabalhara com elas como empregada, durante 6 anos. Também fazia crochê. Seu marido, no hospital, ficou sabendo da ampliação quando voltou do

hospital para casa, a fim de morrer. Dona Santina também só sairá da casa carregada num caixão.

Com o trabalho, ela pagou as prestações da casa e a ampliação dos dois novos quartos. Ela sente raiva ao lembrar que quase todos os outros moradores, invadiram as casas ou nunca pagaram para a COHAB/SC. Dona Santina diz: “Eu vinha a pé com o dinheirinho na mão para não gastar, para chegar em casa. Eu ia a pé daqui, 4 ou 5 vezes por semana para o hospital, quando ele tava no hospital... Voltava 7 ou 8 horas da noite a pé pelo trilho. Naquele tempo não tinha bandido”.

Todos os filhos da Dona Santina, estudaram, ela sente orgulho de dizer isso. Todos trabalharam, mas não como o pai, porque senão estariam todos mortos também.

Dona Santina fala com muita gratidão da família do ex-prefeito Manique e do Sr. Sebastião Netto Campos, antigo minerador, pois sempre que foi procurá-los conseguiu o que pediu, para ela, eles eram como pais protetores. Os mineradores, os políticos sempre foram para a comunidade local a segurança nas suas vidas, já que deviam a estes os empregos, os salários e quase a vida.

Dona Santina gosta de tudo no bairro e ironiza, dizendo que ela mora sozinha com Deus e lá fora ficam os ladrões, vagabundos e maconheiros, num preconceito do como a população de fora vê como é a Cidade Mineira. Também diz que gosta de tudo na sua casa, pois já se acostumou. Para ela, o lugar que mais gosta, nitidamente visível, é o quintal, onde ainda planta na horta para seu sustento e abriga os dois cachorros que são seus companheiros.



Fig. 28 – Dona Santina, o quintal da casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Fig. 29 – Dona Santina, o quintal da casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004

Apesar de a casa original ser bem pequena, o terreno apresenta-se adequado à moradia, já que um dos filhos de Dona Santina construiu a sua casa no

fundo do quintal, ainda sobrando espaço para a horta e para as laranjeiras. Dentro da casa, os objetos particulares de decoração são geralmente imagens dos santos, e a única foto observada foi a foto antiga dela com o marido na sala de estar.

Dona Santina não sente saudade da casa quando sai para viajar, o que faz com frequência e ainda organiza excursões religiosas para muitas pessoas; mostra-se, no alto dos seus 85 anos, muito ativa. Queixa-se de que já não pode trabalhar como antes e se sente esquecida, mas, mesmo assim, quer continuar viajando.

Ela acha que vai ser lembrada como “Maria Santeira” ou “puxa-saco” de padre. Dona Santina, desde jovem, sempre foi solidária em relação aos serviços na igreja, e lavava as roupas da igreja, separado das outras, pois são “sagradas”, ela diz. Participou da montagem dos altares antes das missas e ajudou a construir a igreja da Cidade Mineira Nova, a mais próxima da sua casa.

Dona Santina conta que sempre procurou ajudar a comunidade, onde ela hoje mora, nos momentos de doenças dos vizinhos, correndo atrás de médicos e até mesmo na solicitação dos caixões de defuntos aos mais necessitados que morriam no bairro.

Ela não tem problemas de dizer que mora na Cidade Mineira Nova, pois não deve nada a ninguém. Dona Santina se mostra indiferente ao bairro: “Ah! Para mim é tudo bom... Não tem nada que contar de bom, nem de ruim... para mim tá tudo bom”. Mas mesmo assim não gostaria de sair do bairro e não mostrou desejo de morar em nenhum lugar mais nem no Centro da cidade, pois não gosta do mesmo.

O único lugar que frequenta, no bairro, é a igreja, pois não gosta de ir a reuniões da comunidade. Às vezes, vai ao posto de saúde, buscar medicamentos para a hipertensão arterial.

Dona Santina mostrou um acomodamento nas atividades diárias de crochê e tricô, pois reclama das mãos. Fica assistindo à tv, no canal religioso, pois o filho lhe comprou uma parabólica que foi instalada no quintal. O antigo quarto dela e do esposo virou a sala de televisão, onde ela tem todas as imagens dos santos que a protegem.



Fig. 30 – Dona Santina, a antena parabólica.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.



Fig. 31 – Dona Santina, a cultivação do jardim e a área da frente.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

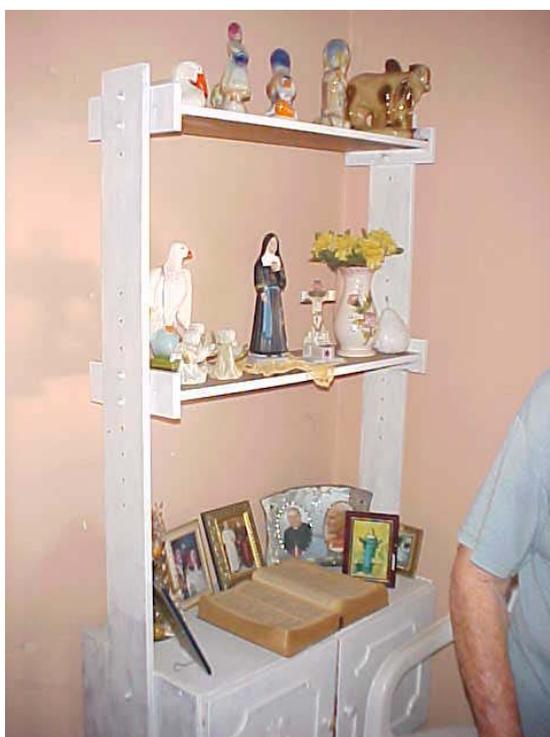


Fig. 32 – Dona Santina, as imagens dos santos que a protegem.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 29/10/2004.

Mostra saudade quando fala dos falecidos, mas do resto não sente saudades. Não tem saudade de ser mais nova, pois isso não mais voltará. Diz que as pessoas têm que estar bem preparadas, pois temos duas vidas “uma na morte e outra na vida”. Não possui fotos da família.

Utiliza o comércio do centro da cidade para fazer as compras do dia-a-dia, até mesmo ela vai aos supermercados que ficam na região central. Seus móveis e roupas, também os compra lá.

Dona Santina não conseguiu fazer o desenho do bairro nem da casa onde mora. Acha que as pessoas de fora conseguirão achar um endereço no bairro com um mapa nas mãos.

Nota-se que Dona Santina é muito franca naquilo que contou, pois, para um forasteiro, ela abriu muito da sua vida; é uma pessoa sincera naquilo que fez e faz. Sente orgulho de ter pago todas as prestações da sua casa e mostra as documentações com orgulho e esforço.

Ela não sente necessidade de mudar mais nada na casa. Se tivesse dinheiro: “Não mudava mais nada, não! Ia comer, passear, emprestar dinheiro para os outros”.

Dona Santina já mora no Bairro Cidade Mineira Nova há 36 anos. Foi uma das primeiras moradoras que está ainda viva e não se apropriou do bairro, mesmo tendo ali conseguido comprar a sua casa. Pode-se dizer que, talvez por morar em muitos lugares de Criciúma, não se enraizou naquele bairro que hoje mora. Então, por acomodação e pela idade, não pretende sair.

Ela apenas participa comunitariamente das atividades na Igreja, que fica num bairro ao lado do seu. Uma característica marcante é que fala com carinho dos vizinhos e sempre procurou ajudar os mais necessitados do bairro, característica inata dela, se morasse em outros lugares, também ajudaria. Não conseguiu desenhar o bairro, mas consegue se orientar nele e sabe onde todos moram, principalmente sua rua. Diz gostar do bairro, mas mostra-se indiferente.

Quanto a casa, ela modificou-a muito, por necessidade de mais conforto à família. Pode-se dizer que ela tem identidade com a casa – Place Identity, Proshnky (1978), quando tem a consciência do que passou na casa e o que teve que fazer com ela. Para dar mais conforto, cultivava o quintal para o plantio de flores, a horta e as laranjeiras. O jardim é bem conservado e sente saudade de não poder manter melhor o quintal. Fez a área na frente para ver o movimento da rua, uma representação subconsciente de uma casa de fazenda.

Dona Santina diz não manter laços com o lugar onde mora – Place Attachment, Proshanky (1978), pois não sente saudade de voltar para casa quando sai. Parece, então, estar conformada com o lugar onde mora. Pela sua vida ativa, a casa servia somente como abrigo à noite, como gosta muito de passear, não fica aflita para voltar. Porém quer sair desta casa, assim como o seu marido saiu, somente carregada.

Ela alterou radicalmente a casa que originalmente veio morar, uma casa pequena que mal cabia a sua família. Ampliou, modernizou-a e vive num espaço que se tornou satisfatório para morar. As modificações foram, de certo modo, radicais, já que alterou o

madeiramento do telhado, as telhas e a parte interna, adequando-os à sua necessidade. Fez a Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, Sansot (1976). Internamente, a decoração traz consigo o que mais gosta: a religião, a evocação a Deus por meio das imagens dos santos, presentes na sala de estar e na sala de televisão.

7.1.3 História de Vida III – Célio: morador do bairro Vila Manaus

Célio, 40 anos, morador do bairro Vila Manaus, nasceu em Criciúma, no bairro Boa Vista. Lembra-se pouco da sua infância, principalmente dos lugares onde foi morar, como Laguna/SC, na ponta da barra, onde aprendeu a pescar e guarda esta atividade até hoje como o principal esporte que pratica, pois vai até as praias da Solidão e Torres, no Rio Grande do Sul, para pescar.

Da sua infância, lembra pouco, mas um fato marcou sua adolescência: a separação do seu pai e da sua mãe, que veio morar em Criciúma, já na ocupação da Vila Manaus. Esse fato marcou a vida de Célio: “Quando o pai e a mãe se separaram, foi uma coisa assim, eu não conseguia aceitar e mais tarde me causou assim uma consequência grande. Na minha juventude, eu vi o quanto eu perdi”.

Ele retornou a Criciúma com 14 anos e se estabeleceu na Vila Manaus, pois seu pai fez um acordo com a sua mãe. Ela e seus cinco filhos vieram morar na casa da Vila Manaus. Segundo Célio, a ocupação tinha poucas casas e todas precárias, mas a que ele morou era boazinha: “porque meu pai já tinha feito uma casa boa mesmo. Mas as outras casas eram tudo precárias, e existiam poucas pessoas aqui na época.” Célio não se lembra muito bem de seus avós que faleceram quando ele ainda era pequeno.

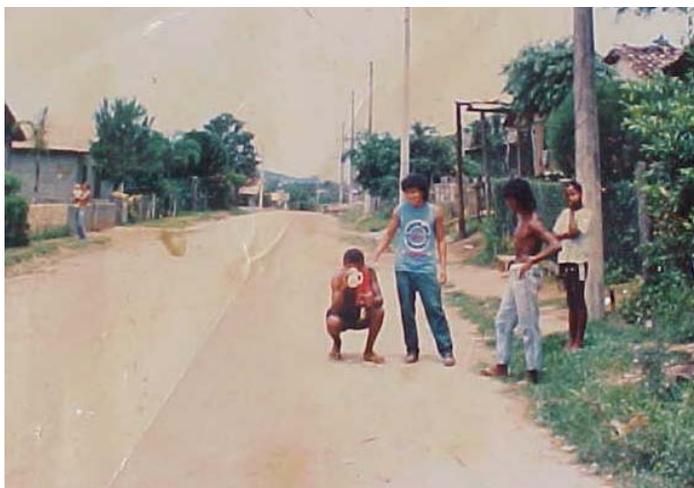


Fig. 33 – Célio, em sua juventude, no Bairro Vila Manaus, na década de 80.
Foto: Reprodução do arquivo da família.

Segundo Célio, as pessoas mais antigas do bairro disseram que a Vila Manaus foi ocupada porque havia pessoas doando lotes. Conta que o responsável era um tal de “Seu Pedro Sabão”, da Mineira. Era época política, eleitoral.

A doação de lotes populares e até o incentivo à invasão eram muito comuns até o final da década de 90, segundo a Secretaria de Habitação de Criciúma, há hoje 87 áreas irregulares no município. Geralmente essas áreas localizam-se em áreas “non aedificandi” na beira de rios, áreas de rejeito piritoso ou áreas verdes públicas.

As invasões de áreas, em Criciúma, sempre tiveram o caráter político, não deixando de estar também relacionadas ao êxodo rural, já que Criciúma é a maior cidade entre Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC, atraindo mão-de-obra.

Guadagnin (2001, p.90) relata essa realidade de Criciúma como uma cidade pólo, um centro econômico em expansão na região sul de Santa Catarina, alimentava a expectativa de dias melhores para muitos migrantes desafortunados. Criando-se a ilusão perante uma realidade desconhecida.

Célio conta que não precisou trabalhar quando criança e estudou até a 6ª série, mas dois de seus irmãos estudaram até a 8ª série. Ele se exprime com certa desenvoltura e possui uma coerência ao contar a história da sua vida, não comete erros de português ao falar.

Mostrou que suas amizades, na infância, foram muitas, e que até hoje é uma pessoa muito bem relacionada no bairro onde mora. Fala das brincadeiras da infância, que nada tem a ver com as de hoje, pois, segundo ele, não eram “brincadeiras programadas”.

Quanto ao estudo, Célio diz que, apesar de ter estudado somente até a 6ª série, pode ajudar os filhos na escola, já que considera o estudo atual um pouco fraco em relação ao que teve.

Casou-se sem namorar, pois já a conhecia a moça do Grupo de Jovens e, quando a pediu em casamento, a mesma aceitou. A falecida mãe de Célio gostava muito da esposa, como ele disse: “peguei, arrisquei e até hoje estou com ela”.

Da sua união com a esposa, nasceram os quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Gosta muito da família, especialmente dos filhos, e o lugar que mais gosta na casa e a sua cama, revelando ser lá o local que mais se sente feliz.



Fig. 34 – Célio, a cama (o lugar que mais gosta na casa).
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/11/2004.

Célio, anteriormente à vinda para essa ocupação em Vila Manaus, morou num loteamento popular executado pela Prefeitura de Criciúma, época em que o Eng. José Augusto Hülse era o Prefeito. Ele diz ter ganho o sorteio da casa no loteamento, onde foi morar com a mulher e seu filho recém-nascido.



Fig. 35 – Célio, a primeira morada da família – Lot. Popular.
Foto reprodução: Arquivo da família.

Segundo Célio, a casa apresentava muitos problemas, como umidade já que fora executada numa região baixa da região do Bairro Santa Luzia. Vendeu o direito de moradia na casa e ocupou um casebre na área da Vila Manaus, uma casinha bem precária, como diz: "Peguei e vendi o direito daquela minha casa lá, e vim morar nesta aqui".

A situação da casa não foi regularizada na Prefeitura, porém a comunidade invasora foi convidada, na justiça, a pagar para os antigos proprietários, junto à Prefeitura, pela compra da área. Porém até hoje não receberam as escrituras dos lotes e, na prefeitura não sabem onde foi parar esse documento de compra e venda. A área, apesar de ser uma ocupação irregular, com casinhas humildes, possui uma regularidade na ocupação dos lotes, mantendo a rua aberta e com visuais de entrada e saída.



Fig. 36 – Célio, a rua 7 da Vila Manaus.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/11/2004

Célio mostrou gostar muito do bairro, principalmente dos prédios públicos, como o Posto de Saúde e o Centro Comunitário. A Polícia aqui cuida do Bairro. Fala bem das Escolas dizendo ter uma gama de opções para as crianças. Diz que poucas ruas no seu bairro não possuem pavimentação; enfim, acha que seu bairro é bem servido de infra-estrutura.

Além de considerar como a melhor coisa no bairro a amizade e o conhecimento que tem de todos os moradores. Célio diz ser uma das pessoas mais conhecidas no bairro Vila Manaus.

Célio não costuma sair muito da sua casa, a não ser ir de casa para o trabalho ou às vezes, para jogar futebol e pescar. Diz ter muita ansiedade para retornar a sua casa e não sabe dizer se é por causa da casa ou dos filhos, mas gosta de voltar, principalmente se fica fora mais de dois dias.

Ele faz a identificação da sua casa logo quando entra na sua rua, apesar de ser estreita (ela não tem saída ela acaba no portão da casa dele): “...quando eu entro nela, então eu sei vai terminar só no meu portão, quando chega no meu portão, eu sei que é a minha casa. É o final da rua”.



Fig. 37 – Célio, o final da rua é a casa de Célio.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/11/2004

A marca que deixou na sua casa diz respeito ao processo como ergueu a casa onde ele mora, quando estava erguendo-a, um vendaval a colocou abaixo, quebrando tudo. Aos poucos, ele foi erguendo tudo de novo, sempre com a ajuda de Deus. Considera sua casa diferente das outras da rua, já que fez algumas modificações de fachada e incluiu uma varanda na frente da casa, diferente das outras, muitas ainda precárias.



Fig. 38 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.
Foto reprodução: Arquivo da família.

Fig. 39 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.
Foto reprodução: Arquivo da família.

Fig. 40 – Célio, o processo de construção da casa e a família como referência defronte a casa.
Foto reprodução: Arquivo da família.

Célio consegue, segundo Damergian (2001), superar condições adversas e se figurar como um ser humano ético, amoroso, íntegro, a despeito de toda a hostilidade do meio externo, sendo uma exceção que alimenta a esperança na salvação da humanidade. Em regra, isso não acontece.

Classifica o bairro como bom de se morar, onde é bem servido de infra-estrutura na área de saúde, de pavimentação e de educação. Acha que o maior problema no bairro é a marginalização, pois, desde o início da ocupação do bairro, este foi tachado de bairro marginal. Célio diz que as pessoas de fora do bairro vêem-no como um bairro marginal: “[...] a própria sociedade culpa isso aí, então ela mesmo assim, acho que transforma a Vila Manaus, queira ou não queira, num bairro periférico e perigoso. Mas não é que é isso aí. Geralmente há muitos lugares aí que tem mais marginalização, mas só que aqui é uma vila que é tachada como marginalizada. Então acho que é isso aí”.

Célio sente-se honrado por morar na rua 7 da Vila Manaus e fica irritado quando qualquer documento oficial chega até sua casa como loteamento Simão ou loteamento Dona Olga. Faz questão de dizer que mora onde mora, pois conheceu muito como era e, após toda a dificuldade de transformação do bairro, vê um grande progresso no crescimento urbano desse.

Mantém uma relação muito boa com os vizinhos e se diz muito conhecido de todas as pessoas do bairro. Observa-se que há um espírito comunitário de ajuda muito grande no local onde ele mora, já que considera muitos vizinhos como se fossem sua própria família. Célio sente saudades dos falecidos pais.

Solicitado a desenhar o bairro ele se mostrou apto a fazê-lo em detalhes, marcando os pontos de encontro e as edificações públicas que utiliza, conseguindo localizar a

sua casa na malha urbana do bairro que desenhou. Célio também conseguiu desenhar com detalhes a sua casa, dividindo os compartimentos conforme o são na realidade.

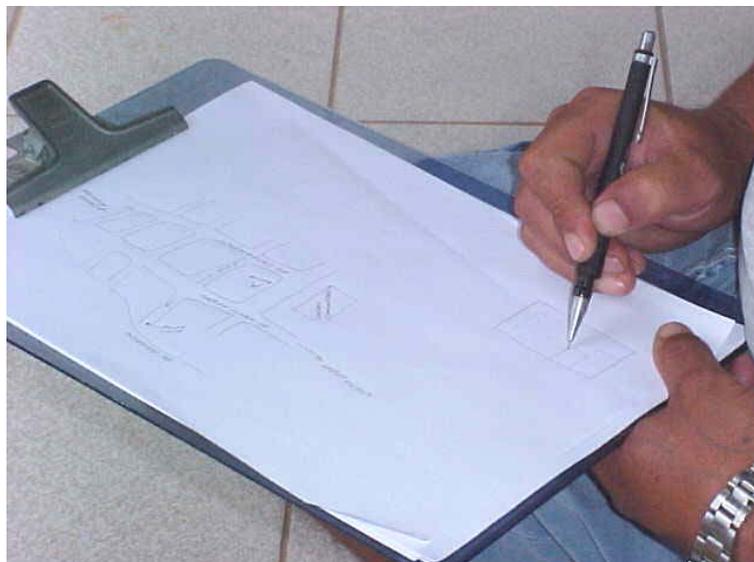


Fig. 41 – Célio, o desenho do bairro e da casa.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/11/2004

Célio diz que a população geralmente usa os bares para encontros, e que ele frequenta a sede do time de futebol do bairro que fica num bar também. Acha que o Centro Comunitário tem uma estrutura muito boa, e lá funcionam também a creche e o clube dos idosos. Vê, como principal necessidade no bairro a falta de locais públicos de lazer para a comunidade, principalmente praças públicas de esporte para a gurizada.

Não se vê morando em outro bairro mas, caso isso viesse a acontecer poderia morar no local onde nasceu: “Eu sou daqueles que parece que crio raízes, eu gosto... porque eu gosto tanto daqui, que eu não penso muito assim em morar em outro bairro”.

Não vê o centro da cidade como um cartão de visitas, acredita que o centro poderia ser bem melhor, e mais bonito se fosse mais simples. Célio se refere à simplicidade do centro, na definição do traçado viário, pois o centro da cidade de Criciúma cresceu de forma desordenada, sobre os antigos caminhos que chegavam a Criciúma e saíam dela.

Sua definição de cidade é ampla, já que considera cidade como a abrangência de todos os bairros. Vê que os outros acham que a cidade é só formada pelos bairros próximos ao centro, mas para ele não: “Eu, pra mim, uma cidade, é onde existe cada cidadão, já faz parte de morador de uma cidade”.

Reconhece que o seu bairro não possui tudo de que precisa em termos comerciais, como um comércio forte, porém encontra muitas coisas no bairro. Quando precisa vai ao centro e corre por tudo; diz que lá há muitas opções.

Célio é um morador do bairro Vila Manaus que se pode dizer Ter-se apropriado do bairro em todos os sentidos, já que consegue materializar, em desenho, o traçado urbano do bairro, locando os pontos de convívio, citando ainda as edificações públicas e localização de sua casa no bairro. Quanto à identificação mental do bairro, Célio sabe onde ficam os locais de encontro do bairro, sabe se localizar no bairro, tendo noção do que este representa para ele e sabe que os outros pensam do bairro. Apreendeu os significados e valores da cultura urbana, ou seja, o que o bairro significa, a história do bairro, as lutas de classes e os preconceitos que a toponímia do bairro significa. Sendo capaz de fazer uma identificação pessoal com o lugar onde mora, como citado por Barbey (*crwf* POL, s.d).

A casa de Célio é o retrato do trabalho e do amor à família, já que, desde o começo, foi sempre moldando-a às necessidades de sua família. Não ficou contente com a casa precária que serviu de ocupação, e sim fincou na terra as raízes que vieram a solidificar o seu espaço de habitar. Conseguiu desenhar a planta baixa, dividindo os espaços internos da casa, conforme foi edificada.

Utilizando as referências de Pol (s.d), Célio se apropriou do espaço e este é um espaço de significados, onde ele transmitiu a sua afetividade em seus atos e nas suas palavras, na sua relação com o bairro, com a casa e com a sua família. Ainda, segundo Pol (s.d), Célio define o seu lugar como um ambiente com sentido.

Célio consegue se apropriar com a identidade do lugar – Place Identity, Proshanky (1978), já que ele consegue estabelecer referências a casa, como o duro processo de construção, as lembranças da família com as fotografias tiradas defronte a casa em diferentes períodos, os quais estão impregnados de sentimentos de pertença ao lugar. Apesar de o terreno não possuir um cuidado, é onde estão os vários animais que cuida, além de algumas árvores frutíferas. O terreno ainda é utilizado para livre trânsito dos moradores de uma invasão vizinha que acessam o local pelo seu terreno, pois, apesar de ser murado, possui sempre o portão aberto.

Ele mantém laços com o lugar onde mora – Place Attachment, Proshanky (1978), pois sente saudade de voltar para casa quando sai, não sabe se é da família ou da casa, mas está satisfeito com o lugar onde mora. Não pretende sair, pois a casa é o ponto de referência para a família, não só abrigo.

Quanto à Personificação do lugar por meio de marcas do sujeito, Sansot (1976), Célio moldou a casa de acordo com as necessidades. Foi sempre aumentando uma peça, outra. Uma marca que acha ser referência da sua casa é a varanda, que ele considera uma diferenciação em relação às outras casas da sua rua.

8 CAPÍTULO III – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Observou-se, nas respostas aos questionamentos, que os moradores estabeleceram-se nas referidas subáreas de acordo com as seguintes considerações:

Dos moradores entrevistados do bairro Vila Manaus 89,0% são moradores do bairro entre 20 e 30 anos, fato comprovado uma vez que a ocupação da área deu-se no fim da década de 70.

Quanto aos moradores do bairro Cidade Mineira Nova, estes se estabeleceram no bairro entre 20 a 30 anos, 55,5%; e entre 30 a 40 anos, 22,5%. Os dados mostram que o maior percentual de moradores entrevistados também foi morar no referido bairro no início da década de 70 ou entre 1970 e 1980.

No bairro Cidade Mineira Velha, os dados apresentam que há uma visível divisão, quanto ao tempo de moradia no bairro, porém nota-se que a maioria - 33,3% - é moradora do bairro entre 30 e 40 anos, e 22,5% mora há mais de 40 anos.

Nesse bairro, os dados mostram que há uma significativa divisão e recebimento de novos moradores, ou seja, 11,0% dos entrevistados são moradores entre 05 e 10 anos, e 22,5%, entre 10 e 20 anos.

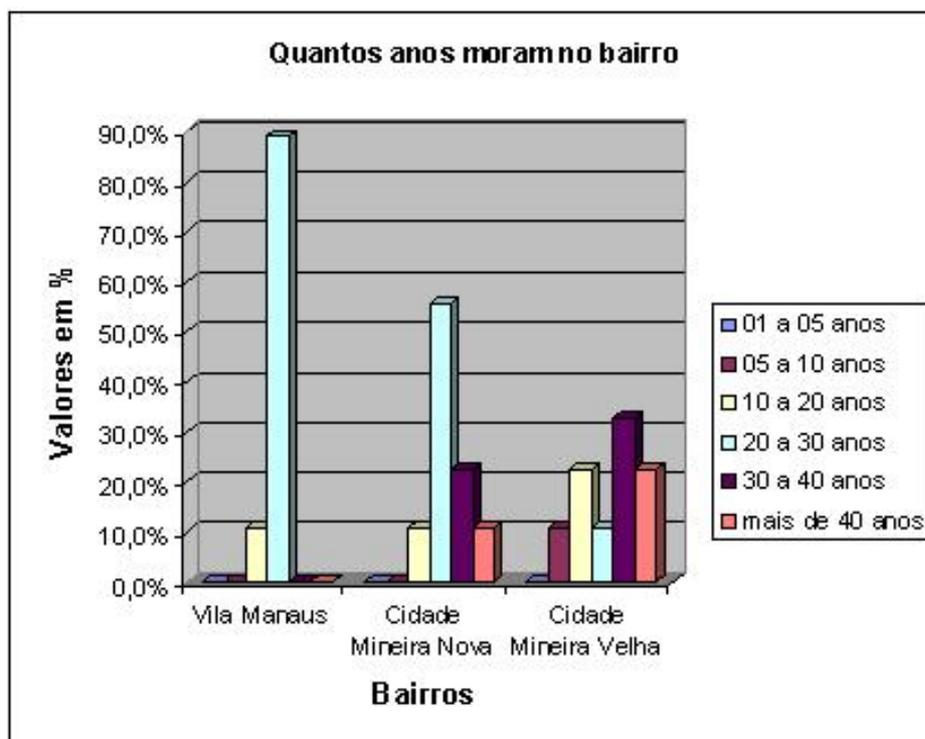


Fig. 42 – Gráfico: Quantos anos moram no bairro.

Como o loteamento Cidade dos Mineiros teve seu primeiro núcleo de implantação, onde hoje é o bairro Cidade Mineira Velha, os moradores mais antigos já faleceram, fato comprovado pela dificuldade na indicação de outros moradores para as entrevistas.

Notou-se que a população do local encontra-se em constante reutilização dos imóveis existentes, fato verificado pelo grande número de reformas e ampliações das residências originais.

As cidades de origem dos moradores, informadas nos questionários, mostram que nas 03 subáreas de estudo, os moradores, em sua maioria, vieram ora do meio rural, de cidades como: Urussanga/SC, Gravatal/SC, Meleiro/SC, Maracajá/SC, Pedras Grandes/SC, Orleans/SC e Nova Veneza/SC, ora de cidades litorâneas, como: Araranguá/SC, Imaruí/SC, Imbituba/SC, Içara/SC e Tubarão/SC.

Um fato importante é que os 30 moradores entrevistados, ou seja, 03 (história de vida) e 27 (questionários) nasceram no Estado de Santa Catarina; portanto, não foi observada a vinda de moradores de outros estados para o estabelecimento dentro dos três bairros.



Fig. 43 – Gráfico: Origem dos entrevistados.

Em pesquisas recentes, principalmente na verificação de dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Habitação do Município de Criciúma, foi verificado, no Cadastro Sócioeconômico (2004), que, a partir da década de 90, houve um número

expressivo de ocupações irregulares, com os moradores, em sua maioria, originários do Planalto Serrano de SC, do Estado do Rio Grande do Sul e do Estado do Paraná. Ainda, na mesma década, observou-se a chegada de novos moradores de cidades litorâneas e rurais do sul do estado de Santa Catarina.

A vinda desses moradores das áreas rurais e do litoral do sul de SC deve-se à grande atração da mão-de-obra ao Município de Criciúma/SC, principalmente impulsionada pela atividade de extração de carvão, na metade do século XX e após a década de 70, com o desenvolvimento das indústrias cerâmica e do vestuário.

Quando perguntado aos moradores o que os mesmos mais gostavam no bairro, as respostas foram as seguintes:

No bairro Vila Manaus 55,5% dos moradores gosta de sua vizinhança; 33,3%, da Igreja e 22,2%, do Posto de Saúde. O gosto pela vizinhança é visível pelo modo com que os entrevistados referem-se a seus vizinhos próximos, que, muitas vezes, são considerados pelos próprios entrevistados como sendo da família; há, pois um espírito de cooperação visível entre os moradores.

No bairro Cidade Mineira Nova, 55,5% dos moradores entrevistados gostam de outros locais, como: o Clube de Futebol, a Creche; alguns entrevistados informaram que gostam de tudo no bairro e outros moradores (44,4%) gostam de suas próprias casas.

No bairro Cidade Mineira Velha, 44,4% dos entrevistados também citaram que gostam de suas casas, e a Igreja foi citada por 33,3%.

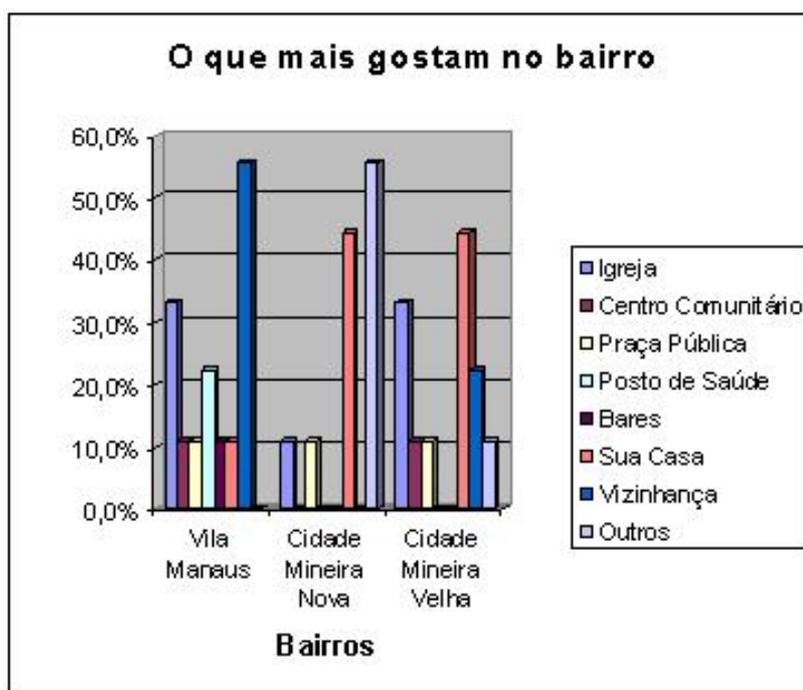


Fig. 44 – Gráfico: O que mais gostam no bairro.

Os moradores entrevistados nas 03 subáreas mostram, através dos números, que a vizinhança, as suas próprias Casas e a Igreja ainda são referências importantes para os moradores que se mostram engajados em alguma atividade ocupacional no seu próprio bairro, podendo ser no Centro Comunitário ou na Igreja, já que não há locais de lazer, como praças públicas, quadras de esportes e de recreação.

A maioria dos entrevistados é de uma faixa etária acima dos 30 anos, e caberia, em futuras pesquisas, utilizar outras faixas de idade. Notadamente, nas visitas realizadas aos bairros, foi verificado que não há locais destinados ao lazer para essa população que, muitas vezes, é obrigada a freqüentar bares ou outros locais de lazer e diversão em outros bairros da cidade.

Quando perguntado aos moradores o que eles mais gostam nas suas casas, as respostas foram variadas, verificando-se que 44,4% dos moradores do bairro Vila Manaus gostam do “Quarto”(dormitório), 33,3% dos moradores do bairro Cidade Mineira Nova, da “Cozinha” e 33,3% dos moradores do bairro Cidade Mineira Velha dos “Quintais”.

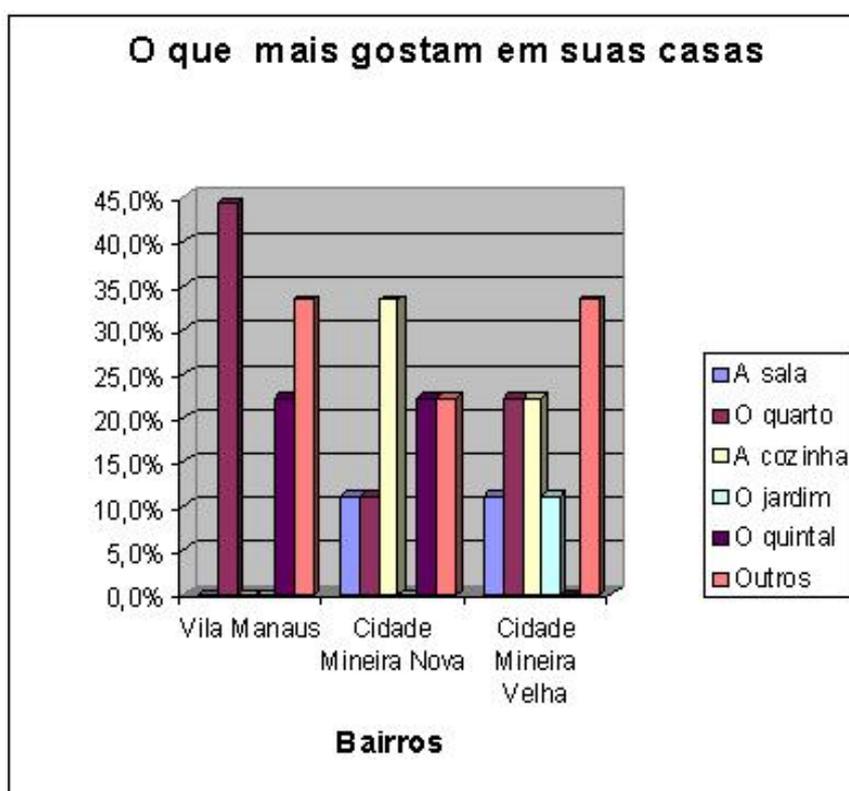


Fig. 45 – Gráfico: O que mais gostam em suas casas.

Perguntado o porquê do gosto dos moradores, eles explicaram que o “Quarto” é por se tratar do local de descanso e do local do sexo. Quanto à “Cozinha”, esta serve como o local do encontro e do alimento, pois é onde geralmente as visitas são recebidas e onde a

família se reúne e faz as suas refeições. Quanto aos “Quintais”, estes, na Cidade Mineira Velha, são grandes, mesmo aqueles em que há duas casas no mesmo lote. Das casas visitadas, há uma ordenada utilização dos quintais com hortas e árvores frutíferas.

Os equipamentos públicos são considerados como o mais importante nas 03 subáreas. O Posto de Saúde foi citado por 77,7% dos moradores do bairro Vila Manaus, e 55,5% também citaram o Posto de Saúde no bairro Cidade Mineira Velha como o mais importante para os moradores.

Já no bairro Cidade Mineira Nova, 33,3% consideram a Igreja como o mais importante no bairro; citaram também 33,3% que a Praça, no Bairro Cidade Mineira Velha, é o mais importante. Um fato curioso é que não há praças públicas dentro do perímetro do bairro Cidade Mineira Nova. Essa citação deveu-se à praça existente no bairro Cidade Mineira Velha, defronte à Igreja Católica da região, também citada.

Para os moradores o Posto de Saúde é o elemento urbano importante pela relação de dependência que esta população tem com a municipalidade. É no Posto de Saúde onde muitas das vezes, eles são ouvidos e onde buscam auxílio para o vazio da vida urbana. Onde procuram auxílio, amparo e cura para as doenças.

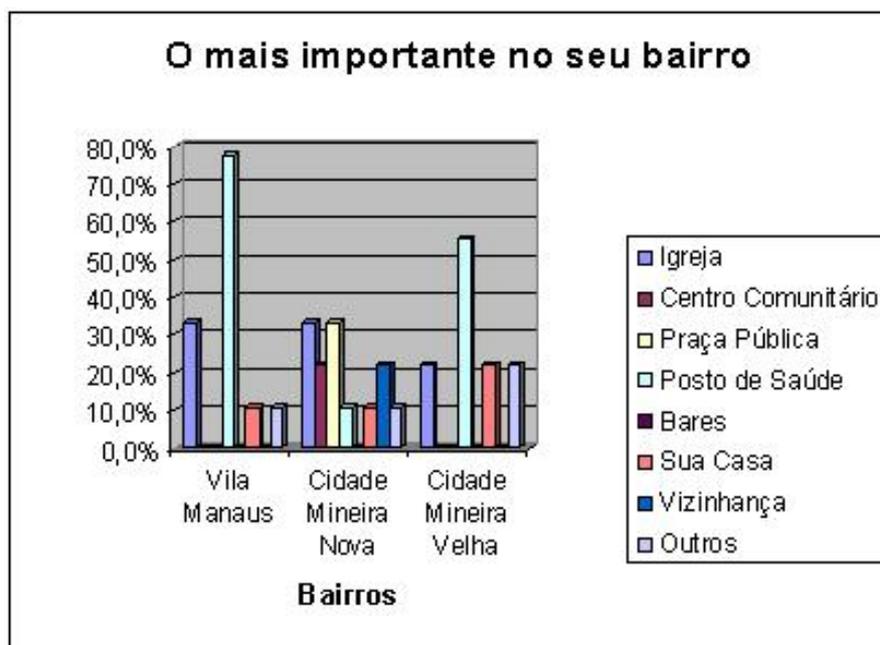


Fig. 46 – Gráfico: O mais importante no seu bairro.

O mais importante em suas casas, que foi citado pelos moradores entrevistados, 55,5% dos moradores do bairro Cidade Mineira Nova e 44,4% do bairro Cidade Mineira

Velha consideram toda a casa importante, pois, segundo os moradores, esta foi conseguida com muito trabalho e sacrifícios pessoais e da família.

A “cozinha” mostrou-se como o que é mais importante para os moradores do bairro Vila Manaus, representando 55,5% das citações. A cozinha também é significativamente importante para 44,4% dos moradores entrevistados no bairro Cidade Mineira Velha e 33,3% dos entrevistados do bairro Cidade Mineira Nova.

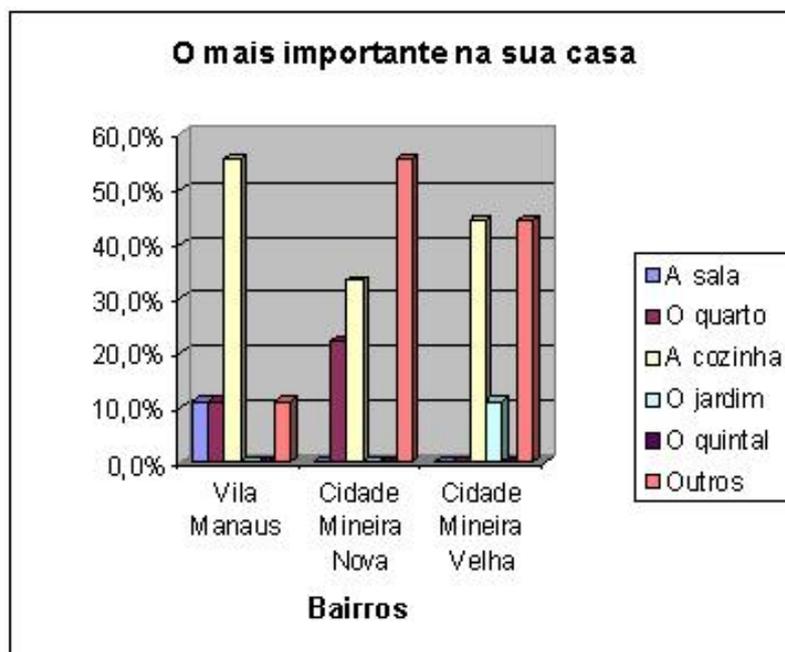


Fig. 47 – Gráfico: O mais importante na sua casa.

A cozinha é a peça da casa mais citada pelos entrevistados, pois nela há união das famílias em torno do alimento, do calor do fogão, e onde as visitas são recebidas. Observou-se que, em algumas casas, na cozinha está o aparelho de televisão onde as pessoas se reúnem para assistir.

As cozinhas originais das casas executadas pela Fundação da Casa Popular (década de 50) e pela COHAB/SC (década de 70/80), foram adaptadas às necessidades das famílias, pois, em sua concepção original, eram muito pequenas, como verificado em visita a uma das casas originais dos bairros Cidade Mineira Velha (Fundação da Casa Popular) e Cidade Mineira Nova (COHAB/SC). No bairro Cidade Mineira Nova, foi observado o antigo espaço destinado para a cozinha, que não atendia às necessidades dos moradores, necessitando ser ampliada logo após a vinda dos moradores a casa.

Ao se perguntar para as pessoas onde elas gostariam de serem fotografadas, a maioria escolheu a cozinha, pois nela as pessoas recebem os vizinhos, alimentam-se e se aquecem no inverno, com a presença do fogo, que desde as origens do homem, vem

protegendo, alimentando e agasalhando as pessoas. O ponto de reunião das famílias é a cozinha, portanto.



Fig. 48 – Vista da cozinha de Dona Santina.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 01/12/2004.



Fig. 49 – Vista da cozinha de Dona Lourdes.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/12/2004.



Fig. 50 – Vista da cozinha de Dona Vilma.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 06/12/2004.

Quando perguntado aos moradores das 03 subáreas de estudo o que estes gostariam de modificar ou já modificaram em suas casas as respostas foram as seguintes: a grande maioria dos moradores entrevistados do bairro Vila Manaus (66,6%), bairro Cidade Mineira Nova (55,5%) e bairro Cidade Mineira Velha (88,8%), citaram alternativas quanto à mudança nas suas casas, isto é, a modificação de toda a casa: do madeiramento do telhado ou os acabamentos, como pisos, forros, etc.

No bairro Vila Manaus, outros elementos da casa foram citados, como a modificação da fachada (11,1%), a cor (11,1%) e a modificação no jardim (11,1%); no bairro Cidade Mineira Nova, a modificação da fachada (11,1%), a cor (33,3%), citada no bairro Cidade Mineira Velha, a modificação na fachada foi citada por (11,1%) e a cor (33,3%).

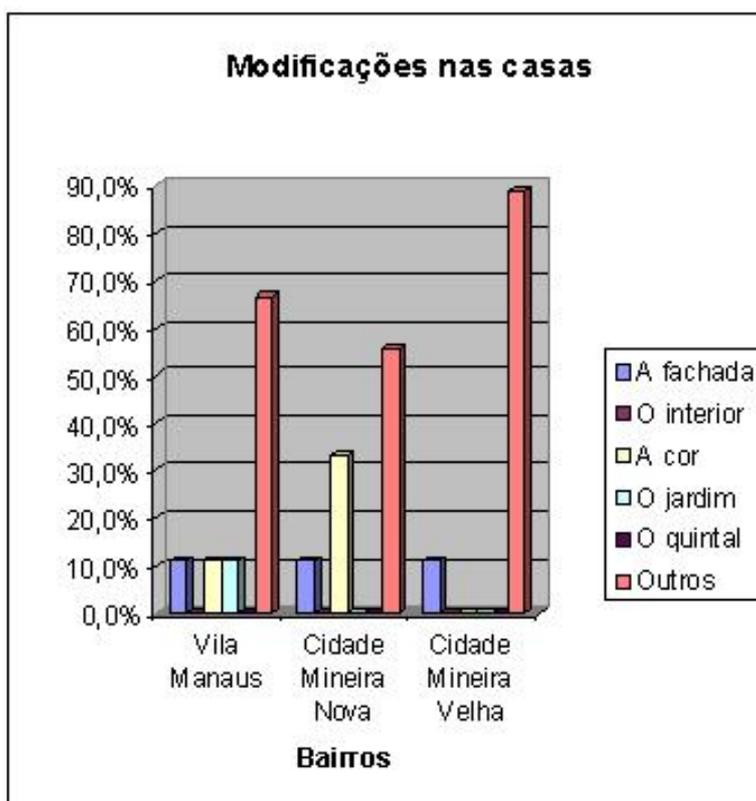


Fig. 51 – Gráfico: Modificações nas casas.

Observou-se que a modificação na casa foi e é uma necessidade constante dos moradores entrevistados, uma vez que, em todas as subáreas, as respostas dos moradores foram que modificariam tudo, ou, como verificado nas visitas as mudanças, já foram feitas desde o início da ocupação da casa. Personificam o lugar com marcas do sujeito, Sansot (1976).

Perguntado aos moradores de que eles sentiam mais saudade quando longe dos seus bairros. Esses citaram resumidamente que sentem saudade da “família”, da “casa” e da “vizinhança”.

A Família é citada por (55,5%) dos moradores entrevistados do bairro Vila Manaus, (66,6%) do bairro Cidade Mineira Nova e (22,2%) do bairro Cidade Mineira Velha. No bairro Cidade Mineira Velha, as citações são divididas em: Casa (33,3%), Vizinhança (33,3%) e outras citações (22,2%).

No Bairro Vila Manaus, as citações foram as seguintes: Casa (22,2%), Vizinhança (11,1%), outras alternativas (11,1%). No bairro Cidade Mineira Nova, além da família, como citado acima, também é citada Casa (55,5%) e Vizinhança (22,2%).

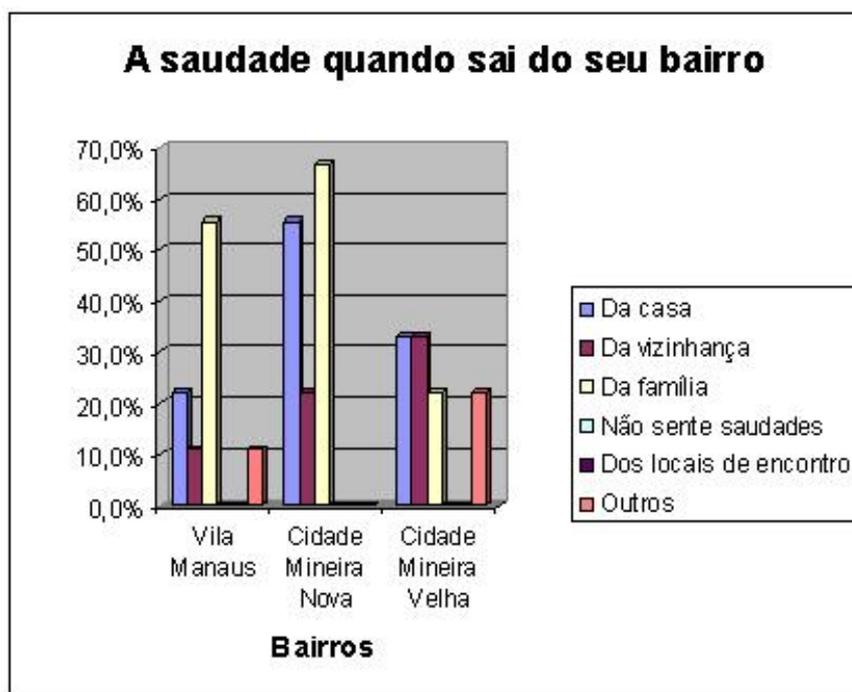


Fig. 52 – Gráfico: A saudade quando sai do seu bairro.

Quanto às lembranças que os moradores tem, quando estão fora das suas casas e de seus bairros, citaram as da “Família”, com 44,4% das citações dos moradores do bairro Vila Manaus, 66,6% do bairro Cidade Mineira Nova e 66,6% do bairro Cidade Mineira Velha.

No bairro Vila Manaus, os moradores entrevistados (33,3%) também citaram outras alternativas, como: lembranças do time de futebol, das lutas que tiveram na consolidação do bairro e dos locais que freqüentam, como o Centro Comunitário e a Igreja.

No bairro Cidade Mineira Nova também foram citadas como lembranças, a “Casa” com 33,3% e a “Vizinhança” com 22,2%. No bairro Cidade Mineira Velha, as outras

alternativas também foram citadas, como: 22,2% da “Casa”, 22,2% da “Vizinhança” e 22,2% dos “locais de encontro”.

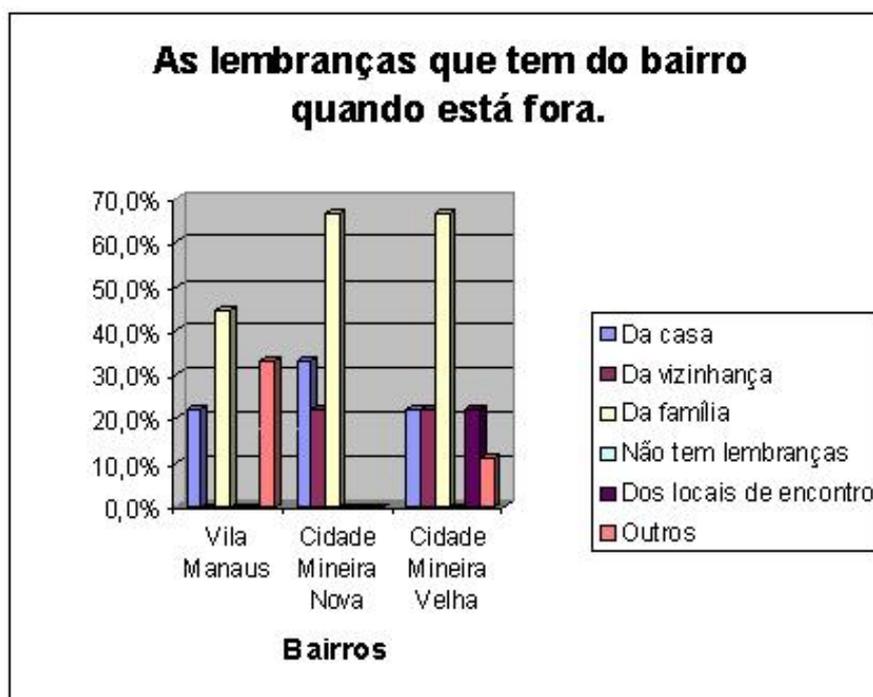


Fig. 53 – Gráfico: As lembranças que tem do bairro quando está fora.

Ao se perguntar aos moradores entrevistados se os mesmos gostariam de morar em outros locais, como outros bairros e mesmo em outras cidades, houve uma significativa observação nas citações na opção dos moradores em “não quer mudar”, assim divididos nas 03 subáreas: 55,5% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 44,4% dos moradores entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e 44,4% dos moradores entrevistados do bairro Cidade Mineira Velha.

No bairro Vila Manaus, as outras opções não foram tão significativas, ou seja, houve a citação de 11,1% de opções assinaladas, mencionando que poderiam morar em “outro bairro próximo”, “outros bairros em Criciúma”, “outro país” e “outra cidade”. Verificou-se que os moradores desse bairro sentem-se confortáveis em morar no local, mesmo que tenha sido ocupado, inicialmente, como uma invasão no final década de 70.

No bairro Cidade Mineira Nova, as outras opções citadas foram as seguintes: 33,3% dos moradores entrevistados gostariam de se mudar para “outra cidade” e 22,2% deles preferem mudar para outro bairro em Criciúma.

No bairro Cidade Mineira Velha, as citações foram assim distribuídas: 22,2% dos moradores entrevistados gostariam de morar em outra cidade e 33,3% prefeririam outro bairro em Criciúma.

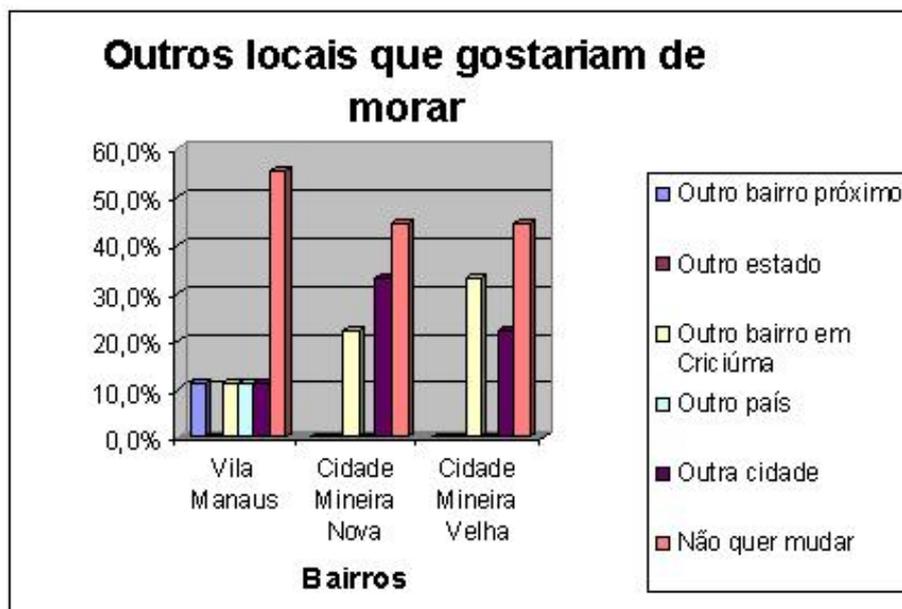


Fig. 54 – Gráfico: Outros locais que gostariam de morar.

A opção dos moradores, em mudar de bairro ou de cidade, foi justificada pelo seguinte motivo: consideram seus bairros como agitados, onde se nota um certo grau de violência, preferindo a busca de locais mais calmos no Município de Criciúma ou o retorno para as suas próprias cidades de origem. Porém os entrevistados, apesar de considerarem a opção de mudança para outros bairros e outras cidades, voltam atrás, como evidenciado nas entrevistas pois nesses bairros, onde residem, conseguiram estabelecer os laços afetivos com a casa, com os vizinhos e com os familiares.

Quando foi perguntado aos moradores entrevistados qual seriam os locais que esses mais freqüentavam no bairro as respostas foram as seguintes: A “Igreja” foi citada por 44,4% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 77,7% dos moradores do bairro Cidade Mineira Nova e 55,5% dos moradores do bairro Cidade Mineira Velha, representando a principal escolha de local freqüentado nas 03 subáreas de estudo. Isso porque a igreja está entre únicas alternativas de lazer dos entrevistados, uma vez que a idade dos entrevistados foi a principal justificativa para essa resposta.

Também outras opções foram consideradas nas citações, como: “Centro Comunitário”, com 22,2% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 33,3% dos entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e 44,4% dos entrevistados no bairro Cidade

Mineira Velha. O “Posto de Saúde” foi citado por 22,2%, 44,4% e 44,4% dos moradores entrevistados, respectivamente, nos bairros Vila Manaus, bairro Cidade Mineira Nova e Cidade Mineira Velha.

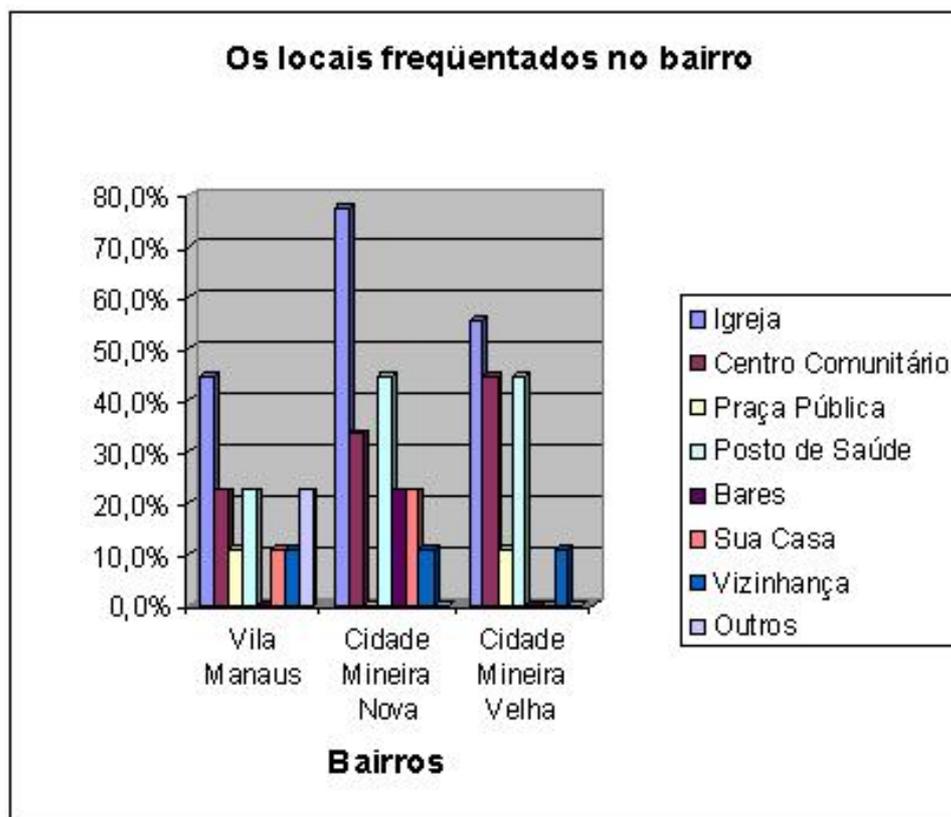


Fig. 55 – Gráfico: Os locais freqüentados no bairro.

As opções, como: a Igreja, o Centro Comunitário e o Posto de Saúde representam as únicas alternativas de locais para se freqüentar nos bairros; outras opções também foram citadas, porém não foram significativas.

Boa parte dos moradores se enraizaram ao bairro em que habitam, conforme Weil (1996, p.347), onde a autora coloca que “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.” Grande parte dos entrevistados possuem ligações com o bairro, ao participar de atividades populares na Igreja, no Centro Comunitário, nas reuniões do Orçamento Municipal Participativo, na ajuda a entidades filantrópicas locais.

Os locais mais evitados pelos moradores entrevistados nas 03 subáreas de estudo, segundo os dados obtidos pelos questionários, foram os “bares”, justificado pelos entrevistados que esses geralmente concentram desocupados, e sempre as confusões

acontecem nestes locais. Mesmo evitando ir aos bares, os moradores foram enfáticos em dizer que, se houver necessidade de ir a esses locais, vão sem problemas.

Também foi observado nas respostas que os entrevistados “não evitam ir a nenhum lugar”, conforme estes dados: 22,2% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 33,3% dos moradores entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e 33,3% dos moradores entrevistados no bairro Cidade Mineira Velha. Esses moradores justificam que sempre tiveram trânsito livre em todos os locais dos bairros e nunca se sentiram “acuados” ao ir a um determinado local.

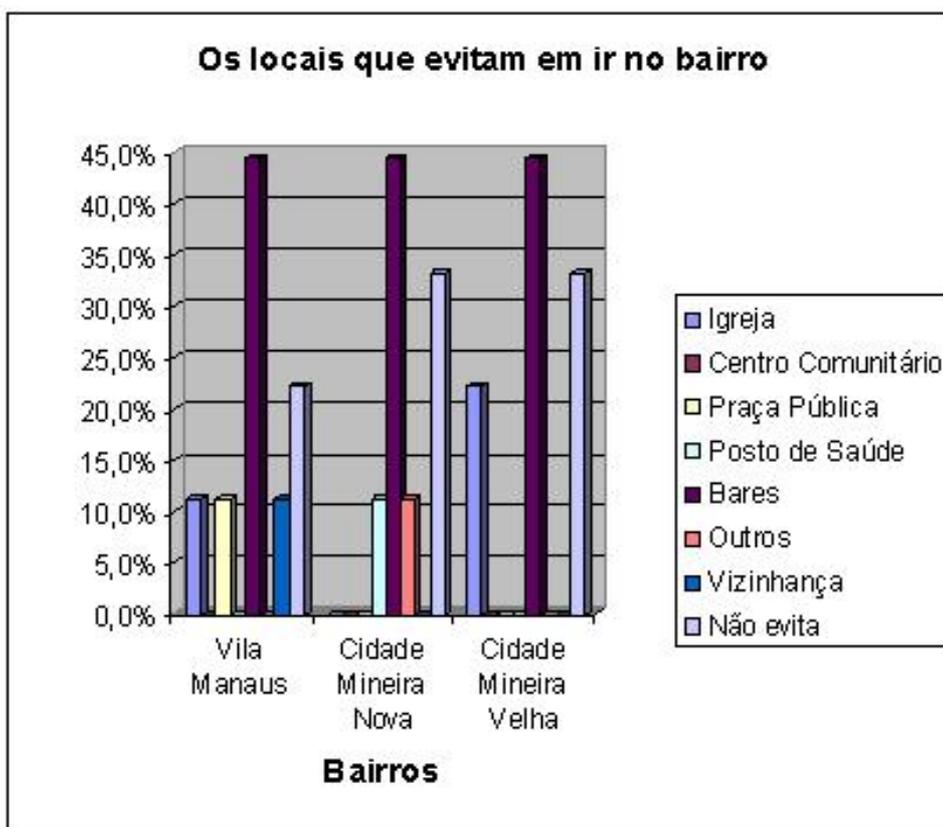


Fig. 56 – Gráfico: Os locais que evitam ir no bairro.

Quando foi solicitado aos moradores que fizessem um desenho do seu bairro, localizando as edificações públicas e um desenho das suas casas, os dados das 03 subáreas de estudo foram os seguintes: dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 55,5% não conseguiram desenhar o bairro e 55,5% não conseguiram desenhar a casa; dos moradores do bairro Cidade Mineira Nova, 33,3% não conseguiram desenhar o bairro e 22,2% não conseguiram desenhar a casa; dos moradores do bairro Cidade Mineira Velha, 77,8% não conseguiram desenhar o bairro e 88,9% não conseguiram desenhar a casa.

Os desenhos mais representativos dos bairros foram feitos por 44,5% dos moradores entrevistados do bairro Vila Manaus e por 66,7% dos moradores entrevistados do bairro Cidade Mineira Nova. Os desenhos representam graficamente a tipologia urbana do traçado viário dos bairros acima citados, bem como há uma localização correta da localização dos prédios públicos e das casas dos moradores entrevistados. No bairro Cidade Mineira Velha, apenas 22,2% dos moradores entrevistados conseguiram desenhar o bairro, porém os desenhos não representam a totalidade do bairro e sempre ficam incompletos.

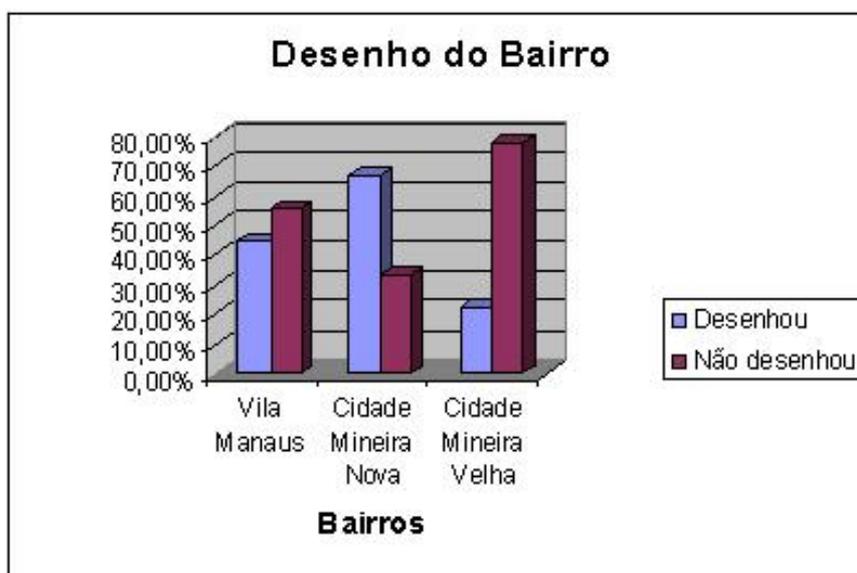


Fig. 57 – Gráfico: Desenho do bairro.

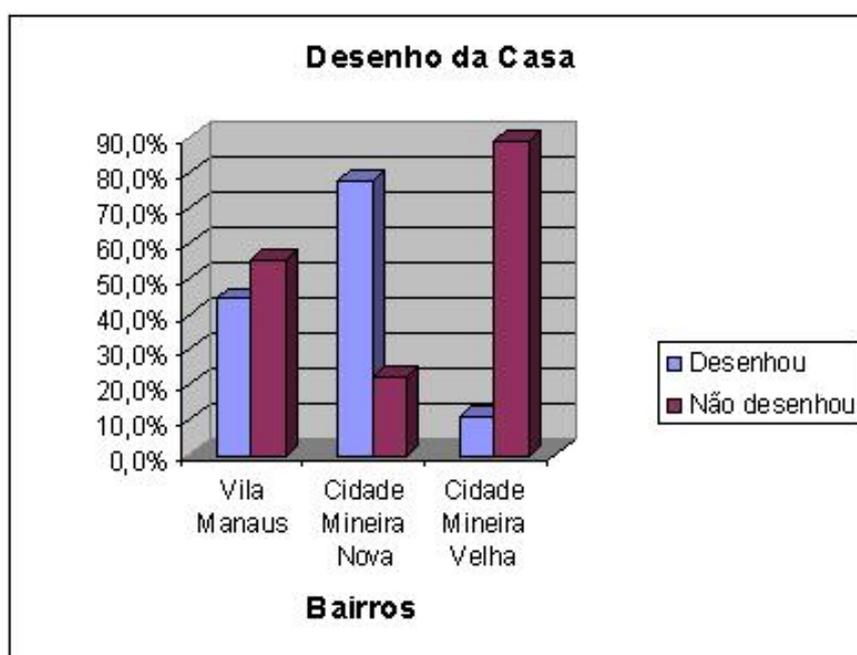


Fig. 58 – Gráfico: Desenho da casa.

Nos mapas mentais, elaborados pelos moradores dos bairros Cidade Mineira Nova e Vila Manaus, há uma representação coordenada da realidade e são usados os conhecimentos cognitivos para a representação de uma maneira lógica do espaço do bairro. Mesmo os entrevistados não tendo conhecimento e habilidades técnicas de desenhistas, conseguem dar uma lógica da circulação viária do bairro, ou seja, representam de forma correta as avenidas radiais e as ruas locais.

Utilizando Lynch (1997, p.53), verificou-se que os desenhos representam a existência de pontos nodais, definidos nos desenhos como os locais de encontro ou o cruzamento de vias importantes no bairro. Os marcos referenciais são as edificações públicas.

As vias são elementos urbanos predominantes representados no bairro, já que são representadas de modo completo e com suas ramificações. Conseguem representar, no bairro, a localização das áreas de espaço público, identificando claramente as edificações públicas, os espaços de sociabilidade.

Transmite clareza ou “legibilidade” na representação gráfica do bairro, ou seja, indicando a facilidade com que pôde ser reconhecida e organizada num modelo coerente, conforme citado por Lynch (1997, p.3).

A imagem pública do bairro é retratada pelos desenhos, os quais evidenciam as características físicas do bairro, apreendidas pelos moradores. O bairro possui características urbanas únicas e comuns de serem identificadas pelos moradores. Ele é percebido de forma clara pela maioria dos moradores entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e bairro Vila Manaus.

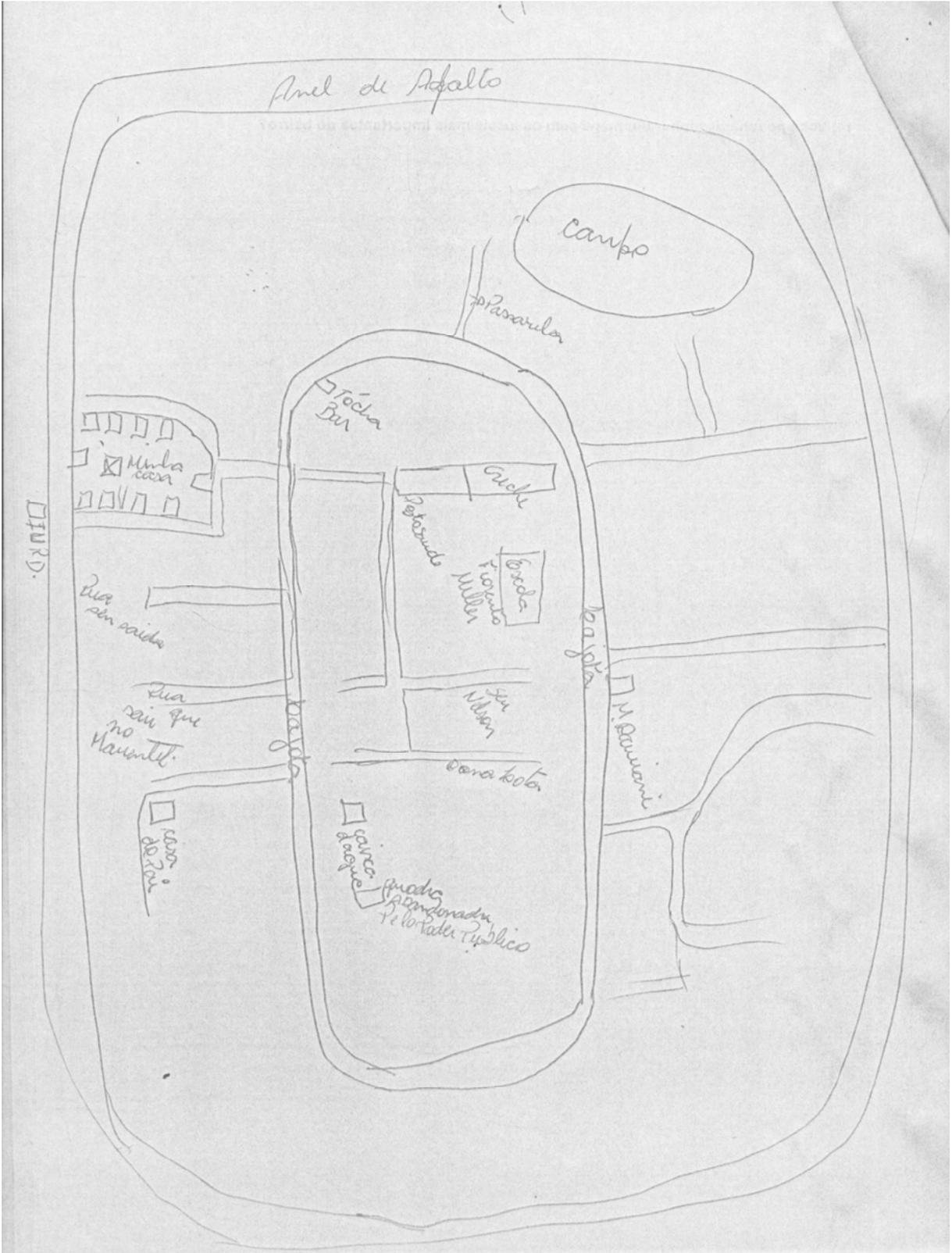


Fig. 59A – Desenho do bairro feito pelo morador, 12/2004.

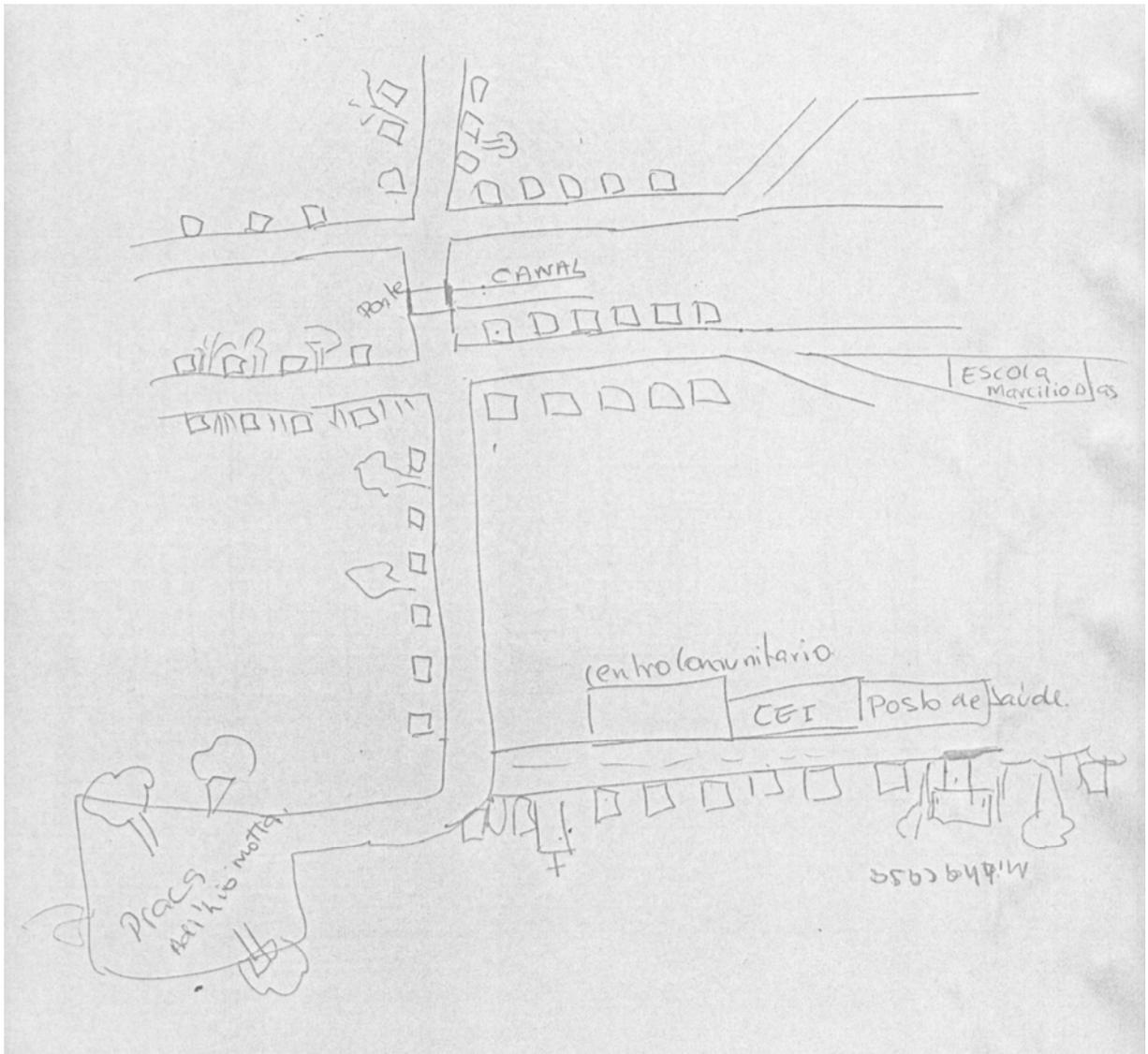


Fig. 59B – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.

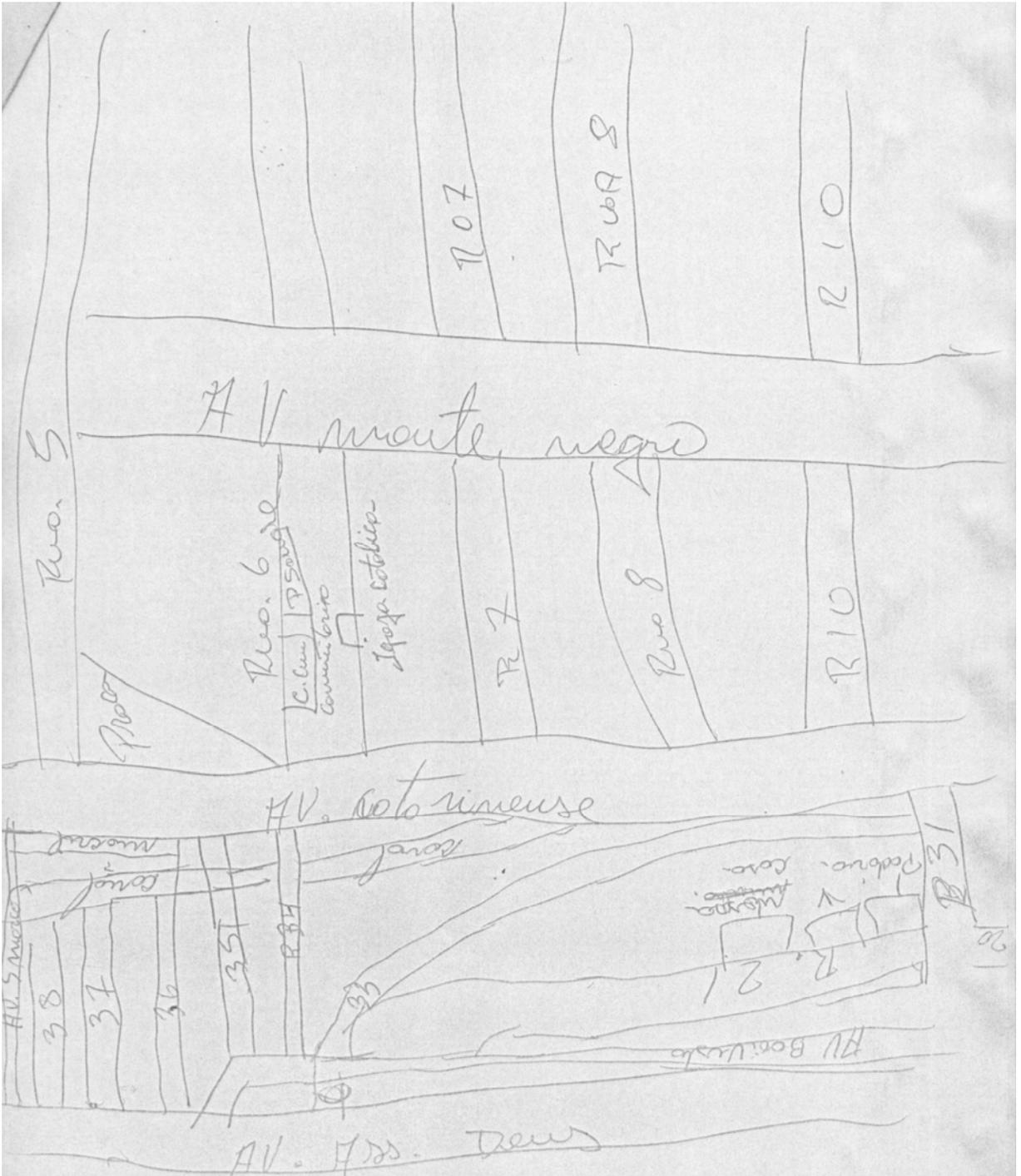


Fig. 59C – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.

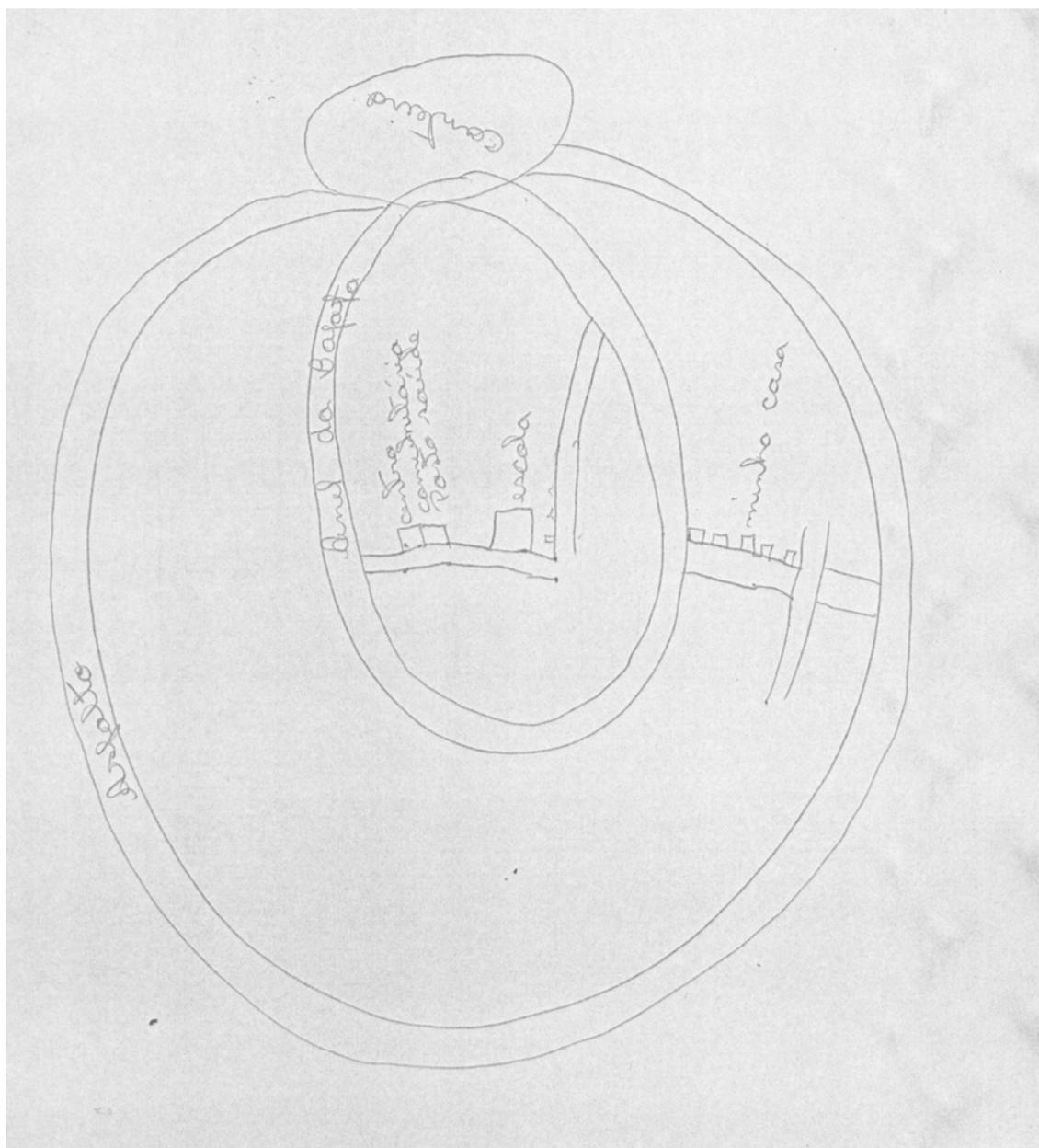


Fig. 59D – Desenhos do bairro feito pelo morador, 12/2004.

A maioria dos moradores identificam-se com o bairro onde moram “Place Identity”, conforme Proshansky (1978), pois relatam as relações de amizade entre os vizinhos, que, para alguns, são como uma segunda família. Essa identidade, fisicamente, é representada nos desenhos, onde, além de suas próprias casas, os entrevistados identificam as casas dos vizinhos próximos e fazem uma referência exata das edificações públicas, que usam e reverenciam.

Mesmo sendo proprietários dos lotes, os entrevistados apresentam um forte grau de Sentimento de Pertença a todos os espaços do bairro “Place Attachment”, Proshansky (1978). Sentem-se como possuidores do bairro onde habitam, uma vez que são frequentadores

de todos os espaços. Os bares, em grande quantidade, são vistos como lugares interditos, onde não se sentem bem. Essa percepção está mais nas mulheres que nos homens, mesmo estes que deixaram de beber apresentam repulsa; já, nas mulheres, isso é um aspecto cultural, onde dizem “as mulheres direitas” não freqüentam esses locais.

As representações em forma de desenho das casas, as quais estão inseridas e detalhadas no espaço do bairro, transmitem o sentimento de pertença ao bairro.

Os moradores que não conseguiram desenhar a casa com a representação dos espaços importantes para cada morador, representam 55,5% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 22,2% dos entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e 88,9% dos entrevistados no bairro Cidade Mineira Velha.

O desenho das casas foi realizado por 44,5% dos moradores entrevistados no bairro Vila Manaus, 77,8% dos entrevistados no bairro Cidade Mineira Nova e 11,1% dos entrevistados no bairro Cidade Mineira Velha. Alguns desenhos feitos pelos moradores representam claramente as divisões internas das casas de forma clara e bem organizada.

A maioria dos entrevistados que conseguiram desenhar fizeram os desenhos das casas elaborados de uma maneira completa, conseguindo visualizar e representar todos os compartimentos da casa, de forma ordeira e legível. Há também aqueles que puderam desenhar as fachadas das casas, onde nestas estão toda a expressão artística de suas mentes, já que não foram modificadas por projetos arquitetônicos elaborado por profissionais, revelando uma apropriação da casa onde habitam.



Fig. 60 A– Desenho da casa feito pelo moradores, 12/2004.

Nos mapas mentais, há uma representação coordenada da realidade, em que são usados os conhecimentos cognitivos para a representação de uma maneira lógica do espaço do bairro. Mesmo os entrevistados não tendo um conhecimento e habilidades técnicas de desenhistas, conseguem dar uma lógica da circulação viária do bairro, ou seja, representam de forma correta as avenidas radiais e as ruas locais.

Utilizando Lynch (1997, p.53), verificou-se que os desenhos representam a existência de pontos nodais, definidos nos desenhos como os locais de encontro ou os cruzamentos de vias importantes no bairro. Os marcos referenciais são as edificações públicas.

As vias são elementos urbanos predominantes representados no bairro, já que são representadas de modo completo e suas ramificações. Conseguem representar, no bairro, a localização das áreas de espaço público, identificando claramente as edificações públicas, os espaços de sociabilidade.

Transmite clareza ou “legibilidade” na representação gráfica do bairro, ou seja, indicando a facilidade com que pôde ser reconhecida e organizada num modelo coerente, conforme citado por Lynch (1997, p.3).

A imagem pública do bairro é retratada pelos desenhos, os quais evidenciam as características físicas do bairro, como o traçado urbano bem definido e a locação dos equipamentos públicos. Alguns conseguem ainda identificar claramente o posicionamento das suas casas na malha viária do bairro, característica apreendida pelos moradores. O bairro possui características urbanas únicas e comuns identificadas pelos moradores e é percebido de forma clara pela maioria de seus habitantes.

Há uma visível personificação do lugar pelas marcas do sujeito, Sansot (1976), pois é muito difícil encontrar as casas originais, que, de uma certa maneira, são impessoais. Modificam as casas de acordo com a sua subjetividade, com os gostos pessoais; outras vezes estas modificações são por necessidades, já que ampliam, reformam e embelezam.





Fig. 61 – Vista das fachadas alteradas das casas nos bairros.
Foto: Giuliano Elias Colossi, 12/2004.

CONCLUSÃO

Os bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus compõem hoje o antigo loteamento Cidade dos Mineiros, projeto urbanístico concebido com características do urbanismo moderno, no final da década de 50.

A concepção desse loteamento seguia as regras de planejamento urbano existentes na época, pois serviria ao homem moderno, em todas as ações que este necessitasse, ou seja, lá estavam bem definidos os espaços de morar, de lazer, de circular e de trabalhar ou mesmo o modo de se relacionar com os outros, já que as áreas públicas (verdes) seriam de domínio comum, e permeariam todo o loteamento onde os habitantes poderiam circular sem problemas.

Esse loteamento foi criado para uma sociedade que nunca existiu, ou melhor, existiu como uma utopia, nas pranchetas dos planejadores urbanos, nas intenções de alguns políticos e numa intenção política de futuro que nunca foi alcançado.

Sua execução estava relacionada às mineradoras de carvão, sendo que esse loteamento foi financiado com dinheiro público, via Governo Federal, nos primeiros anos da execução. Porém, pelos relatos fornecidos, os recursos que foram aplicados na execução da 1ª etapa desse loteamento (100 casas e a abertura das ruas) ficaram aquém da necessidade total de execução total do loteamento.

Associado à política local, que, desde, então vem utilizando a propaganda de execução de obras para a promoção pessoal ou de seus correligionários, o projeto do loteamento original sofreu várias alterações ao longo dos anos, ou seja, invasões de áreas, mudança de uso e doação de áreas, sempre vinculadas ao favorecimento político de alguns em detrimento de uma maioria.

Não se podem deixar de citar as melhorias para a sociedade local, através do surgimento de importantes equipamentos urbanos, vinculados ao processo de extração de carvão local. Porém esse também trouxe uma nova paisagem ao ambiente existente, ou seja, a degradação ambiental, como exemplo, a morte de todos os rios locais, a disposição de rejeitos de carvão em extensas áreas, inviabilizando ambientalmente (muitas destas), sem contar as questões relacionadas à saúde dos trabalhadores desta atividade.

Nesta dissertação, verificou-se como a população residente nos bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus se relaciona e se apropria do espaço urbano com o bairro a que pertence, assim como a sua casa. Para tanto utilizou-se alguns

conceitos de Psicologia Ambiental, através de categorias ou fatores, como: Place Identity, Place Attachment e Personificação do lugar por marcas do sujeito.

Houve a necessidade de uma divisão temporal dos entrevistados, para a verificação dos fenômenos de apropriação do espaço urbano e das casas, ou seja, seguindo uma divisão dos estágios de ocupação, de acordo com o desenvolvimento dos bairros com o passar das décadas, já que o loteamento original não foi implantado por completo.

Percebeu-se que, nas entrevistas da História de Vida dos 03 primeiros moradores dos bairros, objetos desta dissertação, as moradoras Dona Nilza e Dona Santana, respectivamente moradoras dos bairros Cidade Mineira Velha e Cidade Mineira Nova, possuem sentimentos fortes em relação ao bairro devido às circunstâncias da ocupação, já que, em suas famílias, há uma relação direta do local da moradia com a atividade de extração de carvão. Porém parecem não demonstrar um sentimento de pertença aos bairros onde moram, possuindo apenas uma ligação funcional com o bairro, evidenciado nas entrevistas. Elas se apropriam de suas casas, onde mostram nestas a representação da mudança da arquitetura original, moldando-as às necessidades de conforto e personificação dos ambientes de que a família necessitou.

Já Célio, morador do bairro Vila Manaus, possui uma relação de mais vínculo ao bairro, sendo que demonstra um carinho especial pelo local em que habita, pois participa ativamente das atividades comunitárias, quer seja nas atividades políticas, quer seja nas atividades de lazer, identificando os locais de convívio e sociabilidade; ele pertence ao lugar, vivenciando o Place Attachment. Célio também se apropria de sua casa, e o mesmo transmite isso nas reformas que executou na casa às necessidades de conforto e bem-estar da família.

Todos os moradores entrevistados, de uma certa maneira, modificaram o local original, onde foram morar, fazendo das residências locais mais confortáveis para se habitar, uma vez que as originais eram exatamente iguais umas das outras, ou seja, impessoais, e não possuíam o conforto que hoje alguns moradores desfrutam. Os que não modificaram suas residências, o principal fator poderá ser à condição financeira. A maioria dos moradores entrevistados, personificou o seu lugar de moradia.

Apesar de irem morar num loteamento semi-acabado, sendo os donos legais ou não de seus lotes, sem infra-estrutura básica, como energia elétrica, água potável e esgoto cloacal, grande parte dos moradores se identificam mais com as casas que com o bairro onde moram (Place Identity), possuem laços com o lugar e com a casa (Place Attachment) e usam da personificação do lugar como marcas do sujeito para modificar e alterar aquilo que não

está de acordo com as suas necessidades, ou seja, a maioria dos moradores entrevistados se apropria de suas casas ou de seus bairros.

Quanto ao bairro, no que se refere à responsabilidade da municipalidade, esta não está devolvendo aos moradores os serviços e infra-estrutura dignos a uma melhor ambiência urbana. É visível a falta de cuidado com o espaço público, como, por exemplo: faltam passeios públicos pavimentados para a segurança dos pedestres, falta sinalização indicativa e reguladora de trânsito, a iluminação pública é deficitária e os espaços de lazer esportivo inexistem.

Apesar de muitas das famílias moradoras dos bairros, objetos deste estudo, não apresentarem condições econômicas favoráveis à contratação de profissionais para o assessoramento nas ampliações e modificações das suas casas, os moradores apropriam-se de seus locais de moradia, onde a dimensão afetiva é transposta pelas modificações realizadas nas edificações e no carinho especial que possuem aos seus bairros. O não Ser e o não Ter, conforme citado por Damergian (2001, p.99) não impedem que estes moradores estabeleçam, a seu modo, uma relação com o mundo regido pelas leis de mercado, onde as identidades são definidas pela sua capacidade de consumo.

Nesses bairros ainda é evidente a noção de vizinhança solidária, uma situação que áreas mais adensadas verticalmente, como o centro da cidade, já perdeu. Este fato é verificado em algumas entrevistas, onde o morador diz não gostar do centro da cidade para morar, e sim como um local de vitrine, de passeio, aonde vão fazer compras, mas retornam para seus bairros.

O planejamento tecnocrático, apesar de no passado não ter garantido a efetiva implantação total do loteamento, poderia, conforme um planejamento participativo, dar condições de criação e manutenção de centros de bairros, onde as necessidades básicas de comércio estariam mais próximas dos moradores, assim como locais destinados ao lazer, que, como verificado, inexistem nos 03 bairros, objetos deste estudo.

A análise das 03 entrevistas História de Vida e os resultados obtidos nos 27 questionários contribuíram para a compreensão de um pedaço da vida urbana, dos processos psicossociais derivados das relações e interações entre os moradores e seus entornos, sempre numa relação sócio-física. Cada sujeito se relaciona subjetivamente com a sua casa, e, por consequência, com o seu bairro, parte importante de uma cidade, estabelecendo com esses espaços, laços de apropriação relacionados à defesa e à manutenção.

O esclarecimento de fatos históricos, na não-execução completa do loteamento projetado, faz pensar que deve haver uma entrega completa e total de todos os agentes

produtores da cidade, ou seja, deverá haver a participação na elaboração, execução e manutenção coletiva daquilo que chamamos de cidade. Até hoje, nunca se conseguiu, por completo, estabelecer coletivamente esta relação.

O planejamento urbano será menos centralizador e rígido, quando posto em prática após pesquisas científicas e não por meio de “achismos”. Esse não poderá negar os saberes locais e as histórias de vida, tanto da cidade quanto de seus habitantes, para os quais este planejamento é formulado; assim, arquitetos, urbanistas, geólogos, sociólogos e outros profissionais devem utilizar as ciências sociais para o aprofundamento do ato de planejar.

Como arquiteto e urbanista constatamos que realizar esta pesquisa e escrever essa dissertação foi um desafio que está apenas começando. Isso porque, o novo urbanismo deverá ser implementado com novos instrumentos de planejamento urbano, não apenas os tradicionais, técnicos e burocráticos, uniformizadores das cidades.

Há que se ouvir, conversar e procurar uma convergência de idéias em busca de ideais e objetivos comuns para o desenvolvimento de uma nova sociedade, que não seja tão utópica quanto a pensada pelos modernistas, criada para ser uma sociedade mais igualitária, e não apenas uma sociedade fundamentada na lógica do capitalismo, cujo resultado está aí, edificado e vivenciado em nossas cidades, beirando ao caos político e social. Isso porque os habitantes só cultivarão o espaço urbano, havendo apropriação deste espaço, quando este, conforme POL (s.d), for o resumo das vidas, das experiências públicas e íntimas.

Uma cidade saudável é aquela onde os habitantes estimam os locais públicos e identificam-se com eles, valorizando os espaços de vivência e convivência, ou seja, realmente se apropriando dos espaços públicos, numa relação de identificação, cultivo e enraizamento dos espaços urbanos.

REFERÊNCIAS

- BALDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. Lisboa, 1979.
- BALTHAZAR, L.F. **Criciúma - Memória e Vida Urbana**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BITOUN, Jan. Os Embates entre as questões ambientais e sociais no urbano: Dilemas Urbanos. In: CARLOS, A . F. A ; LEMOS, A . I. G. (Orgs). **Dilemas Urbanos - Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BORTOLOTTO, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal de Nova Veneza, 1992
- BOSI, E. **O Tempo Vivo da Memória** – Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BROWER, S. Territory in Urban Settings. In: ALTMAN & col (org). **Human Behavior and Environment**. London, NY: Plenum Press, 1980.
- CAROLA, C. R. **Dos Subterrâneos da História** – as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina 1937-1964. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.
- CARVALHO, J. M. DE. **A Escola de Minas de Ouro Preto: O Peso da Glória**. Cia. Editora Nacional/ FINEP, 1978.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL (IBAM); Instituto Social de Estudo da Religião (ISER); Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH). **Cidades sustentáveis**. Relatório produzido pelo consórcio parceria 21.
- COSTA, M. de O. **Arte de Viver: Recriando e Reinventando Espaços** – Memórias das famílias da Vila Operária Mineira Próspera – Criciúma (1945-1961). 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DAMERGIAN, S. **A Construção da Subjetividade na Metrópole Paulistana: desafio da contemporaneidade**. São Paulo: Edusp, 2001.
- DIAS, E. dos S. Resgatando o Movimento Modernista Urbano: A Expressão de uma Conjuntura Histórica que Marcou as Cidades do Século XX. **GeoDatas**, Maringá, v.4, n.4, out./nov./dez. 2000.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Disponível em: <<http://usr.solar.com.br/~elisioc/doc/migrur.doc>>. Acesso em: 05 jan. 2004
- FISCHER, G. N.,. **Psychologie des Espaces de Travail**. Paris: Armand Colin, 1989.
- FREITAG, Bárbara. **Itinerâncias Urbanas**. Brasília, DF: Casa das Musas, 2004
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p

GONÇALVES, Maria Flora. Ângulos da Relação entre Prática Social e Construção do Espaço. In: CARLOS, A . F. A ; LEMOS, A . I. G. (Org). **Dilemas Urbanos - Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

GONÇALVES, T. M. **O Processo de Apropriação do Espaço Através dos Modos de Morar e Habitar o Lugar** - (Uma Abordagem Psico-Sócio-Ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma-SC). 2002. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GONÇALVES, T. M., Psicologia Ambiental. **Saúde e Qualidade de Vida**. Criciúma/SC, v.1, jan./jun. 2003.

GONÇALVES, T. M. Meio Ambiente e a Questão Urbana. **Ciências Sociais UNISINOS**, São Leopoldo, v.39, n.163, p.257-267, jul./dez. 2003.

GONÇALVES, T.M. As noções de espaço em Psicologia Ambiental sobre meio ambiente urbano. **Revista de Tecnologia e Ambiente**. Criciúma/SC, v.10, n.1, p.67-78, jan./jun. 2005.

GUADAGNIN, M.R. **Superposições Territoriais da Vila Manaus – Criciúma, SC**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

HOLSTON, J. **Cidade Modernista: Uma Crítica de Brasília e Sua Utopia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário Estatístico do Brasil**. v.56. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem da População 1996**. Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas Históricas do Brasil**. v.3. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 03.12.1957, capa e p.01

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 09.11.1957, p.08.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 10.02.1958, s.p.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 12.08.1957, p.02.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 12.08.1957. capa.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 21.04.1958, capa.

JORNAL TRIBUNA CRICIUMENSE, 25.11.1957, capa.

KOHLSDORF, M. E. **A Apreensão da Forma da Cidade**. Brasília: Editora da UNB, 1996

LEFEBVRE, H. **Direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LEITÃO, G.E.A. **A Construção do Eldorado Urbano** – O Plano Piloto da Barra da Tijuca e Baixada de Jacarepaguá – 1970/1988. Niterói, RJ: Ed. Universidade Federal Fluminense, 1999.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MILIOLI, G. **Abordagem Ecológica para a Mineração: Uma Perspectiva Comparativa para Brasil e Canadá**. 1999. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MOSER, G. **Psicologia Face aos Problemas Urbanos**. Universidade René Descartes – Paris V. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x2003000200016&ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 nov. 2004.

NUERNBERG, A. ; MELLER, E. L. **Uma População Favelada de Criciúma: suas origens, fatores de favelização e aspirações**. Criciúma: FUCRI, 1984.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de Metodologia Científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.

POL, E. La Apropiación de Espacio. **Revista Familia y Sociedad**. Espanha, n.1, s.d.

RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar - 1896 –1930**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RIVIÈRE, E. P. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ROCHA, C. H., **Ecologia da Paisagem e Manejo Sustentável em Bacias Hidrográficas: Estudo do Rio São Jorge nos Campos Gerais do Paraná**. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SANSOT, P. **Poétique de La Ville**. Paris: Armand Colin, 1976.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1997

SENNET, R. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, José Borzacchiello da. Estatuto da Cidade versus Estatuto de Cidade – eis a questão. In: CARLOS, A.F.A ; LEMOS, A.I.G. (Org). **Dilemas Urbanos** – Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, A. G. (Org.). **Habitar contemporâneo: novas questões no Brasil dos Anos 90**. 1997. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, M. L. de. **Mudar a Cidade: Uma Introdução Crítica ao Planejamento e a Gestão Urbanos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SOUZA, Renato Cezar F. de. **A Rua e a Sua Habitabilidade** – Moradores e Espaço Urbano em Situação de Conflito: Estudo de Caso. 1998. Dissertação (Mestrado). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

SÜFFERT, Telmo. **Carvão nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina**. RS, Porto Alegre: Ministério de Minas e Energia, Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, Diretoria de Geologia e Recursos Minerais, Departamento de Recursos Minerais Superintendência Regional de Porto Alegre, 1997.

TEIXEIRA, J. P. **Os Donos da Cidade** – poder e imaginário das elites em Criciúma. Florianópolis: Insular, 1996.

TSIOMIS, Y. **O Meio Ambiente e a Questão Urbana**. Tradução de Anete Goldberg. Curitiba: Editora da UFPR, 1994.

UNIÃO INTERNACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA (UICN) **Estratégia Mundial para a Conservação: A Conservação dos Recursos Vivos para um Desenvolvimento Sustentado**. São Paulo: CESP, 1984.

VOLPATO, T. G. **A Pirita Humana** – Os Mineiros de Criciúma. Florianópolis: EDUFSC, 1984.

WILHEIN, J. **O Planejamento Como Desafio**. In: SANTOS, M. A.; SCURZIO, R. (org). **Do Alicerce ao Teto**. São Paulo: Texto Novo. 1998.

YÁZIGI, E. **Participação Popular no Planejamento e Gestão de Cidades Sócio-político** – Espacialmente Fragmentadas: um ensaio sobre enormes obstáculos e modestas possibilidades. In: CARLOS, A.F.A ; LEMOS, A.I.G. (Org). **Dilemas Urbanos** - Novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ACSELRAD, H. Sustainability and Territory. In: **International Seminar on “Sustainability as a Concept for Social Sciences”**. Frankfurt: ISOE/UNESCO, 1996.
- AZEVEDO, S. de. A trajetória dos programas alternativos de habitação popular no Brasil. **Revista de Administração Municipal**. Rio de Janeiro, v.37, n.195, p.6-25, abr./jun. 1990.
- AZEVEDO, S. de. **Planejamento, cidades e democracia**: reflexões sobre o papel dos governos locais nos anos 90. In: DINIZ, Eli; LOPES, José S. L.; PRADI, Reginaldo (Org.). **O Brasil no rastro da crise**. São Paulo: ANPOCS, IPEA, HUCITEC, 1994.
- AZEVEDO, S. de. **Política de habitação popular e subdesenvolvimento**: dilemas desafios e perspectivas. In: Diniz, Eli (Org.). **Políticas públicas para áreas urbanas**: dilemas e alternativas. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- BANCO MUNDIAL. **Informe sobre el Desarrollo Mundial 1994**. Infraestructura y Desarrollo Indicadores del Desarrollo Mundial. Washington: D.C. 1994.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. Lisboa, 1979.
- BOFF, L. **Ética da Vida**. Brasília: Letra Viva, 2000.
- BONDUKI, N. **Habitat**: as práticas bem-sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- BRANDÃO, A. B. Problemas de teoria e metodologia na questão da habitação. **Projeto: Arquitetura, Planejamento, Desenho Industrial, Construção**. São Paulo, n.66, p.102-108, ago. 1984.
- GAIDZINSKI, A. M.H., CARMINATI, F.L.L.. **Metodologia do Trabalho Científico, Coleção Estudos**. 2.ed., Criciúma: UNESC, 1997. 51 p.
- GONÇALVES, T. M., **A Estereotopia da Relação Profissional/Paciente e Inibição do Processo Terapêutico**. 1989. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- GONÇALVES, T. M. et al. **Degradação Sócio Ambiental Urbana e Políticas Públicas**. (Programa Interdisciplinar de Pesquisa). Curitiba: UFPR, 2000.
- MARICATO, E. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MORI, K. K. Estudos de Impacto Ambiental – EIA – Algumas Considerações. **Espaço & Debates**, n.35, 1992.
- OLIVEIRA, I. C. E. de et al. **Estatuto da Cidade para compreender...** Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 2001. 64p.

ORLANDI, E.P. (org), **Cidade Atravessada**: os sentidos Públicos no Espaço Urbano. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ROLNIK, R. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo.. FAPESP. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

_____**Novas perspectivas para a Reforma Urbana**. Disponível em:
<<http://www.pons.org.br/publicações/artigos/estatuto.htm>>. Acesso em: 15 out. 2003.

_____**Estatuto da Cidade** - Instrumento para as cidades que sonham crescer com justiça e beleza. Disponível em: <<http://www.pons.org.br/publicações/artigos/estatuto.htm>>. Acesso em 15 out. 2003.

SACHS, I. **Estratégias de Transição para o Século XXI**. Tradução de Ariane Breyton. Curitiba: Editora da UFPR, 1994.

ULTRAMARI, C. **Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento e OECF**: seus entendimentos de Problemas Ambientais Urbanos. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

VALENÇA, M. M. The clousure of the Brazilian Housing Bank and Beyond. **Urban Studies**. v.36, n.10, p.1747-1768, 1999.

VALENÇA, M. M. The inevitable crisis of the Brazilian Housing Finance System. **Urban Studies**. v.29, n.1, p.39-56, 1992.

WEIL, Simone. **A Condição Operária e Outros estudos sobre a Opressão**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.

ANEXOS

Anexo 1

Fotocópia da Planta Original do Loteamento Cidade dos Mineiros.

Fonte: Departamento de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Criciúma/SC.

Anexo 2

Mapa da Localização da Área de Estudo.

Fonte: CODEPLA – Cia. De Desenvolvimento Econômico e Planejamento Urbano.

Anexo 3

Fotocópia do Mapa de Divisão dos Atuais Bairros (B. Cidade Mineira Velha, B. Cidade Mineira Nova, B. Vila Manaus).

Fonte: CODEPLA – Cia. De Desenvolvimento Econômico e Planejamento Urbano.

Anexo 4

Aerofotografia da Área de Estudo. Compreendendo os Bairros Cidade Mineira Velha, Cidade Mineira Nova e Vila Manaus.

Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma/SC, nov/2001.

APÊNDICE

Apêndice 1

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 01 – Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros, realizada com o Arq. Fernando Jorge da Cunha Carneiro.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)**

Entrevista I

Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros

Criciúma, 2003

Criciúma

1ª Entrevista

Data: 01 /08 /2003

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Fernando Jorge da Cunha Carneiro

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: seu escritório de Arquitetura

Bairro: Centro

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Giuliano Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Fernando J. C. Carneiro

1) Quais eram as características da Cidade de Criciúma, quando da intenção de planejar este loteamento, tanto no nível social, urbano, ambiental, econômico e político?

A cidade de Criciúma começou a crescer verdadeiramente a partir da II Grande Guerra (1939-1945), com o incentivo à extração do carvão metalúrgico, coque metalúrgico, para a Indústria Siderúrgica Nacional; então, a cidade começou a crescer, sem planejamento, e o nível social, era o de hoje estratificado, com os pobres, os ricos e de classe média. A economia baseada praticamente e exclusivamente com o carvão, havia sempre muitas greves para aumento de salários e não se sabe se estas greves também tinham o aval dos próprios mineradores que queriam aumentar o preço do carvão para repassá-lo e, como os principais compradores do carvão pertenciam a empresas governamentais que tabelavam o seu preço, então sempre era possível barganhar alguma coisa e naquela época, a imprensa do centro do país descrevia a respeito das condições de habitabilidade dos mineiros, mas, na realidade, melhores que as favelas de hoje de São Paulo e do Rio. Porque, pelo menos, os mineiros tinham umas casinhas decentes, apesar de ficarem velhas, empretecidas por causa da piritita que colocavam nas ruas, então houve o desejo assim de se implantar a Cidade dos Mineiros que as treze mineradoras resolveram comprar um terreno naquela região onde hoje está a Cidade Mineira, perto da Mina União onde havia uma estrada de ferro que chegava até ali para carregar o carvão, a não ser a Próspera era extraído mais naquela região do Rio Maina. E então eles conseguiram por preços mais baratos terrenos cujos proprietários, provavelmente mais de um, mas tinha uma área relativamente grande e então foi possível um loteamento, uma cidade mineira que tinha todas, as mesmas funções de uma cidade qualquer. Esta cidade mineira foi projetada com 1.775 lotes; estes 1.775 lotes seriam fornecidos para os mineiros pelas mineradoras e depois através da Fundação da Casa Popular e de outras entidades, as casas populares foram sendo construídas. As primeiras casas populares, foram construídas, no tempo do Prefeito Addo Caldas Faraco. Eu fui com ele ao Rio de Janeiro, que naquele tempo era a Capital da República, lá na Fundação da Casa Popular em companhia de Deputados Catarinenses para nos auxiliar nisso, e nós conseguimos 100 casas populares de 60m² financiadas pela Fundação da Casa Popular. Este projeto das casas populares foram projetadas por mim; optei por uma casa quadrada porque a casa quadrada é mais barata do que uma retangular com a mesma área. Possuía 7,75m por 7,75m, que dava 60,06m². Esta forma diminuía o volume de alicerce, as áreas de paredes, de pintura, de reboco, etc...

2) Quais os fatores que / O que levou ao desejo de se implantar este loteamento?

A falta de habitação de maior qualidade. Pretendia-se fazer então casas de alvenaria de tijolos e não de madeira, que era mais precível. Um pouco de pressão da própria sociedade brasileira, de políticos, por isso ou por aquilo, provavelmente até por exigência do governo para que os mineradores fizessem mais programas sociais.

3) Por que planejar um loteamento naquele determinado local?

A cidade foi planejada naquele local por ser mais próximo da maior concentração de mineradoras, por possuir uma estrada de ferro e terrenos mais baratos. Criciúma era pequena e entre o Bairro Pinheirinho e o loteamento havia apenas a vila de Santa Augusta, hoje o Bairro de Santa Augusta e após a Mina União, núcleos com poucas casas.

4) Quais as características físicas e ambientais do entorno da área do loteamento?

Era uma zona semi-rural com propriedades relativamente pequenas e com agricultura de subsistência, de colonos descendentes de italianos da Santa Augusta. Do outro lado, na Mina União, havia os mineiros e a região era relativamente bonita, mas nas proximidades haviam depósitos de pirita. Com duas áreas altas separadas pela estrada de ferro.

5) Quem eram os proprietários da gleba original?

Não me recordo, hoje, quais eram os proprietários.

6) Qual era a intenção na execução do loteamento e para que modelo de sociedade ele foi planejado?

A minha formação universitária, tinha um escopo: primeiro a funcionalidade e também contribuir através de planos urbanísticos para uma sociedade mais justa e mais humana. Todas as vilas operárias da região tinham as ruas pavimentadas com pirita, material que em dias de chuva se transformava em lama preta e com o sol em poeira fina. As diretrizes filosóficas de “Le Courbusier” com ruas “cul de sac” (fundo de saco), permitia o acesso de veículos aos 15 ou 20 moradores de cada rua, pelos fundos de seus lotes, evitando o trânsito interno e como quase toda Criciúma era pavimentada com pirita e os mineiros que já lidavam com o carvão diariamente não teriam a pirita na frente de suas casas, mas sim um jardim contínuo arborizado, gramado e florido, com 10 metros de largura que ligava e interligava todas as 1750 lotes da cidade. Na realidade uma cidade jardim, de qualquer ponto da cidade se chegava a outro, atravessando apenas uma avenida. O sítio da cidade possuía uma estrada de ferro que dividia o loteamento em dois setores, cada um possuía escola primária, comércio local, clube recreativo. A área central, junto à estrada de ferro, era interligada com um viaduto sobre esta. Aí se localizavam o centro cívico com administração, teatro, igreja, comércio especializado, hospital estação ferroviária (utilizada pelos mineiros para chegar às suas minas, seus locais de trabalho), estação rodoviária. Havia ainda uma escola secundária e um centro esportivo, na parte mais baixa da cidade onde um riacho seria aproveitado para, canalizado, bifurcado, servir de fosso isolando o gramado das arquibancadas. O cemitério parque também localizado na parte mais baixa da área central, entre os trilhos da estrada de ferro, local inadequado para moradia. E, por tudo, creio que as famílias e principalmente as crianças teriam local para brincar, longe da pirita, levando uma vida mais saudável.

7) Como se deu o processo de aprovação do projeto, junto aos proprietários da gleba e à municipalidade?

Os donos das mineradoras é que pediram, o sindicato dos mineradores é que pediu para eu projetar esta cidade e então, o prefeito Addo Faraco com muita perspicácia gostaria de fazer uma coisa diferente para a cidade, então isso facilitou a aprovação.

A cidade mineira ficava praticamente isolada para fazer com que o trânsito da cidade de Criciúma à Mina União se fizesse por fora, porque se o veículo fosse entrar por dentro da cidade ele teria que fazer uma volta muito grande e não valia a pena, isto para evitar um trânsito pesado dentro da cidade dos mineiros. A Cidade dos Mineiros tinha a seguinte característica na área central, uma praça central, uma espécie de parque com muita área verde, junto à estrada de ferro e o cemitério parque e da área central da administração.

Nós tínhamos um local com uma caixa d'água no ponto mais alto, porque ali passa ainda, creio eu, uma das tubulações da CASAN que vem lá da Santa Luzia, esta caixa d'água distribuiria água para todos os lotes. Em resumo são estas as características da cidade.

8) Houve participação popular durante a aprovação do projeto, ou conhecimento por parte da sociedade local?

Não, nós apresentamos o anteprojeto aos mineradores. Os meus conhecimentos urbanísticos existiam através da universidade e os mineradores, o prefeito e políticos confiaram nos meus conhecimentos universitários e permitiram que eu fizesse este loteamento. É claro que a gente fazia tudo com bom senso. Construímos as primeiras 100 casas daquela área que hoje chamamos de Mineira Velha, com 60 m². Elas tinham 3 quartos, 1 banheiro, 1 área de serviço pequena onde tinha um tanque, área da frente, a sala de estar e a cozinha/copa, para uma família de seis pessoas. Este projeto era único na divisão interna, todas as casas eram iguais, mas externamente (os dormitórios seriam para o lado leste/nordeste) então, às vezes, eu era obrigado a mudar a posição das janelas e do telhado de um ponto para outro, mudando a direção, das duas águas, permitindo maior variação das fachadas sem aumento de custo.

9) Como e quando se deu a implantação do loteamento? O que foi implantado inicialmente? Quais os poderes dos proprietários da gleba, ou da municipalidade, na manutenção ou não da idéia original do projeto?

Imediatamente, eu acho que em 1958, porque eu projetei isto em 1957, e começou pela parte mais próximo da cidade, à esquerda do trilho que vai para a Mina União, nesta parte alta onde foram feitas aquelas casas de 60m². Após isso, houve na época da “Redentora” da Revolução de 1964, estas 100 casas já estavam edificadas com gente morando já, e aí, o governo militar também tentou fazer e fez, umas casas populares, mas infelizmente de piores condições e menores, elas tinham 25m² e 40m². É claro que, provavelmente, seria um núcleo, vamos dizer; inicial, de uma casa. Agora estas casas, foram mal projetadas, na minha concepção, porque a forma era retangular, elas tinham uma água só, portanto faziam, um oitão alto, com mais reboco, mais pintura, mais alicerce, mais paredes por metro quadrado, então, considerei a um general, numa reunião, no Criciúma Clube, eu mostrei que com o dinheiro que ele ia fazer estas 200 casas, se as fizesse bem projetadas, ele poderia fazer mais cinco, 205, com o mesmo dinheiro. Era o sistema, vindo soluções de cima para baixo, e quem projetou também não tinha o mínimo conhecimento. Este projeto veio direto de Brasília, sei lá, do Rio de Janeiro. Por incúria do poder municipal, de alguns prefeitos, sou obrigado a dizer, eles não cuidaram disso, não deram a mínima atenção depois. A não ser o prefeito Addo Faraco, os outros não deram a atenção que merecia, então houve invasões, por egoísmo dos próprios moradores de lá que se apoderaram de ruas, de área verde. Hoje, aquilo lá, é uma “balburdia” que eu acho que seria interessante a faculdade de arquitetura, junto com o poder público, tentar resgatar o que for possível. Como a Prefeitura asfalta áreas verdes, consideradas no projeto? Este projeto me parece, inigualável aqui na região. E também eu fiz deste tipo um projeto para a Companhia Treviso. O Dr. Sebastião Toledo dos Santos, que me pediu para projetar também, uma área no centro de Siderópolis/SC, mas era poucas casas, umas 20 só, mas aí ficou por muitos anos mostrando como é que seria aquele aspecto de área verde na frente das residências, só depois, eu fui lá e vi que um daqueles ou dois proprietários já tinham avançado 5 metros para a área central, como se aquilo fosse propriedade sua, portanto caberia ao poder público, pelo poder de polícia, chegar lá e dizer assim: Olha isso não é

seu, é público, e, portanto não cerque. Mas eu posso te dizer também que aqui em Criciúma, está cheio disso, em vários loteamentos, há muita invasão da coisa pública por pequenos e grandes proprietários.

10) Como eram negociados os lotes com os futuros proprietários?

Não tenho conhecimento desta parte burocrática.

11) A família conhecia o projeto antes de se estabelecer?

Provavelmente sim, porque também isso foi publicado no jornal daqui da época, que era a Tribuna Criciumense; também foi publicada esta fotografia que eu estou te mostrando, do projeto. Eles tinham noção sim, estavam ansiosos pela concretização e eram orgulhosos da propriedade deles.

12) Em que momento e porque houve a perda da concepção urbanística original?

Não sei, porque eu não era o fiscal do loteamento, da cidade e eu pouco ia lá e de repente, quando lá cheguei um dia, vi este absurdo. Veja só, houve prefeitos que cederam às indústrias partes dos terrenos, quando não devia, pois, não foram projetados para isso, e aquela “balburdia” ficou um labirinto, as ruas ficaram um labirinto, porque eles misturaram as áreas verdes com ruas mesmo calçadas, o projeto original ficou completamente prejudicado.

13) Após anos da concepção do projeto, implantação e ocupação, quais as características marcantes do projeto inicial que ainda estão presentes no local?

Olha, eu não sei, a caixa d’água parece que está no lugar certo, mesmo porque eles não poderiam tirar do lugar, não é. As avenidas principais, estão nos locais certos. O que houve foi que estas ruas “cul de sacfi. fundo de saco, em francês, estas é que estão prejudicadas, não sei se todas, porque houve interligações impróprias ali.

14) Analisando hoje o projeto, e com o modelo de sociedade atualmente existente, será que um projeto com uma característica urbana claramente modernista, onde as funções estão bem estabelecidas, ou seja, habitar, trabalhar, recrear-se e circular, poderia ser implantado para uma classe social de menos recursos financeiros?

Tenho a dizer o seguinte: a Cidade Mineira foi projetada em 1957 e Brasília inaugurada em 1960, já tinha feito em 1957 ou antes , um concurso nacional para a cidade e a filosofia de todos os concorrentes inclusive do Arq. Lúcio Costa, que venceu, privilegiava o pedestre e não o automóvel. Também lá houve inversões de avenidas e a nossa sociedade não estava acostumado a esta filosofia, socialista, termo que aqui indica o social, a solidariedade, menos egoísmo onde uma pessoa possa viver em harmonia com as outras usufruindo, dos mesmos benefícios, com as mesmas características. A sociedade capitalista, em geral, se preocupa mais com o próprio capital, com o seu bem estar onde “quem pode mais chora menos”. Isto queríamos evitar ali. Em Brasília houve resistências dos primeiros moradores, pois diziam, não havia o “ bar da esquina”, local de encontros diários de amigos. Estes, na cidade mineira, se achavam nos comércios locais, clubes sociais espalhados pela cidade e o centro esportivo localizado a menos de um quilômetro da residência. Hoje, acho possível sim, e desejável que um loteamento privilegie o

pedestre, pois para sua segurança o cidadão quer uma cidade com funções bem determinadas, independentes, mas interdependentes como habitar, circular, trabalhar e se divertir. Em suma, são os objetivos de qualquer sociedade, e o projeto, portanto, deve levar em consideração todos estes objetivos.

Apêndice 2

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 02 - Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros, realizada com o Sr. Algemiro Manique Barreto.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)**

Entrevista II

Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros

CRICIÚMA, 2004

Criciúma

2ª Entrevista

Data: 04 / 06 /2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Algemiro Manique Barreto

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: sua empresa

Bairro: Bairro Santa Bárbara

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Antonio Miguel Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Algemiro Manique Barreto

1) Quais eram as características da Cidade de Criciúma, quando da execução do Loteamento Cidade dos Mineiros (Cidade Mineira Nova), tanto no nível social, urbano, ambiental, econômico e político, em meados da década de 1970?

Bem, as posições e as características da cidade de Criciúma, na época, realmente antecede a minha administração, que começou de 1973 em diante, até 1977. Todavia, o projeto da construção daquelas 500 casas feitas pela COHAB dizia de perto dar condições habitacionais àqueles mineiros que trabalhavam na região, nas minas próximas, na época era Progresso, era São Marcos, Boa Vista, Catarinense para que os mineiros tivessem uma casa para morar. Esse, me parece e tenho quase que certeza absoluta que foi objetivo da COHAB e do Governo do Estado e da Municipalidade da época em dar as mínimas condições habitacionais para essas pessoas.

2) O Sr. tem conhecimento dos fatores que / O que levou a municipalidade ao desejo de dar continuidade na implantação do Loteamento Cidade dos Mineiros?

Certo, bom, vejamos bem. Como eu disse, no entanto, isto antecede a minha administração, mas vejamos bem, o início foi a Mineira Velha, aonde a vila foi implantada, foi habitada, estava muito bem habitada em todos os sentidos, no aspecto social também, então foi feita a implantação da Mineira Nova justamente para dar condições de abrigar a esse volume de gente que não tinham aonde morar e que precisavam morar nas proximidades das minas de onde trabalhavam, pessoas que moravam nas colônias, outros bairros e isto tudo foi feito para facilitar, justamente, o sistema habitacional destas pessoas que precisavam trabalhar na região.

3) Quais as características físicas e ambientais no entorno da área do loteamento?

Bem, a condição física e ambiental, a exemplo de todas as áreas de Criciúma nunca foi muito boa, principalmente ali né. Era uma área evidentemente poluída por excessos de reservas de rejeitos piritosos queimando e que com o tempo foram eliminados e com isto melhorou também a atmosfera e as condições de respirar naquela região.

4) Na implantação deste loteamento houve a manutenção do projeto original, do Arq. Fernando Carneiro?

Sim. Houve o respeito ao loteamento e o convênio que nós fizemos com a COHAB através do BNH, ela realmente se obrigava a respeitar religiosamente aquela área física que tinha sido pré-estabelecido, casas pequenas com uma área física de terreno relativamente bem maior, para dar condições de cada um ter sua chacinha, o seu quintal, o seu local para criar aves e assim por diante. De maneira que se ela foi desvirtuada, foi sem autorização naturalmente da COHAB, porque na verdade a COHAB reformou estas casas todas num convênio com a Prefeitura, quando nós nos obrigamos a asfaltar daqui a Rio Maina e à Cidade dos Mineiros, fazer dois anéis de contorno, um interno outro externo, um de asfalto e outro com lajotas, a construção de um Centro Comunitário que abrigasse diversas entidades e isso tudo foi feito no sentido de dar condições humanas e sociais, para aquelas quinhentas casas, não só para aquelas quinhentas, como o próprio pessoal da Mineira Velha que na época também não tinham um Centro Comunitário.

5) Qual era a intenção na execução do loteamento e para que modelo de sociedade ele foi planejado?

Não. Não tenho assim um conhecimento aí, isto teria que ser realmente pesquisado junto, talvez ao Sindicato dos Mineradores, porque o Sindicato dos Mineradores estava na frente de tudo isso. Os convênios foram firmados com o BNH, mas na verdade, a Prefeitura deve ter tido participação direta e a implantação inicial desse projeto deve ter sido feito lá pelos anos 1960, de maneira que eu não tinha assim, eu entrei na vida política de 1966 para cá. Em 1966 eu me elegi vereador, posteriormente fui Presidente da Câmara, ato contínuo fui Prefeito Municipal, depois Deputado, então nesse período eu acompanhei né, mas não poderia responder isso com muita precisão.

6) O Sr. tem conhecimento do porquê as mineradoras doaram as terras para a Municipalidade?

Vejamos bem, aí já é no meu tempo. Os mineradores em 1964 com o advento de muitas greves que se fazia aqui, ameaças, até de quebra-quebra, com certas provocações feitas por alguns elementos que agitavam realmente a cidade, ao município, os mineradores temerosos em que pudesse haver quebra-quebra na cidade, essa coisa toda, ofertaram ao Ministério do Exército, aquela área que era de 75 hectares, se eu não estou sendo traído pela memória, aonde está hoje implantado a Vila Manaus e colocaram, fizeram uma doação, ao Ministério do Exército por um período de 10 anos, caso eles não ocupassem nesse período reverteria novamente em favor do Sindicato dos Mineradores. E justamente quando nós assumimos em 1973, quando se aproximou de 1974, nós verificamos e fomos alertados pelo presidente do Sindicato dos Mineradores na época que era o Sr. Fidélis Barato de que a área podia reverter novamente em favor do Sindicato e a intenção deles não era essa, a intenção deles é que realmente se implantasse, se instalasse um quartel aqui por “n” motivos: segurança, dar condições dos nossos familiares daqui da região sulina toda, não precisar mais ir para Brasília ou outras regiões, servir aqui mesmo, e paralelamente a isso, todos sabem que aonde existe um quartel existe uma grande indústria canalizando recursos para aquela cidade, através de dezenas e dezenas de pessoas graduadas que têm um salário respeitável e conseqüentemente esses 400 ou 500 soldados também que fossem se acantonar, fariam despesas dentro da própria cidade. Todavia, isto não estava se confirmando, e nós, então, quando conseguimos fazer o elo de ligação entre o Ministério do Exército, na figura do General Campelo, aqui no Agrupamento Leste Catarinense em Florianópolis e posteriormente o General Samuel Alves Correa na 5ª Região Militar em Curitiba e ato contínuo também, o General Oscar Luís que comandava o 3º Exército em Porto Alegre, já que isso aí é uma hierarquia, nós conseguimos então, a benevolência deles, no sentido de trazermos para cá, um contingente que estava acantonado em São Francisco, vindo de Santana do Livramento e que de lá estavam aguardando que os prefeitos de Santa Catarina ofertassem condições técnicas mais vantajosas para que eles pudessem se alojar. É, Curitibanos entrou nessa dividida, Rio do Sul também, mas Criciúma, com o apoio dos mineradores, nós realmente colocamos a disposição, e os militares aqui estiveram e olharam e examinaram essa área, mas desqualificaram porque a mesma estava minerada embaixo, cercada já por residências, com algumas até dentro da região e estrategicamente o General Campelo na época me disse: “Olha prefeito, eu preciso de uma área que fique entre a cidade e a BR 101, por uma questão estratégica, eu não vou jamais implantar um quartel no meio de casas, e se eu precisar deslocar as tropas para a BR 101, vou ter que passar por cima da

cidade, estrategicamente isso seria contraproducente”. Ele queria a área livre. Então, nós através dos técnicos da prefeitura e também do exército, após uma pesquisa de diversas áreas tanto no acesso sul, quanto no acesso centro, chegaram a conclusão que a melhor área é essa onde está sediado o quartel. E, imediatamente, nós entramos em contato com o proprietário desta área, mas lamentavelmente, o preço que a comissão, nós tínhamos uma comissão de avaliação, aprovada pela Câmara, e que era presidida pelo Sr. Vilson Barata, que era o Presidente da Associação Comercial, fez uma avaliação, se eu não estou sendo traído pela memória, em 15 mil Reais o hectare e os proprietários pediram 25. Aí, criou-se um impasse e com o impasse nós tivemos que fazer a desapropriação da área e a Prefeitura então atingindo o seu objetivo, que era a implantação do quartel, ela doou, da Prefeitura aquela área, em troca da área que nós deveríamos, comprar, pagar e entregar ao exército, que é onde se encontra o quartel. A área livre, nós começamos a movimentar e incentivar a indústria para que se implantasse lá, na verdade, implantou-se aproximadamente umas 20 indústrias lá, inclusive o Brandão, e outras empresas que estão lá, mas lamentavelmente, ato contínuo, eu saí da Prefeitura e a administração que me sucedeu admitiu a invasão e tínhamos na época aqui um grande agitador que era um religioso na época, o Padre Miotello, que anunciava aos quatro ventos nas emissoras de rádio da cidade, que quem quisesse vir para Criciúma, viesse porque aqui havia terrenos de graça, para ser doado, essa coisa toda, então veio gente até lá de cima, da zona serrana, de São Joaquim, Vacaria e vieram para cá e invadiram aquilo lá, e perfeitamente até hoje está lá.

7) Como e quando se deu à implantação do Loteamento Cidade dos Mineiros (Lot. Cidade Mineira Nova)? O que foi implantado inicialmente? Quais os poderes dos proprietários da gleba, ou da municipalidade, na manutenção ou não da idéia original do projeto?

Vejam bem, como eu disse a pouco, nós pegamos o carro andando com a Vila totalmente destruída, ela foi recuperada, foi restaurada, nós fizemos toda a infra-estrutura, colocamos água, energia e foi criada a Associação Amigos do Bairro, quer dizer, tudo isso aí, em seguida a AFASC entrou em funcionamento também, dando condições humanas, vamos supor, àquelas senhoras para que aprendessem a lidar com a área doméstica, com a área culinária e também aprendendo a costurar, bordar, fazer crochê e outras coisas né, tudo isso foi feito, grupo de jovens, foi dado todas as condições humanas e sociais para que elas funcionassem direito e funcionassem bem, eu tenho certeza absoluta que até meus últimos dias de administração isso aconteceu, depois eu não posso...

8) O Sr. tem conhecimento de como eram negociados os lotes com os futuros proprietários?

Bom, vejamos bem. Os proprietários faziam fichas perante a COHAB, selecionava de acordo com os critérios dela, programa de rendimento, programa de vencimento, condições familiares, número de família, porque não podia ser família muito avantajadas, já que a área física era relativamente pequena, tudo isso era feito pela COHAB. As condições habitacionais e quem conseguiu lá, a prefeitura não tomou nenhum conhecimento, nós tivemos um elemento que se não tivesse falecido, que era um militar, ele era delegado, na área lá, e cuidava da administração da COHAB, era um funcionário, era um militar, mas era funcionário da COHAB, lamentavelmente falecido. Se não ele poderia oferecer maiores detalhes. (De Bona)

9) A família conhecia o projeto da residência e do loteamento, antes de se estabelecer?

Sim, a família ia. Ela quando escolheu a casa que quis morar, que quis comprar, ela realmente encontrou a casa pronta, com todos os recursos que a casa oferecia que eram poucos, eram modestos mas que tinha conhecimento, que acomodava perfeitamente uma família modesta, não muito grande, como eu disse.

10) Em que momento e porque houve a perda da concepção urbanística original? Ou mesmo porque não foi totalmente implantado?

É, na nossa época isto foi respeitado, e não foi admitido que se modificasse, inclusive as casas, que se ampliasse, que se vendesse, porque toda elas foram compradas com período de carência e também com prazo longo para pagar, não é. Agora o que houve depois disso, eu não tenho condições de saber não.

11) Por que foi destinada parte do loteamento original para um distrito industrial?

Isso não houve, o que foi destinado ao distrito industrial, ao menos no meu tempo foi à área que estava reservada e doada ao Ministério do Exército, que nós fizemos uma permuta, quer dizer, onde está hoje instalada a Vila Manaus, era para ser um distrito totalmente industrial para abrigar, justamente as pessoas que moram ou que moravam lá na Cidade Mineira Nova e Velha. De maneira que ali deveria ser instalada, a exemplo daquelas 20 indústrias que se encontravam lá hoje, deveria ter lá, talvez 60, 70 indústrias lamentavelmente isso não ocorreu, mas por outro lado, abrigou esse pessoal que talvez não tinha onde parar, estão morando hoje lá.

12) Após anos de concepção do projeto, implantação e ocupação, quais as características marcantes do projeto inicial que ainda estão presentes no local?

Eu desconheço totalmente. Porque tenho, volta e meia, tenho tentado passar por lá, e até eu me perco, é uma confusão muito grande, descaracterizado totalmente, aquilo que agente se propôs na época. Lamentavelmente, eu não quero com isso tecer nenhuma crítica aos moradores e muito menos ao que quer que seja, mas daquele projeto inicial, sobrou muito pouco, sobrou me parece às ruas, né.

13) Analisando hoje o projeto, e com o modelo de sociedade atualmente existente, será que um projeto com uma característica urbana claramente modernista, onde as funções estão bem estabelecidas, ou seja, habitar, trabalhar, recrear-se e circular, poderia ser implantado par uma classe social de menos recursos financeiros?

Eu acho que sim e deveria existir isso. O governo tem que pensar realmente em propiciar aquele que não tenha recurso ou aquele que está fadado a morar debaixo da ponte ou nas beiras de estradas, aí; uma condição humana de sobreviver e de viver, fazendo com que uma residência pequena, mas com condições de abrigar 2 ou 3 filhos, hoje as famílias quase que estão todas elas limitadas a esse número, pudessem numa casa de 50 ou 60m², mas que fossem um financiamento a muito longo prazo para que a pessoa tenha condições de pagar. Porque se não, ela entra na casa, em seguida, não consegue pagar as prestações e lá vem o despejo e aí vem outro problema social em cima, isso não vai resolver nada, o

governo vai ter que a fundo perdido ou seja, de forma que for, tentar equacionar esse problema e dentro de tantos outros que nós temos aí, que é problema de esgoto sanitário, água, energia, realmente precisa o apoio dos governos seja municipal, estadual ou federal, sob pena da população sofrer mais do que já está sofrendo.

14) O que o Sr. pensa da infra-estrutura urbana de Criciúma nos dias atuais? E por que os recursos utilizados para a urbanização e desenho urbano são geralmente destinados para a área central de Criciúma?

É, esse é um problema seríssimo dos políticos. O político normalmente quando se elege a um cargo executivo, seja governador, presidente da república ou prefeito, ele procura fazer obras que rendam votos, essa é a verdade. Então, vejamos bem, nós deixamos o projeto de esgoto cloacal de Criciúma, esgoto sanitário de Criciúma, pronto, pago e com recursos aprovados pelo BNH em torno de 40 e poucos milhões na época, que era só a prefeitura fazer o convênio com o Estado, com a CASAN e implantar todo o sistema de esgoto de Criciúma, podia ter sido feito tudo isso na época, haja visto que até uma bacia de tratamento em Santa Libera e outra em Linha Batista foi determinado, foi implantado e lamentavelmente a administração ou as administrações que vieram após a nossa, nada fizeram nesse sentido, então Criciúma, que teve o 1º projeto de esgoto sanitário cloacal, aprovado pelo CERFAL, pelo BNH, com verba hoje não tem nada. Aqueles municípios que nada tinham, como Joinville, como Blumenau, como Chapecó, hoje estão quase todos eles urbanizados nessa parte, servidos de água, esgoto; quando a água que circula ainda hoje nos canos de Criciúma é aquela que nós deixamos, 400 litros por segundo então são os tais absurdos que nós não nos preocupamos com isto, porque quando eu fui eleito prefeito, eu fui eleito para administrar Criciúma, não fui eleito, preocupado em ser governador do Estado, ou vice-governador; fui Deputado por acidente de percurso, mas, eu não estava preocupado com o aspecto eleitoral, vamos supor de fazer obras, fazer estátua ou coisa parecida, muitas obras rendiam voto, sim senhor, como 23 Centros Comunitários, não tínhamos nenhum, uma Vila Olímpica, uma Rodoviária, um Quartel, que trouxemos para cá, o asfaltamento daqui a Quarta Linha, a criação do Distrito Industrial (na Quarta Linha), o asfaltamento daqui ao Rio Maina, em resumo a canalização d'água de Criciúma, obras foram o que nós fizemos, mas nós não estamos preocupados com isso, lamentavelmente a resposta é esta, o governante não gosta de fazer obra enterrada e é necessária, é preciso.

15) O que o Sr. pensa a respeito dos bolsões de pobreza existentes em Criciúma? Como resolver esta problemática?

Em parte eu acho que respondi. Se não houver realmente a participação dos governos a nível municipal, estadual e federal, investimentos a fundo perdido com aquisição de áreas com infra-estrutura, vejamos bem o que nós fizemos na época, vou citar um exemplo, o que nós fizemos na época com a Vila Dona Teresa Cristina, nós precisávamos deslocar a estrada de ferro do Centro da cidade, mas tínhamos 390 famílias morando nas margens da estrada de ferro, e esse pessoal não podia ser jogado ao relento. Então nós criamos, desapropriamos ali uns 8 hectares de terra, organizamos uma cidade, um bairro, um centro comunitário, luz, água, reformamos as casas todas, levamos para lá, e colocamos essas pessoas dentro dessas casas, proprietários dessas casas, desses terrenos, que posteriormente o prefeito, Dr. José Augusto Hulse, fez a escritura, a escrituração, então deu-se condições técnicas e humanas para aquelas pessoas saíssem daqui e não cria-se um problema social para eles e para a cidade. Agora, para nós resolvermos esse problema, o

investimento nessa área, tem que ser muito grande por parte, o apoio dos três poderes, porque um só não vai conseguir. Todavia, eu volto a dizer, não é um investimento que os políticos apreciam muito, isso tem que ser levado pelos sentimentos de solidariedade humana, de espírito de religiosidade, acreditar em Deus, saber que todos nós em cima da terra, temos direito ao mesmo conforto, em resumo, temos direitos e deveres iguais, todavia, não há nenhuma proteção, no sentido de fazer com que aquele que nada tem, tenha alguma coisa.

Apêndice 3

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 03 - Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros, realizada com Eng. Ruy Hülse.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)**

Entrevista III

Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros

Criciúma

3ª Entrevista

Data: 25 / 06 /2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Ruy Hülse

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: seu local de trabalho

Bairro: Bairro Universitário

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Antonio Miguel Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Ruy Hülse

1. **Quais eram as características da Cidade de Criciúma, quando da execução do Loteamento Cidade dos Mineiros, tanto no nível social, urbano, ambiental, econômico e político, no final da década de 1950?**
2. **O Sr. tem conhecimento dos fatores que levou ao desejo dos Mineradores em implantar este loteamento?**
3. **O Sr. sabe o porquê do planejamento do loteamento naquele determinado local?**
4. **Quais as características físicas e ambientais no entorno da área do loteamento?**
5. **Quem eram os proprietários da gleba original?**
6. **Qual era a intenção na execução do loteamento e para que modelo de sociedade ele foi planejado?**
7. **O Sr. tem conhecimento de como se deu o processo de aprovação do projeto?**
8. **Houve participação popular durante a concepção ou aprovação do projeto?**
9. **Como e quando se deu a implantação do loteamento? O que foi implantado inicialmente? Quais os poderes dos proprietários da gleba, ou da municipalidade, na manutenção ou não da idéia original do projeto?**
10. **O Sr. tem conhecimento de como eram negociados os lotes com os futuros proprietários?**
11. **A família conhecia o projeto da residência antes de se estabelecer?**
12. **Em que momento e porque houve a perda da concepção urbanística original? Ou mesmo porque não foi totalmente implantado?**
13. **Após anos de concepção do projeto, implantação e ocupação, quais as características marcantes do projeto inicial que ainda estão presentes no local?**
14. **Analizando hoje o projeto, e com o modelo de sociedade atualmente existente, será que um projeto com uma característica urbana claramente modernista, onde as funções estão bem estabelecidas, ou seja, habitar, trabalhar, recrear-se e circular, poderia ser implantado par uma classe social de menos recursos financeiros?**
(as perguntas acima não foram respondidas)
15. **Nos dias atuais, com a retomada da importância da atividade de extração do carvão, as empresas mineradoras estariam dispostas a investir na qualidade ambiental da moradia e do ambiente urbano de seus funcionários? Hoje, como no passado as mineradoras necessitariam de subsídios federais para a produção do carvão e para a implantação de novos loteamentos havendo interesse?**

Presentemente, o nosso sindicato está administrando, praticamente ele é responsável pelo gerenciamento de uma atividade intimamente ligada com a recuperação do meio

ambiente, que é o comitê gestor de recuperação da bacia carbonífera de Santa Catarina. As empresas nossas, têm investido, têm recuperado várias áreas junto a distritos urbanos, nós entendemos que estas áreas, uma vez recuperadas, elas possam ser aproveitadas para a implementação de moradias populares.

- 16. Em entrevista ao Arq. Fernando Carneiro, projetista do Loteamento Cidade dos Mineiros, foi-nos informado que antigamente as ruas do loteamento foram cobertas com a pirita, prática comum até algumas décadas passadas. Isto realmente acontecia? Havia um desconhecimento na utilização deste resíduo do carvão, para a pavimentação viária?**

É realmente no passado se revestiam essas ruas, inclusive na própria cidade de Criciúma, num passado ainda mais remoto com pirita e com cascalho, oriundo da queima natural da pirita, isso causava um problema realmente sério, com respeito a qualidade de vida dos moradores que habitavam as adjacências dessas ruas, hoje, isso não se justifica. Se fez isso no passado por desconhecimento em boa parte, e porque também não havia outros materiais para revestimentos das ruas, eu me lembro que um dos primeiros atos meus como prefeito, foi uma portaria proibindo a cobertura de ruas com pirita de carvão.

- 17. O que o Sr. pensa da atual infra-estrutura urbana de Criciúma? E por que os recursos os recursos utilizados para o desenho urbano e para a urbanização são geralmente destinados para a área central de Criciúma?**

A infra-estrutura urbana de Criciúma, ela não foi conseqüência de um projeto bem elaborado. As cidades brasileiras, de um modo geral, elas cresceram de maneira desordenada, não houve, ousou racional do uso da terra. Neste uso da terra não se pensou na infra-estrutura, isso realmente causou problemas muito sérios não só para Criciúma, como várias outras cidades não só de Santa Catarina, como do Brasil, haja vista que em Criciúma não temos um rio de grande volume de vazão, e numa chuva torrencial, nós vimos muitas partes da cidade inundadas, e isso é resultado de que; de que não se projetou as construções a margem desse rio, que na verdade é um pouco mais que um córrego, então a falta desse planejamento das cidades causou e vem causando problemas sérios que a cidade vai crescendo de certa maneira desordenada, e isso vai gerando um problema muito sério. Nós temos um problema muito sério de infra-estrutura em Criciúma, não podemos por exemplo, esgoto sanitário, uma necessidade urgente, preemente, para se melhorar a qualidade de vida, e as coisas vão acontecendo sem um planejamento e cada vez mais, as coisas se avolumam, se agravam e os recursos para resolver esse problema, se tornam cada vez mais gigantescos.

- 18. O que o Sindicato das Indústrias de Extração do Carvão entende por desenvolvimento urbano?**

Bom, nós entendemos por desenvolvimento urbano, o uso adequado da terra para a edificação das habitações e esse desenvolvimento urbano tem que ser feito de maneira racional, projetado e que toda uma infra-estrutura esteja à disposição do morador que vai, da pessoa, do cidadão, das famílias que vão ocupar essas áreas, então o planejamento é importante, com relação ao uso da terra, do solo e infra-estrutura se faz extremamente necessária para que a qualidade de vida seja uma constante para todos.

19. Como Criciúma poderia gerar outras fontes de emprego vinculadas ou não ao carvão, sendo a cidade pólo da região sul de Santa Catarina?

Bem, o setor carbonífero sempre trabalha no sentido de que nós possamos, não só consolidar nossa posição, mas nos expandir. Nessa expansão, por exemplo, na implementação de uma Usina projetada para Treviso, que é justamente a USITESC, ela prevê a produção de outros produtos que advêm não só do carvão em si, mas da queima do carvão, os gases sulfurosos seriam lavados com amônia, daí produziria o sulfato de amônia que é um sub-produto. Também há possibilidade de se produzir vários objetos para a construção civil, peças para a construção civil, oriundos do cimento, ou melhor da cinza, oriunda da queima de carvão. Então, o carvão em si, não tem como diretamente propiciar outras atividades industriais, que não aquelas oriundas do uso do próprio carvão. Então acho que os mineradores, vez por outra, também investem em outras áreas, por exemplo, no passado não muito distante, a indústria cerâmica, ela foi oriunda, em boa parte, dos recursos que os mineradores obtiveram, dos lucros que obtiveram com a indústria carbonífera. A cerâmica aqui em Criciúma tem um vínculo muito direto, principalmente o Grupo Freitas, muito direto com o que eles obtiveram de recursos, de ganhos na atividade carbonífera e posso adiantar por exemplo que a Cerâmica Imbituba, ela foi construída, justamente em função da atividade carbonífera, aqui de Criciúma e de Lauro Muller, porque o Henrique Lage, tendendo que tinha uma frota de navios que fazia cabotagem no Brasil, ele tinha dispêndio muito grande com a louça, porque o navio era um misto, eram cargueiros e passageiros, então como quebrava muita louça que ele importava da Inglaterra, ele construiu a Cerâmica Imbituba, usando o barro branco do nosso carvão, como argileto para fazer justamente a composição de uma porcelana rudimentar que fabricava louça, para substituir justamente àquela louça de mesa que ele importava da Inglaterra. Posteriormente, mais tarde, a cerâmica foi, ele se desfez, da Companhia Lage de Navegação, foi incorporada pelo governo e ele então transformou em cerâmica de azulejo.

20. O que o Sr. pensa a respeito dos bolsões de pobreza existentes em Criciúma? Como resolver esta problemática?

Os bolsões de pobreza em Criciúma, eles existem em função de um crescimento desordenado da cidade. A cidade em certas áreas não cresceu, ela inchou como se diz na gíria, e isso acarretou justamente problemas sérios de infra-estrutura para as populações que habitam essa área, e a solução desse problema há de ser, em muitos casos, deslocamento dessa população para outras áreas devidamente projetadas para receber habitações adequadas. É um problema bastante complexo, a cidade, às vezes começa a crescer de forma também desordenada, nos bairros construindo em locais de periculosidade, então eu acho que a prefeitura, o governo teria de angariar recursos no sentido de remover essas famílias para áreas que seriam mais adequadas para as pessoas habitarem, eu acho, eu entendo que isso não deveria se fazer de graça, a quisa de dádiva, que fosse cobrado alguma coisa, para que os cidadãos tivessem responsabilidade e o prazer no futuro de ter alguma coisa que fosse sua, e por ele construída ainda que fosse por importância pagas mensalmente e de baixo valor.

21. O que o Sr. acha que o aumento da pobreza nos anos de 1990 tem a ver com a queda da produção do carvão?

É, essa é desregulamentação do setor carbonífero, alguma coisa, também está vinculada, essa pobreza, alguma coisa, não posso avaliar, em que grandeza, alguma está avaliada justamente a esta desregulamentação abrupta do setor carbonífero, que deixou desempregado aí mais de 50% da força de trabalho do setor carbonífero; exatamente, isso criou, tá entendendo, paralelamente à situação nacional, econômica, dificuldade, uma geração de uma camada de baixo recurso, de pobreza, então, mas eu acho que esses problemas ainda advêm mais daqueles que afluem para a cidade, na busca de uma solução para as suas famílias, para um ganho, para sustentar a sua família de maneira digna. Então essa corrida para as cidades, onde diz que há muito emprego, há possibilidade, há perspectiva de emprego, muitas vezes, gera isso aí, tá entendendo, essa fuga, esse êxodo, do campo para cidade, de outras cidades para uma cidade em que está se expandindo, como foi o caso de Criciúma.

22. Qual foi a grande obra da sua administração, como prefeito municipal?

Bom, eu poderia assinalar, até com certo prazer, de que a melhor obra, que eu pude realizar no município de Criciúma, que foi uma obra que não foi só minha, de uma equipe que eu na época designei, foi a criação da Fundação Universitária de Criciúma, que foi instituída pela Lei 697 de 22 de junho de 1968, que criou justamente a Fundação Universitária de Criciúma, que deu oportunidade à criação da UNESC, que hoje é uma entidade universitária que atende aos interesses educacionais de uma ampla região de Santa Catarina, do extremo sul de Santa Catarina melhor dizendo, então eu elencaria, essa como a principal obra da minha administração, a ação mais produtiva, que teve maior repercussão e que está se perpetuando cada vez mais.

Apêndice 4

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 04 - Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros, realizada como Eng. Jacy Fretta.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)**

Entrevista IV

Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros

Criciúma

4ª Entrevista

Data: 07 / 07 /2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Jacy Fretta

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: sua residência

Bairro: Bairro Pio Corrêa

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Giuliano Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Jacy Fretta

1. Quais eram as características da Cidade de Criciúma, quando da execução do Loteamento Cidade dos Mineiros (Cidade Mineira Nova), tanto no nível social, urbano, ambiental, econômico e político, em meados da década de 1970?

Essa parte da cidade, da cidade mineira, ela surgiu, foi na época, onde a mineração era muito intensa, era só de carvão, era muito intensa na região do Rio Maina, então, para dar mais conforto para os empregados das minas então foi loteado lá para formar uma cidade, construção de casas para os mineiros daquela região e aí surgiu então o loteamento naquela área e onde foi depois, por intermédio da prefeitura arranjado dinheiro do Governo Federal para a construir essas casas, depois dessas casas, então, foram entregues aos mineiros; agora o preço dessas casas, como foi cobrado eu não tenho idéia.

2. O Sr. tem conhecimento dos fatores que / O que levou a municipalidade ao desejo de dar continuidade na implantação do Loteamento Cidade dos Mineiros?

Essa surgiu da cidade dos mineiros, da região lá do Rio Maina, surgiu porque lá se concentrava também a maior parte dos mineiros daqui da região, e também, era uma área que era favorável à construção dessas casas dos mineiros. Primeiro porque ficava perto das minas, certo e segundo atendia a maior concentração dos mineiros daquela região.

3. Quais as características físicas e ambientais no entorno da área do loteamento?

Olha, essa das características físicas e de lá daquele loteamento, eu não tenho conhecimento, eu sei que foi feito o loteamento, como era costume, fazer os loteamentos aí, eu sei que fazia, loteava a área, dividia em lotes e depois esses lotes então foram construídas as casas as casas dos mineiros; é claro que nesse aí se previa alguma coisa sobre praças, escolas, isso tudo para atender aquela região lá.

4. Existiam muitos depósitos de pirita naquela região?

Sim, toda aquela região do Rio Maina, como era mais concentrada lá área de mineração, claro que a pirita, os rejeitos do carvão, todos eles procuravam uma parte alagadiça, ou eram pontos de depressões grandes, então ali era depositado, mas todos os mineradores gostavam de, gostavam não, queriam por causa do custo, depositar em torno das minas, onde tivessem essas depressões, e lá então, foi feito uma série de depósitos nessa área, aí é que surgiram os depósitos aí, que depois poluíam toda a área.

5. Na implantação deste loteamento houve a manutenção do projeto original, do Arq. Fernando Carneiro?

Olha, nesse loteamento aí feito pelo Fernando carneiro, que era arquiteto, parece que era o único arquiteto que tinha aqui na região. Então, claro todo mundo conversava com o Fernando carneiro, ou senão pedia idéias sobre isso, e essas idéias do Fernando carneiro, eu acho que está neste loteamento que está feito lá. Eu acho que o Fernando Carneiro sempre teve muito cuidado nestes loteamentos dele, de dar sempre um conforto para a população que fosse morar lá e além disso, ele primava muito pela arquitetura dele para que não disvirtuasse e dos conceitos que ele tinha.

6. Qual era a intenção na execução do loteamento e para que modelo de sociedade ele foi planejado?

Olha eu tenho conhecimento é que o modelo era mais para empregados de mineração, ou senão, se chamava sempre para os mineiros, ajudante de mineiros, servente, tudo isso, então este loteamento era dirigido mais para esse tipo de empregados, empregados mais de subsolo das minas.

7. O Sr. tem conhecimento do porquê as mineradoras doaram as terras para a Municipalidade?

É, as mineradoras também tinham interesse porque para não criar conflito entre mineiros e mineradores, então eles procuravam sempre dar certa assistência social, porque era muito falado naquela época que o minerador queria ganhar dinheiro, mas não queria empregar nada nessa parte social, aí é que surgiu essa idéia de então doar essas áreas porque aí o minerador disse “ nós doamos áreas para fazer as casas dos mineiros” , aí surgiu essa idéia aí.

8. Como e quando se deu à implantação do Loteamento Cidade dos Mineiros (Lot. Cidade Mineira Nova)? O que foi implantado inicialmente? Quais os poderes dos proprietários da gleba, ou da municipalidade, na manutenção ou não da idéia original do projeto?

Isso eu não tenho conhecimento, quem tem conhecimento disso, é o Manique que desapropriou.

9. O Sr. tem conhecimento de como eram negociados os lotes com os futuros proprietários?

Bem, isso eu tinha idéia mais ou menos que os lotes eram dados para um preço assim um tanto irrisório para os mineiros, então eles pagavam aí uma prestação que não afetasse o salário deles, uma prestação mensal sabe.

10. A família conhecia o projeto da residência e do loteamento, antes de se estabelecer?

Eu acho que lês não tinham idéia, eles aguardavam praticamente o que o arquiteto ou a prefeitura, ou os mineradores estavam oferecendo a eles. Então, ofereceram aquelas casas então eles, é claro que cada um foi lá ver a casa, que tipo era, se agradava ou não agradava, se agradou, acabou comprando.

11. Em que momento e porque houve a perda da concepção urbanística original? Ou mesmo porque não foi totalmente implantado?

É, isso no início quando fazem o projeto, o planejamento é claro que o arquiteto ele fez e a prefeitura aprovou, umas com o tempo que foi passando cada um foi modificando o tipo da casa dele, ou senão começou a comprar um pedaço da área de um lote daquele, ou senão era da família dele, aí ele consentiu que fizesse outra casa nos fundos e assim começou, então desvirtuar bem o projeto que tinha.

12. Por que foi destinada parte do loteamento original para um distrito industrial?

É, esse eu não tenho conhecimento, eu sei que depois foi falado que devia ter aqui em Criciúma um distrito industrial, eu não tenho conhecimento deste que foi colocado lá na quarta linha, que foi no tempo do Manique que ele desapropriou, ou senão destinou àquela área como área industrial, esse do Rio Maina, eu não tenho conhecimento.

13. Após anos de concepção do projeto, implantação e ocupação, quais as características marcantes do projeto inicial que ainda estão presentes no local?

Isso eu não tenho idéia.

14. Analisando hoje o projeto, e com o modelo de sociedade atualmente existente, será que um projeto com uma característica urbana claramente modernista, onde as funções estão bem estabelecidas, ou seja, habitar, trabalhar, recrear-se e circular, poderia ser implantado por uma classe social de menos recursos financeiros?

Essa parte aí, ela não foi destinada para os mineiros é claro que com a evolução do tempo, aí foi dado um outro destino que não foi seja comercial e também industrial, mercados tudo isso dentro daquela área modificou muito o conceito que tinha, original do projeto.

15. O Sr. acredita que um loteamento onde privilegie as áreas verdes, públicas. Ele poderia ser implantado para uma classe social de baixo poder aquisitivo?

Eu acho que sim, desde que preserve o que o projeto e aquela parte ambiental seja ela praticamente, seja observada e seja conservada como um projeto original, seja fiscalizada e conservada.

16. O que o Sr. pensa da infra-estrutura urbana de Criciúma nos dias atuais? E por que os recursos utilizados para a urbanização e desenho urbano são geralmente destinados para a área central de Criciúma?

Eu acho que Criciúma toda ela precisa ter um planejamento geral. Desde o centro até os bairros e que dentro desse plano, seja então feito, ele então obedecido esse planejamento que o centro de Criciúma se você observar, não tem um planejamento geral, então cada prefeito que entra acha que aquela área ali é que deve ser feita e abandonam outra que está lá nos bairros, mas deve ter um planejamento geral para tocar para que o conjunto no fim feche.

17. O que o Sr. pensa a respeito dos bolsões de pobreza existentes em Criciúma? Como resolver esta problemática?

Esses bolsões, esses geralmente são trazidos até de fora. É que o pessoal vem atrás de emprego e acha que aqui em Criciúma é o lugar onde eles poderiam achar emprego. Então vem sem condições financeiras nenhuma, então eles se localizam em qualquer lugar aí e aí formam esses bolsões de pobreza, geralmente são pobres mesmos, que não tem condições nenhuma de moradia, então trás um problema grande para a prefeitura, e para isso então à prefeitura deve cuidar se tem e se está aí, então o que a prefeitura tem de fazer? Ela tem, para mim tem que fazer uns loteamentos e transferir este pessoal para uma casa digna para eles morarem, porque onde eles moram, não é casa para moradia, não é, então fica sub-

humano, aquilo ali até deprime uma pessoa que chega até esses locais para ver esse pessoal, geralmente não tem água ou se tem água, a própria casa não oferece conforto nenhum, então isso a prefeitura ela tem que tomar conta disso, e não deixar sempre aparecer, então isso que a prefeitura deve fazer criar uma estrutura aí para fazer com que estas casas sejam mudadas para um local onde seja digno de uma pessoa humana habitar.

Apêndice 5

Transcrição das Entrevistas semi-estruturadas 05, 06, 07 e 08 - Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros, realizadas com quatro dos primeiros moradores do Bairro Cidade Mineira Velha.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)**

Entrevistas V, VI, VII, VIII

Histórico da Evolução Urbana do Loteamento Cidade dos Mineiros

Entrevista com 04 Moradores do Bairro Cidade Mineira Velha

CRICIÚMA, 2004

Criciúma

2ª, 3ª, 4ª, 5ª Entrevista

Data: 30 /07 /2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistados: Dona Lourdes, Dona Nilza, O Seu Barbeiro e o Seu Caboclo

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: suas residências

Bairro: Bairro Cidade Mineira Velha

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Giuliano Elias Colossi e Antonio Miguel Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Dona Lourdes, Dona Nilza, O Seu Barbeiro e o Seu Caboclo

DONA LOURDES**1) Quanto tempo que o Sr(a) mora no Bairro Cidade Mineira Velha?**

Quarenta e um anos.

2) Como foi a mudança e de onde o Sr.(a) veio?

Eu vim do Bairro Metropol. Um bairro aqui próximo, e a mudança é que, quando nós chegamos aqui nós não tínhamos energia, nós não tínhamos água, isso aqui era tudo mato ao redor, nós ficamos no meio e ao redor de nós era tudo mato. E hoje nós temos energia, nós temos água, então muitas coisas mudaram.

3) Por que a família saiu do Bairro Metropol?

Nós saímos do Bairro Metropol, porque foi muito comentado aqui o bairro Cidade dos Mineiros, então meu pai era mineiro lá, então viemos para a vila nova que ia ser dos mineiros, então ele era mineiro aposentado e ele veio para cá. E também a casa lá onde nós morávamos lá era alugada e a minha mãe fez negócio aqui, ela tirou uma lambreta na época na rifa e ela fez negócio aqui e comprou o direito da casa aqui. Foi o direito que ela comprou, depois ela ficou pagando porque na época pagava pelo IAPETEC.

4) Havia o conhecimento de como eram as casas antes de serem estas ocupadas?

A minha mãe teve aqui olhando, antes, teve olhando e aonde ela comprou o tal direito que eu falei, então ela já conhecia, ela disse: “ Olha nós vamos morar numa casa mais bonita, numa casa melhor”, que tinha 03 quartos, sala, cozinha e um banheiro, era o que tinha na casa.

5) Tinha Quintal ?

Tinha. Tinha quintal, depois a gente plantou laranja, pêra, essas coisas, né! Então nós fizemos uma chácara ali.

6) Vocês tinham ligações com os vizinhos ou existiam áreas verdes próximas daqui?

Sim. Isso aqui era tudo área verde ao redor do bairro Cidade Mineira, tudo era área verde, hoje são invadidas já.

7) As casas foram entregues acabadas? Como era a infra-estrutura do loteamento?

Sim, estava terminada, só porque os moradores mais na frente foram aumentando. Fizeram a cozinha maior, porque a cozinha era muito pequena, da cozinha e sala, ficou só sala.

8) E o material que era usado na construção, era um material bom?

Sim, hoje nem existe aqueles tijolos enormes, precisa ver, né. Tijolo bem grandão. A estrutura da casa aqui era de um material bem bom.

9) Qual era o aspecto ambiental da região de entorno do loteamento?

Sim, do lado de baixo aqui, eles faziam depósito de carvão, então tinha aqui nos dois lados da Cidade Mineira, tinha pirita.

10) Existiam áreas verdes, como praças e locais de uso público para o acesso dos moradores?

Era mata que nós na época tínhamos fogão à lenha e nós íamos na mata, onde hoje é a Cidade Mineira Nova, nós tirávamos os tocos de madeira para nós queimarmos. Nós todos vizinhos aqui na Mineira Velha, nós usávamos os tocos nos fogões à lenha.

11) Existiam Praças no loteamento ou não, ou eram só as casas e as ruas. As ruas eram calçadas ou era tudo chão batido?

Tudo chão batido, nada de calçamento. Não existia praças, não existia.... só mesmo as casas construídas.

12) Qual era a relação dos mineradores com os moradores da Cidade Mineira Velha?

Não eles Aqui meu pai e minha mãe na época ganhava pouco. E a minha mãe saía daqui e ia trabalhar em outro bairro, fazer Ela era encrespadeira de cabelo, trabalhava com isso, então ela ia buscar trabalho em outro bairro para nós podermos sobreviver, então nós não tínhamos ajuda de ninguém. O pessoal saía daqui para ir em outro lugar, na época não tinha ônibus, não tinha nada , nós íamos daqui até a Boa Vista para pegar o ônibus ou daqui até a Santa Augusta a pé.

13) Isso nos anos 1960? Até os anos 1970?

É exatamente, o primeiro ônibus que teve aqui foi em 1971, e era ônibus de hora em hora.

14) A Prefeitura implantou escolas, creches ou outros equipamentos públicos nas proximidades ou no bairro?

Sim, nós temos a escola aqui, temos creche e temos o posto de saúde, pela prefeitura.

15) Depois que os moradores se estabeleceram?

Bem depois, a escola aqui é nova.

16) Os moradores em sua maioria exerciam quais atividades?

Eram só mineiros, tiveram alguns que eram aposentados e outros trabalhavam na mina.

17) A Sra. lembra se os antigos moradores ainda moram aqui ou eles venderam para ir morar em outro lugar?

Não continuaram aqui, tem muitos aqui que já morreram mas a família ainda mora aqui, muitos mesmo.

18) Quando houve as primeiras invasões e porquê?

A invasão foi da necessidade de cada um. Então eles invadiram né! Nós viemos para cá em 1963, foi invadido em 1962, porque dali 8 meses, 6 meses nós viemos depois da invasão.

19) Mas as casas estavam prontas? Fechadas, e o pessoal veio e invadiu porque? Não houve o controle da própria Prefeitura em distribuir as casas para as pessoas, ou atrasou. Por que as pessoas invadiram?

As pessoas invadiram devido o tempo que estava demorando para fazer a entrega para conversar com eles, as pessoas necessitavam e invadiram.

20) Quanto ao terreno, se a pessoa, tinha mais necessidade de, aquele terreno que era vendido ele era coerente com a família. Dava para a família morar no terreno ou a pessoa tinha que ocupar um espaço maior?

O terreno dava, tinha 30x13m.

21) E atrás desse terreno tinha sempre uma ruazinha?

Sim.

22) E foram invadidas?

Tem outra rua que fica ..., no caso ficam duas frentes, cada casa tinha duas frentes, uma nos fundos e outra na frente.

23) A Sra. tem isso na sua casa?

Tenho, eu tenho duas frentes.

24) Que dá para outra rua?

Para outra rua.

25) Era uma rua de pedestres?

É, até depois de 5 ou 6 anos invadido, quem não acertou com o IAPETEC foram despejados, eu tenho um vizinho aqui do lado, que foi despejado, e teve uma outra senhora, que deu uma polêmica, precisa ver, que ela com 8 filhos, a polícia veio e jogou a mudança dela na rua, ela sentada em cima da cama com os 8 filhos, na rua ficou. Foi o dia inteiro.

26) Quem não acertou, a Prefeitura já era dona, dos mineradores, tinha passado para a Prefeitura, ou sempre foi do Governo do Estado, através do IAPETEC?

Sempre foi do governo e sempre foi acertado, depois como nós fizemos o carnê, pagamos, foi tudo acertado pelo governo.

27) Os mineradores elaboraram o projeto e acabou a participação deles na busca desse tipo de recurso, depois não houve mais auxílio?

Não auxiliaram em nada, simplesmente fizeram, deixaram e pronto.

28) Como o Sr.(a) vê o Bairro atualmente, quanto a infra-estrutura urbana?

O bairro é ótimo. Muito bom. A Cidade Mineira é um bairro bom de se mora, não sei se é porque eu já estou aqui a uns 41 anos, e os vizinhos são todos velhos né! Então eu gosto muito do Bairro. Todo mundo respeita todo mundo, aqui é muito bom.

29) Quanto a infra-estrutura? Vocês são bem servidos?

Somos, graças a Deus. Hoje, sim.

30) Água, energia e transporte, tudo isso está acessível?

Aqui para nós está tudo ótimo. Nós ainda temos um gás ali de mineiro (lâmparina) que nós usamos a muito tempo. Porque nós não tínhamos energia elétrica, então nós usávamos o gás de mina.

31) Como assim? Era aquele liquinho?

Na época nós não tínhamos energia e meu pai usava aquele gás de mina para iluminar, nós usávamos a muitos anos atrás, hoje nós temos guardado para recordação.

32) O que mais deixou marcas que a Sra. pode lembrar com saudades?

Marcante era na época da televisão, que ninguém tinha televisão, e o vizinho aqui do lado comprou uma, então todos os moradores aqui da Mineira, todos os 100 moradores das 100 casas vinham e ficavam na frente da casa dele para assistir televisão e isso quando veio a energia, então isso foi muito marcante pois nós ficávamos na frente da casa até tarde, na rua para assistir televisão no vizinho.

33) A Sra. lembra o ano?

Foi três anos depois que veio a energia elétrica. Nós estudávamos na União. O primeiro colégio nosso foi na União, o Jardim União e eu vim para cá com 10 anos, então nós estudávamos no Jardim União e nós passávamos pela Mineira Nova, era tudo mato, e depois eles construíram a Mineira Nova.

34) A Sra. tem alguma saudade da época, alguma coisa que deixou marcante, como era, o que hoje é diferente? A relação com os vizinhos ainda é a mesma ou muita coisa mudou?

Não, o que deixa saudade para a gente é os que já foram, os vizinhos que já foram, que já morreram, isto a gente criou-se aqui, então deixa muita saudade, lógico né! Eu sou de família russa, minha avó veio da Rússia e ela veio de navio, na época da Guerra, ela veio de navio até Imbituba, e chegou em Imbituba, ela saltou em Imbituba e veio a pé, de

Imbituba até Gravatal, ela veio grávida de lá e o marido dela ficou na Guerra. Veio ela e a irmã dela, só as duas aqui no Brasil. Chegando aqui ela casou com um Sr. de Armazém. Ela teve um filho da Rússia. O marido dela da Rússia morreu.

35) Existia alguma movimentação política na época do Golpe de 1964 aqui entre os mineiros?

O exército prendeu dois aqui, o Sr. Osvaldo Alves e Manuel Garcia, foram presos na época como comunistas. O exército invadiu aqui e eles tentaram, até o meu pai na época se escondeu, também no mato, o vizinho aqui do lado, se escondeu no mato, mais eles ainda conseguiram prender os dois.

36) A Sra. sabe se eles foram presos por serem “comunistas” ou havia algum movimento dentro da mina?

Não é porque eles diziam: “ ah! O pessoal que invadiu lá são comunistas” Então eles citavam assim: “ o Barbela, que é o seu Osvaldo Alves, o Barbela é comunista, Manoel Garcia é comunista, então o exército invadiu aqui e veio a procura deles, então achou dois e os dois foram presos e logo em seguida liberados.

37) Mas a justificativa do exército, na verdade eles achavam que eram comunistas? Eles participavam de algum sindicato?

Não participavam de nada não, eles achavam que eram, todo mundo dizia que a mineira tem comunista e achavam que eram comunistas.

DONA NILZA**1. Como era a situação do Bairro Cidade Mineira Velha quando a Sra. veio morar aqui?**

Era feia, as cercas aqui eram de estaquinha de eucalipto, não tinha energia, nada. Era feio morar aqui, era uma ladroagem, postes no meio da rua, e bem no meio mesmo. Na época que nós viemos para cá, não tinha energia, mas tinha os postes sem energia.

2. E vocês adquiriram, compraram o terreno?

Sim, tinha morador dentro, daí nós viemos e compramos o direito da casa.

3. Por que o seu marido era mineiro?

Ele trabalhava na mina, mas não até lá embaixo.

4. Era muito cara a casa na época, como é que era o processo de compra?

Não, o pai pagou 3.000 mil, era o “direito”.

5. A casa era boa, confortável para a família?

Era. A minha casa, se vc quiser olhar.... só a gente pintou aqui por dentro mas por fora tá do mesmo jeito, porque o dinheiro é pouco.

6. O Lote era adequado para morar com a família?

Era 30x13m. que eu moro, 13 de frente.

7. No fundo existia uma passagem de pedestres?

Tem.

8. Ainda tem?

Até eu fiz a minha casa nos fundos. (a filha respondeu)

9. Houve ajuda dos Mineradores ou da Prefeitura?

A prefeitura não ajudou na época, era do IAPETEC, nós pagávamos uma mixaria , era o equivalente a uns 2 ou 3 reais por mês até que no fim eles encaminharam a

10. Como era a infra-estrutura do local?

A rua não era calçada, não existia energia elétrica, água tinha, não tinha encanamento, nós íamos buscar água numa gruta onde hoje fica a Vila Manaus. Até a gente ia lá lavar a roupa.

11. Quantas casas existiam no local?

100 casas, aqui falavam em 99.

12. Quem construiu a Cidade Mineira Nova?

A mineira nova foi a COHAB.

Após pedi para ver o terreno e na saída da porta da cozinha, vi o tanque de roupa de concreto bem grande com cerâmica até metade da parede.

Observando o terreno perguntei:

13. O seu terreno vai até a outra rua?

Sim, aí depois a minha filha construiu do outro lado, para a outra rua. Nós pagamos tudo separado, a água e o imposto é junto. Mas é um lote bom, um lote grande. Se a gente tivesse dinheiro o que pudesse fazer uma reforma.

14. A Senhora gosta de morar aqui?

Gosto.

15. É calmo aqui?

Não, tem muito banditismo também, ladroagens.

16. E no passado era melhor de se morar aqui? Como é que era?

Não era muito difícil.

17. Por que?

Porque meu marido viajava para cá e para lá, de noite então, eu me trancava no quarto com as crianças, era gente muito andarilha.

18. Vocês não tinham muro? Era tudo aberto?

Era tudo aberto, agora não, agente se sente melhor né, mais segura.

19. O pessoal da redondeza, eles foram ampliando as casas para trás?

Sim, até aqui morava o Alvanir, não sei o sobrenome dele, e nunca foram bem, foram vendendo, foram...

20. Muitos vizinhos daqui saíram ou ainda continuam morando aqui?

Antigamente era Milton, Dona Francisca, não sei se vocês conheceram. Custódio, o Lício....

21. A rua de trás da sua casa já tinha sido aberta, quem pavimentou?

Só foi feito o calçamento.

22. Existiam árvores ou não?

O pessoal que ia chegando ia plantando.

23. A Sra. sabe se foi implantado tudo conforme o projeto original?

Não. Aqui era tudo esburacado, era... agora ta bonito a vista daqui.

Voltando para dentro da casa, fiz algumas perguntas a respeito da edificação:

24. Como está a situação do telhado?

A madeira em cima nunca foi trocada, só a telha mesmo. Não tem nenhum cupim, dentro da madeira, com mais de 40 anos. Quem ampliou as casas, na parte nova está cheio de cupim. O ripamento é o mesmo. Nós moramos aqui a quase 46 anos. Agora em dezembro faz 44 anos que elas foram invadidas.

25. Foram invadidas, por quê? Como a Dona XX estava me colocando que o IAPETEC demorou para entregar, então o pessoal invadiu?

Eles entregaram a chave para alguns e teve pessoas que daí espalharam para todos. Nós já compramos o direito.

26. O pessoal que invadiu eles eram mineiros, ou vieram de fora, estava demorando?

Não. Eu acho que era tudo daqui, pois o Seu Osvaldo, o Caboclo ali da esquina invadiu, é invasor e a Dona Tina, é invasora. Agora a mulher do 31, eu não sei, mas os moradores antigos são tudo velhos.

Agora as mulheres tão quase todas viúvas, o lugar que tem mais viúvas é na Mineira, o dia de missa, os bancos são cheios de viúvas, porque os homens....

27. Por que os homens trabalhavam na mina e tinham algum problema de saúde, não foi?

Sim, geralmente nós, a nossa família. Fizeram uma pesquisa com o Dr. Albino, ele disse que nós moradores daqui de Criciúma, temos um pulmão muito fraco. A minha família morre tudo de câncer de pulmão, porque eram mineiros, né!

28. É isso é um dado interessante.

Os irmãos do meu pai, o sobrinho dele, morreram tudo, igual ao Ângelo, Tio Iso, pai, tudo de câncer no pulmão, eles trabalhavam tudo na mina, tudo mineiro, né, então o irmão dela com 33 anos, faleceu de câncer, eu tenho um parente, um primo, a família do Heitor, todos eles são tuberculosos, por causa do pulmão, do pó da mina, eles moravam do lado da pirita mesmo, no Metropol.

29. E essa região aqui, tinha depósitos próximos de pirita?

Sim, aqui perto do Meller e do Imperatriz e aqui no São Sebastião. De madrugada vinha aquele cheiro ruim de pirita, era bem ruim aquele cheiro, que não dava nem para suportar.

30. Como é a situação hoje?

Hoje tá bom, só que é muito parado aqui na Mineira, ficou parada, os moradores daqui são todos aposentados então se eles precisarem de médicos eles não vão ficar brigando pelo médico, eles vão lá e pagam uma consulta, se eles precisarem de alguma coisa eles vão lá e pagam, eles não vão ficar brigando.

Então a Mineira ela não evoluiu isso aí, ela ficou parada. Santa Luzia, que é bem nova, olha o movimento, olha as lojas, que tem farmácia, tem muitas coisas, o comércio na Santa Luzia e nós aqui não temos. Nós ficamos parados, então é por esse motivo, eu sempre digo que é por isso.

31. O Posto de Saúde é do Bairro?

É do Bairro mesmo, tem posto, escola, tudo aí, é pouco é pequeno, né! Nós aqui deveríamos ter mais escola, só tem até a 4ª Série, eu acho muito pouco, e a Mineira vai ficar sempre nessa e pronto.

32. O comércio aqui como é?

O Comércio aqui no bairro é muito fraco. Então o bairro Mineira Nova evoluiu mais do que o Bairro Mineira Velha.

33. Vocês usam o sistema de ônibus ou não?E é bom?

O ônibus aqui é bom, tem bastante horário, o horário mais ruim é daqui até no Rio Maina.

O SEU BARBEIRO

1. Quanto tempo o Sr. Mora aqui no Bairro?

Há 46 anos que eu moro aqui no Bairro Cidade Mineira Velha.

2. Por que o Sr. veio morar aqui?

Eu vim morar aqui porque nós morávamos no Bairro Metropol e aí ali no Metropol nós viemos para cá, meu pai veio trabalhar aqui com o clube, salão de baile, na época, era o salão de baile, hoje é um clube.

3. Qual clube?

Salão faixa azul da Cidade Mineira Velha.

4. E ainda tem?

Não, hoje é a depois foi uma Depois disso foi uma igreja, depois passou a ser uma igreja, da prefeitura e depois uma escolinha do colégio Duar.

5. E ainda existe este prédio?

Não o prédio hoje não existe mais, que era uma casa de madeira, então se desfez, hoje é uma firma, MDA, e a gente teve muito tempo morando aqui, tocando este clube e aí aprendi à barbeiro com 15 anos e to hoje aqui a 42 anos tocando a barbearia.

6. O Sr. mora aqui do lado?

Moro no bairro Cidade Mineira, aqui, mas eu moro nesta avenida aqui que segue para o Santa Augusta, aqui perto, é Bairro Cidade Mineira mesmo.

7. Como é que se deu a invasão no Bairro?

A situação dos invasores aqui foi a seguinte ... fazia 7 dias que eles tinham invadido a Cidade Mineira Velha.

8. Eles quem?

O pessoal que já estava aqui, pessoal da redondeza, fazia 7 dias que tinham invadido ...

9. Por que?

Eu não sei o porquê, invadiram aqui, que disseram que, necessidade, acharam que era do INSS na época IAPETEC, aí invadiram as casas aqui e aí com 7 dias, que estavam os moradores aqui, aí meu pai comprou o direito de uma casa para vir morar aqui, aí meu pai comprou, ele trocou por uma máquina de costura daquelas bem antigas, Crosley, máquina de costura Crosley, então aí...

10. É essa casa aqui do lado?

Não, a casa antiga é na outra rua.

11. O Sr. mora ainda lá?

Não, aí comprei um terreno aqui e fiz uma casa para mim, aqui.

12. O Sr. já adulto?

Já adulto, já barbeiro, já era barbeiro na época, na época eu coloquei uma barbearia nos fundos do terreno desta casa que foi comprada o direito ali, do falecido meu pai, aí trabalhei ali...

13. O seu pai trabalhava na Mina? Como Mineiro?

Não meu pai trabalhava na prefeitura na época.

14. Prefeitura?

Prefeitura é. E aí no decorrer do tempo, daí eles ameaçaram, porque daí ele comprou um terreno e deixou de pagar a casa para o IAPETEC, aí ameaçaram despejo, daí antes que ele fosse despejado, aí ele pegou, construiu a casa rapidinho e foi para a casa dele e a outra, abandonou a outra. Aí outro invadiu novamente, aí invadiram novamente.

15. Este bairro foi projetado pelos Mineradores, vocês tinham conhecimento de como é que seria o bairro? Ou o que tinha nas casas? Ou ninguém tinha conhecimento de nada?

Eu, naquela época eu era de menor, eu era novo, eu ... isso aí eu não sei explicar, não, não sei explicar.

16. E o pessoal das mineradoras vinha aqui perguntar como vocês estavam morando, se estava tudo bem, ou não houve da parte deles, nenhum interesse?

Não, que eu saiba não houve interesse nenhum. Que eu saiba não.

SEU CABOCLO

1. O Sr. trabalhava com o que? Era mineiro?

Na mina.

2. Essa casa o Sr. comprou na época?

A casa a princípio foi invadida.

3. Por que foi invadida?

Ela foi invadida porque o povo queria casa né, e aqui tinha um bom da boca...

4. Quem era o bom da boca? Pode falar?

Faraco.

5. Faraco?

É.

6. Pode falar não tem problema!

Ele era político, então ele disse que essas casas eram só para mineiro morar.

7. O Prefeito Addo Caldas Faraco?

É o Addo Caldas Faraco. Quando ele ta oferecido ele não era prefeito ainda, tava querendo ser, mas depois ele não arrenda, quando ele disse isso que era para o mineiro ele começou a fazer a inscrição, sem que ninguém saiba, mas o operário começou a fazer inscrição daí, no fim tinha 100 casas e duas mil e poucas inscrições.

8. Ah! É? Por que ele pegou só os mineiros? Não? Ou ele pegou gente de fora?

Não o dinheiro era para o projeto dele, era só nome, era como se fosse uma rifa, né, e depois então tinha duas mil e poucas casas e aquela mixaria de ...

9. Porque na verdade é ... o que foi executado só foi a Cidade Mineira Velha? Na época do prefeito Addo Faraco.

Só, Só isso aqui.

10. E o projeto era grande, era maior? Do Loteamento era bem maior?

Não. O lugar do loteamento era bem maior, inclusive na mesma data que esse aqui foi comprada pelo Estado foi comprada a outra .

11. A Cidade Mineira Nova?

É. A Cidade Mineira Nova. E começaram aqui com 600 casas.

12. 600 casas?

É.

13. Tinha algum incentivo por parte do mineradores para vir morar aqui ou fizeram as casas e só aquilo, só as casas foram feitas?

Isso é sempre que um que arranca um do fundo do baú.

14. O minerador fez o loteamento....?

Não foi o minerador....

15. Foi o IAPETEC, o Estado?

É o IAPETEC.

16. E o minerador não se envolveu, mais com nada?

A terra era deles.

17. O Sr. mora aqui desde aquela época nessa mesma casa, o Sr. fez alguma reforma nesta casa, não?

Não.

18. Ficou originalmente como ela era desde então?

Desde o início.

(O Sr. falou um pouco do início da ocupação....)

Eles fizeram as casas no sentido de casa operária e largaram aí. Aí, começou a garrar mato e nessa época a política veio então, por exemplo lá tem o mesmo Addo Faraco, ele dizia que não, mas jogava carta por baixo da mesa, na direção do sindicato essas coisas, aquele que mais se dava mais conosco aqui, diziam para invadir e então nós invadimos. E depois, aí a briga pegou foi nas inscrições, porque era terreno para 1600 casas, mas foi só 100 e o resto foi ver quem pôde mais quem pôde mais, ou quem tinha coragem né, essas coisas todas, né.

19. Então, não teve um controle, digamos assim da prefeitura em ajudar o pessoal para garantir o lote, não teve?

Não teve. O lote nós garantimos dali a 6, 7 anos que já foi feito aqui de 1957, né e invadido em 1961 e a casa foi essa, depois então, depois de invadida os mineradores queriam estas sobras de terra, eles queriam tudo, venderam e aqui não tinha casa, eles

queriam. Então travou aquela briga. Um quer a madeira para fazer a cerca, outros diziam que é nossa, mas o nosso povo, na verdade, sempre teve, a gente tem aquele que assopra, vocês não sei se é assim e assim veio até agora e para encerrar eu pensei que eles iam matar nós tudo.

20. Por que?

Eles deram..., o minerador quando não..., o minerador ou padre esses bichos assim , essa gente assim, quando viu que não podia mais com nós, que o povo tava afim de ficar com a casa mesmo, eles por exemplo, deram parte.

21. Deram parte na justiça?

Exato, que aqui era uma turma de ladrão, a madeira que eles botam aqui eles roubam tudo e aí começou aquilo, mas nós não “arriemos” a bronca, ficou tudo a mesma coisa. Aí, então quando eles viram que não dava, aí sim, eles botaram o exército, eu nunca vi tanta polícia. Para nós desocupar a casa, ou comprar, então o povo daqui tava dizendo o seguinte: “comprar nós compramos, mas a prazo”, e ali foi

22. E aí que entrou o IAPETEC?

E aí o exército fez um acordo e porque o exército queria tirar, mas eles viram que não dava, entrou em acordo para botar o IAPETEC no devido lugar.

23. Para vocês pagarem para este Instituto?

É assim aí, nós começamos já. Começaram a pagar um pouquinho por mês, é, vou falar uma coisa, hein, eu até hoje me lembro 8 milhões de réis.

24. 8 Mil?

Não, 8 mil réis, né. Pagava 8 mil réis por mês.

25. Por mês. E o Senhor ganhava quanto?

Ah! Eu ganhava 80 e poucos...

26. Então era uma ... dava para pagar?

Mais do que isso, não dava.

27. Não dava?

Não ... Aqueles que eram melhorzinho, compraram para 20 anos, aqueles que o salário era menos compraram para 25, uns compraram para 15 e com o tempo dali a 2, 3 anos correu bem a vida quiseram dar tudo e compraram com o resto do dinheiro.

28. Muitos do que invadiram, ainda continuam morando ou a família se foi? Muitos invadiram para adquirir o terreno e depois negociar?

Isso sempre existe. Muita gente faz isso. Aqui estas terras vazias ali, foi invadida, todo mundo invadiu, fosse botar fiscalização em cima, a metade daqueles nem tinham casa.

29. O Sr. tem alguma saudade da época que o Sr. veio morar aqui? Que hoje é diferente? Alguma lembrança boa?

Lembrança que eu tenho, de certo uma saudade é do tempo que já foi né. Daqueles que foram né. Dos amigos né. O meu tempo mesmo, eu tinha saudade, eu era jovem, a força, podia trabalhar.

30. Era bom morar aqui? É bom morar aqui?

Apesar de que essa turma de fora fazia a novela, mas aliás, aqui todo mundo se respeita, todo mundo, um respeita o outro, é um lugar bom de morar aqui, todo mundo respeita aqui. Só porque eles odiavam muito nós, nós tínhamos lá por exemplo, um bando, um bandinho, uma organização, né. dentro da mina, aqui em cima, para defender a casa, porque se por acaso, a polícia vinha prender alguém naquela casa, se o caso era branco, eles se metiam tudo. Não vai ninguém. Ou vai tudo, porque eles faziam assim mesmo para o povo correr, mas também fora, estamos aqui né. Já tem gente dizendo que: “Não, aquilo ali nunca mais tiram vocês daí. Eles pensam assim. E assim vai...”

31. Na época da Cidade Mineira Nova, foi a Prefeitura que já executou, né? Ali a Cidade Mineira Nova, foi a COHAB?

Lá foi a COHAB, aqui foi o IAPETEC.

32. E ali na Vila Manaus, houve invasão que é um pedaço do Loteamento original?

Lá foi construído pelo povo e lá foi invasão da terra, só da terra, e cada um construiu sua casa, a casa cada um fizeram umas 100 fizeram, as casas. Agora o Promorar II aqui esse, já foi invadido, o pessoal mesmo, teve gente aqui da mineira que invadiu, para depois vender o direito.

33. A sua casa aqui, ela mantém a cor original da época?

Não.

34. O Sr. tem quantos filhos?

Vim para cá com 03 filhos.

35. E moraram quantos aqui na sua casa?

Foram mais de 14 filhos.

36. Tudo na mesma casa?

É, dos 14 morreram 4. Dois pequenos e dois jovens.

37. O Sr. tem o aposento da Mina?

Aposento é apelido, né. R\$ 270,00.

38. Quantos anos o Sr. trabalhou na Mina?

Eu trabalhei por 9 anos.

39. Só 9 anos?

Se aposentou por invalidez, a filha respondeu.

40. Mas deu algum problema de saúde na Mina?

Coluna.

41. Na coluna. O Sr. trabalhava direto na mina, lá embaixo?

Direto, no chão.

42. Como mineiro mesmo?

Direto mesmo. E agora 5 anos atrás tive que operar a coluna, nunca mais pude trabalhar, trabalhava leve, mas o pesado mesmo eu nunca mais...

43. Posso perguntar a idade do Sr.?

Tenho 77 anos.

Apêndice 6

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 09 – História de Vida I – Dona Nilza.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)

Entrevista 9
História de Vida I - Nilza

CRICIÚMA, 2004

Criciúma

9ª Entrevista

Data: 21 /10 /2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Nilza Pitch Napoli

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: sua residência

Bairro: Cidade Mineira Velha

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Giuliano Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Nilza Pitch Napoli e Giuliano Elias Colossi

Nome completo: Nilza Pitch Napoli;

Local de nascimento: Meleiro;

Idade: 75 anos;

Estado Civil: Viúva;

Profissão: Do lar, mas já trabalhou como servente, 06 anos e pouco na Escola do São Francisco e na APAE;

Bairro onde reside: Cidade Mineira Velha

Quanto tempo que a Sra. Mora no Bairro: 42 anos;

Outros locais que morou: Meleiro, Nova Vicenza, Timbé do Sul, Metropol (Criciúma).

Família: 10 irmãos, 5 homens e 5 mulheres, ainda 4 estão vivos os outros já faleceram.

Proveniente: Meleiro/SC

Criciúma, 21 de Outubro de 2004 – 14:00h

Entrevista

Pesquisador: Dona Nilza, eu gostaria que a senhora me contasse as lembranças de sua infância, da sua adolescência, da vida na casa dos seus pais, de como a sra. veio morar aqui no Bairro Cidade Mineira. As lembranças do seu marido, dos irmãos de toda a sua família, o que a sra. lembrar.

Dona Nilza: Eu nasci em Meleiro e meu esposo também, depois nós viemos embora para Nova Vicenza e ele foi para Timbé do Sul, daí ele veio embora para Criciúma e nós ficamos em Timbé do Sul.

P: Como é que era a vida na sua cidade?

DN: Eu saí criança de lá com seis aninhos.

P: E de lá vocês foram para Timbé do Sul?

DN: Não, Nova Vicenza.

P: Onde fica Nova Vicenza?

DN: Fica antes de Timbé do Sul, 34 km antes de Timbé do Sul.

P: Como é que era a vida na casa da senhora?

DN: Papai era Seleiro, trabalhava com selaria, um negócio para animal, né. Vendia pra todos, vendia pra Serra e nós éramos em 10 filhos.

P: E a sua mãe como é que era ela?

DN: Minha mãe era de origem alemã, era “Nigel” e meu pai era “Pitch”. E depois se casaram os dois, né, onde vieram os 10 filhos (risos).

P: A Sra. lembra de algum fato importante na sua infância, mesmo nesta nova casa?

DN: Eu não lembro, eu lembro muito da gente brincando em crianças, né. Era muito bom na infância.

P: A Sra. não precisou trabalhar na sua infância?

DN: Não, não o papai e a mamãe sempre deram o estudinho pouco mais deram, né.

P: A Sra. estudou até que série?

DN: A 4ª série do primário.

P: E depois a Sra. conheceu o seu esposo?

DN: É, até nós temos diferença só de nove meses de idade. Ele era nove meses mais velho do que eu. Nós nascemos lá juntos e se criamos juntos até certa idade, né, daí eu fui para Nova Vicenza e ele foi para Timbé do Sul, depois nós de Nova Vicenza fomos para Timbé do Sul.

P: Lá a Sra. já conhecia ele, então?

DN: Já, era criança, né. Mais ele veio embora aqui para a Metropolitana.

P: Veio trabalhar na Metropolitana?

DN: Ele era, como é ... encarregado. Ele media os terrenos na mina.

P: Dona Nilza, eu gostaria de fazer mais algumas perguntas para a senhora.

P: A Sra. lembra dos seus avós?

DN: Lembro.

P: Como era a vida na sua casa, havia um bom relacionamento?

DN: Sim, o meu avô mesmo da parte da minha mãe, era alemão da Alemanha, aquele eu não conheci. E a vovó sim. Catarina o nome dela, ela até ensinou alemão assim para a gente. Hoje em dia a gente já esqueceu, né.

P: O que a Sra. acha que aconteceu de mais importante na sua infância e na sua adolescência?

(Ela pensou muito e respondeu)

DN: Agora o que é que eu vou dizer, né. Não tem, não tem.

P: A Sra. foi uma das primeiras moradoras aqui do Bairro Cidade Mineira Velha?

DN: Já tinha morador, nós compramos o direito de morar (anteriormente eram invasores). As casinhas eram nuas, né. As cercas eram de eucalipto, aqueles eucaliptos fininhos, um lá em cima outro aqui embaixo, era feio da gente ver. Não tinha energia, não tinha água. Era lugar bem baixo, bem alto, depois a gente foi arrumando, né.

P: Quantos filhos a Sra. teve aqui?

DN: Eu tive só duas filhas, eu ganhei quando eu morava no metropol.

P: Como era a casa de vocês no Metropol?

DN: Primeiro eu morei com a minha sogra, ela tinha pensão, era Ângela Mazucco Napoli e depois nós pegamos uma casinha assim de mineração, né. E daí nós viemos para o Rio Maina e do Rio Maina nós viemos para cá.

P: O seu marido trabalhou sempre na mineração?

DN: Ele trabalhava de motorista, puxando o carvão, depois ele ficou doente e no fim fizeram um negócio de recurso, porque ele tinha pouco tempo de serviço e ele veio a se aposentar.

P: A Sra. trabalhou como servente nas duas escolas, como a Sra. conseguiu os serviços?

DN: O meu emprego foi por meio do Zé Augusto, depois tinham os amigos deles que eu nem sei mais quem eram.

P: O seu marido ainda era vivo quando a Sra. foi trabalhar?

DN: Sim, até teve um tempo que ele não pode mais trabalhar. Ele sofria de falta de ar, tinha o coração para o lado direito. E depois ele aposentou-se e comprou uma caminhoneta velha, ele fazia viagem para cá e para lá, onde a gente sobrevivia, né.

P: O que a Sra. gosta mais aqui na sua casa?

DN: Eu gosto, da minha casinha como ela é, eu gostaria de arrumar, um pouquinho mais infelizmente não dá.

P: O que a Sra. acha do bairro?

DN: Nosso bairro é um bairrozinho bom.

P: O que é para a Sra. o Loteamento Cidade dos Mineiros?

DN: Pois agora, o que é que eu vou dizer, né. É porque sempre teve mineiros, né. Por aí.

P: O que é para a Sra. o seu bairro? Uma qualidade, uma definição?

DN: Muito bom como vizinhos, essas coisas a gente vive muito em paz.

(Pedi para a Sra. fazer um desenho do bairro)

Ela negou e disse que não saberia fazer. Não sabia desenhar.

(Pedi para ela fazer o desenho da casa)

Ela não quis fazer, disse que não sabia.

P: A Sra. sabe onde ficam os locais de encontro aqui no Bairro? Que a Sra. frequenta?

DN: Muito na Igreja, ali a gente vai nas reuniões, a gente é convidada a gente vai. Na igreja eu vou sempre, e nas terças-feiras, nas primeiras sextas-feiras do mês, nos domingos. Nós temos um grupinho de canto sou membro do apostolado da oração. A peregrina também acompanha, né.

P: Se a Sra. não morasse aqui no Bairro Cidade Mineira Velha, onde é que a Sra. gostaria de morar?

DN: Parece que agora eu não tenho vontade de ir para outro lugar.

P: E quando a Sra. era mais jovem? Se fosse possível mudar de bairro?

DN: Por aqui por Criciúma.

P: O que a Sra. acha do Centro da Cidade?

DN: Gosto, gosto demais.

P: Por que?

DN: Eu não sei, tem tudo que a gente precisa para uma doença, para outra coisa, para outra. É perto para a gente se locomover, né.

P: A Sra. acha que uma pessoa que vem de fora encontraria um endereço fácil aqui no Bairro Cidade Mineira Velha?

DN: Eu acho que não, né. E meio, porque tem muita redondeza. A cidade Mineira, Jardim União, Mina União, tem todos estes bairros pequenos, né.

P: Do que a Sra. tem saudade?

DN: Quando a gente convivia, né. Com o meu esposo, as minhas duas filhas, antes era tudo unida. Agora estou sozinha.

P: A Sra. costuma sair muito aqui do seu bairro? Passear?

DN: Não, um pouco.

P: Não tem tempo?

DN: Não é que a gente não tem tempo, a gente também gasta para sair.

P: A praia? A Sra. vai?

DN: Vou por causa que a minha irmã vem sempre me buscar.

(A seguir a Dona Nilza mostra um álbum de fotografias com seu esposo, filhas, família e amigos. Há também fotografias dos padres da região, como o Padre Miotelo e outro)

Após saímos para a parte externa da casa.

P: A Sra. gosta de cuidar dos canteiros?

DN: É, gosto.

P: Mas não tem mais força?

DN: Tenho, um pouquinho né, não dá mais para fazer as coisas bem feitinhas, né. Uma cebolinha, uma florzinha, esse sol seca tudo, mas ainda bem que tem chovido bastante.

P: A Dona Nilza me disse que um bicho tinha feito um buraco próximo a caixa de gordura da cozinha e o genro dela foi ver e era um ratão de esgoto.

P: A Sra. tem fossa na sua casa?

DN: Não, é direto, ali.

P: Para onde?

DN: Para o esgoto, só tem sumidouro, a caixa de gordura, né. Depois sai naquele esgoto para a rua (rede de drenagem pluvial).

P: O que a Sra. acha que é Cidade para a Sra. ?

DN: É bom! Para quem pode curtir ela, né. Tem bastante emprego, que a pessoa possa

P: A Sra. gostaria de morar numa área rural ou na cidade?

DN: Como eu estou aqui eu estou contente. Já estou com bastante idade.

P: Como foi o processo de crescimento aqui? Quando é que asfaltaram a rua, iluminaram?

DN: Foi depois da época do Manique, acho que foi o Altair ou o Zé Augusto.

Logo após agradeci a Dona Nilza pela conversa e pedi para tirar algumas fotos da sua casa. Lembrando-a que após transcrita a conversa apresentaria uma cópia impressa para a sua correção e aprovação para publicação.

Criciúma, 25 de outubro de 2004 – 18:30h

P: Dona Nilza, gostaria de lhe fazer algumas perguntas que ficaram faltando na nossa última entrevista, a Sra. pode me responder ?

DN: Sim,

P: A Sra. gosta do lugar onde a Sra. mora?

DN: Gosto, gosto muito.

P: Por que?

DN: Por que aqui é a minha casa, gosto dos vizinhos, gosto de ir na Igreja, gosto de participar do grupo lá na Igreja.

P: A Sra. sente saudades quando sai?

(A Dona Nilza, num primeiro momento me respondeu que sente saudade do seu falecido marido e de como era a sua vida antes com ele e com as filhas)

Fiz novamente a pergunta e depois ela respondeu que:

DN: Sinto saudades da minha casa, das minhas coisas.

P: A Sra. fica aflita para voltar para a sua casa, quando vai na casa de uma irmã, ou mesmo quando vai para a praia?

DN: Fico muito agoniada quando estou fora esperando sempre voltar, fico aflita para voltar...

P: Por que?

DN: Porque quero voltar para a minha casa, para a minha casinha... para as minhas coisas.

P: Quando a Sra. está chegando perto da sua casa tem alguma coisa que marque a Sra.?

(Dona Nilza, me respondeu emocionada)

DN: Tenho sempre a lembrança do meu marido me esperando quando eu chegava do trabalho, ali no muro quando o muro era baixo. Ele sempre me esperava ali...

P: A Sra. quando vem chegando perto da sua casa, no bairro tem alguma edificação que marque para a Sra. que ali é a sua casa?

DN: Não, não que eu lembre...

P: A Sra. gosta muito da sua casa, né! O que a Sra. deixa como marcas na sua casa que os outros podem identificar esta casa como sua?

DN: Se eu pudesse reformar a casa, eu gostaria, mas o dinheiro é pouco. A gente vai mexendo um pouquinho aqui e ali quando dá. Gosto muito do meu jardim, das minhas plantas, de tudo...

P: O que a Sra. mais gosta aqui no seu bairro?

DN: Gosto da convivência com os vizinhos, com as minhas amigas do grupo da Igreja, gosto de ir na Igreja...

P: Quando as pessoas de fora do seu bairro lhe perguntam onde a Sra. mora a Sra. responde com uma certa alegria que mora no Bairro Cidade Mineira Velha?

DN: Antes não, a gente tinha receio e um pouco de vergonha de responder que a gente morava aqui na Cidade Mineira, mas hoje não...

P: Por que?

DN: Porque aqui por perto morava essa gente aí, meio ladrões, hoje não! Já está mais calmo aqui e também nas redondezas.

Dona Nilza, eu agradeço mais estas informações que a Sra. está me dando e após a transcrição desta fita eu trarei o texto aqui para a Sra. verificar para mim. Muito obrigado e Boa Noite!

Apêndice 7

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 10 – História de Vida II – Dona Santana.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)

Entrevista 10
História de Vida II - Santina

CRICIÚMA, 2004

Criciúma

10ª Entrevista

Data:29/10/2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Santana Machado Meira

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: sua residência

Bairro: Cidade Mineira Nova

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Antonio Miguel Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Santana Machado Meira e Giuliano Elias Colossi

Nome: Santina Machado Meira;

Local de Nascimento: Jaguaruna/SC;

Idade: 85 anos;

Estado Civil: Viúva;

Profissão: Escolhedeira de carvão, Mineira (sem reconhecimento previdenciário). Trabalhou com as Irmãs no Rio Maina e na Organização da Igreja do Pinheirinho e da Cidade Mineira, lavando as roupas da Igreja e arrumando o altar, foi Costureira e dona- de-casa

Bairro onde reside: Cidade Mineira Nova

Mora no Bairro: desde 1968;

Bairros onde morou: Mina do Vieira (prox. Mina 4), Próspera (Criciúma/SC)

Família: 12 ou 13 irmãos

Proveniente: Jaguaruna/SC

Criciúma, 29 de Outubro de 2004 – 14:00h

Pesquisador: Hoje é dia 29.10.2004 e estou indo para a casa da Dona Santina que é uma das primeiras moradoras do Bairro Cidade Mineira Nova, consegui o endereço com a mãe do peninha que é o presidente da Associação de Moradores do Bairro Cidade Mineira Nova.

P: Dona Santina gostaria que a Sra. me contasse como foi a sua vida desde a sua infância, que a Sra. falasse sem nenhuma preocupação, sem nenhuma censura.

DS: Eu vim de Jaguaruna, sou natural de Jaguaruna, nasci no Morro grande, no Município de Jaguaruna. Eu vim de lá com 16 anos de idade.

P: Como era a vida na sua casa?

DS: Muito boa, meus pais eram muito bons... pobres, muito pobres. Trabalhavam na roça para poder viver, eu ia estudar de chinelinho de ... de tamanquinho feito de pano, que a minha mãe que fazia.

P: A Sra. estudou até que série?

DS: Eu estudei até o 2º ano, depois parei porque fui trabalhar.

P: Trabalhou também na roça?

DS: Na roça eu trabalhei desde a idade de 7 anos. A gente desde pequenina já ia para a roça.

P: Como era a sua infância na sua casa, na escola? A Sra. brincava?

DS: Meus pais eram muito unidos, muito bons, bom mesmo, era um casal que a gente nunca ouviu... se alguma vez discutiram a família nunca ouviu.

P: E na escola como era?

DS: Era bom, a professora muito boa ... não era como as professoras de hoje, que só ensinam bobagens. Hoje se aprende mais a bobiça, era bom. Não aprendi mais porque meu pai era pobre. Ai nos mudamos para Criciúma, dali eu cheguei ali com 13 para 14 anos já fui trabalhar na escolha de carvão.

P: Na escolha de carvão?

DS: Trabalhei, na escolha de carvão lá na mina do Ângelo Vieira, depois fui fiscal de escolhedeira muito tempo na Próspera. Trabalhei na mina do Márcio Burigo, trabalhei no...

P: E seu Pai veio para Criciúma para trabalhar nas minas?

DS: Não meu pai nunca trabalhou em Minas, meu pai só puxava... trabalhava com carro de bois. Meu pai nunca entrou numa boca de galeria, só meus irmãos.

P: E trabalhava com carro de boi, no que?

DS: Puxando carvão, naquela época não tinha caminhão era o carro de boi que puxava o carvão da mina até a berada do trilho. O trilho era ali onde ta a Mina Quatro, ali tinha um depósito do trem para pegar o carvão. E ali quando o meu pai não vinha era um filho, né. Tinha 3 ou 4 irmãos na mina, que começaram a trabalhar já depois de grandes. Quando meu pai morreu só tinha 2 que trabalhavam na mina, o resto não trabalhava.

P: Quantos irmãos a Sra. tinha?

DS: Não sei quantos se eram 12 ou 13, eu não sei. Meu filhos são 13, mas meus irmãos eram 13 mais ou menos. Mas eu me casei com 18 anos...

P: E a Sra. encontrou seu marido aonde?

DS: Lá onde eu trabalhava mesmo na mina onde eu trabalhava.

P: Como era a vida social na sua adolescência, a Sra. já trabalhava e como eram os passeios?

DS: Trabalhava, era feliz da vida, passeio, passeio não, era se o pai ou a mãe deixassem. Quando a mãe dizia assim “Não vai ali na casa do vizinho” a gente não ia. Era um tempo que o filho obedecia os pais. Não se saía, podia morar na mesma quadra “Mãe eu vou na casa do fulano”. “Não vai”. Pronto então ficava em casa. Para te dizer bem a vontade a minha adolescência foi trabalhada. Comecei a fazer crochê, quando eu tinha mais ou menos 12 anos, eu tenho os dedos todos tortos. Trabalhei em baixo da mina, 3 meses debaixo da mina com o meu marido depois de casada.

P: Seu marido trabalhava na mina? Era mineiro?

DS: Era mineiro, nós nos encontramos na escolha do carvão, lá onde eu revistava o carro dele, que eu multava nós nos encontramos.

P: Multava, por quê?

DS: Os carros que não vinham com o carvão a gente multava. Eu era fiscal do carvão não podia passar um carro de pedra e deixar de multar, né. Felizmente o dele nunca aconteceu, porque ele sempre foi um mineiro honesto. Não é porque era meu marido, mais era um homem muito honesto.

P: Como era a relação com os patrões?

DS: A minha relação com os patrões sempre foi muito boa, muito bem respeitados.

P: A Sra. lembra deles?

DS: Lembro, falecido Ângelo Vieira, meu tio, que era o Tio Patrício, lembro do pai do Afonço Barato. Aquele moreno, que trabalhava na Catarinense, lembro de todos os meus patrões. Júlio Gaidzinski, Otávio Gaidzinski, todos eles foram os patrões da Próspera, no tempo da Próspera, no escritório da Próspera. Trabalhavam só os Gaidzinski, daí eu trabalhei muito tempo quando a escolha era na berada do trilho, trabalhei por muito tempo.

P: A Sra. lembra de algum fato importante que aconteceu nesta época da sua vida, ou na sua infância que até hoje a Sra. lembra?

DS: Não. Me lembro que tive uma infância feliz, fui uma pessoa feliz na vida, fiquei infeliz agora depois que perdi meu marido, meus filhos, ai a tristeza me tomou conta, mas de primeiro não. Era uma pessoa que vivia cantando dia e noite.

P: Como era Criciúma naquela época?

DS: Era um pedacinho de gente, menos do que a mineira, uma rodinha. Quando eu conheci Criciúma só tinha um prédio.

P: Qual era a Sra. lembra?

DS: Aquele que tem ali onde é perto do banco, aquele banco onde mataram o rapaz, onde tem um prédio ali na esquina. (Banco Besc – havia uma edificação de 02 pavimentos até meados da década de 1970 – já demolida). Ali que tinha um sobradinho, ali.

P: E o centro da Cidade?

DS: O centro da cidade era um montinho, né!

P: Que ano que a Sra. veio para cá? A Sra. lembra?

DS: Ah! Não me lembro, não.

P: A Sra. tem quantos anos hoje?

DS: Estou com 85 anos.

P: Quando que a Sra. casou?

DS: Tinha 19 anos quando me casei, me casei com o Padre Pedro Baldoncini, dentro da Igreja São José, como só tinha aquela Igreja lá, em Nova Veneza, aqui não tinha nada, claro aqui

tinha a Mina União, quando eu vim para cá, já tinha a Igreja da Mina União, quando eu me mudei para cá.

P: Essa região daqui era tudo pasto, floresta, o que era aqui?

DS: Aqui atrás era tudo pasto e aqui era tudo mato, mas quando eu me mudei para cá não, já era vila da Cidade Mineira, eu fui a primeira moradora desta casa.

P: Onde vocês moraram aqui em Criciúma quando chegaram?

DS: Morei na próspera, morei na Mina do Vieira, lá, pra cá um pouquinho de onde era a Mina 4, quando solteira. Quando me casei morei na Metropolitana, morei na Catarinense.

P: Como eram as casa que a Sra. morou?

DS: Era tudo assim.

P: Tudo assim como?

DS: Pior do que essa aqui.

P: É?

DS: Eram as casas da Companhia eram pior do que essa aqui.

P: A Sra. lembra de algum fato, na casa, no inverno como é que era?

DS: Era tudo a mesma coisa, a gente se acostumava, né. Era uma casinha, não era uma casa de palha. Agora quando eu morei na Próspera eu não morei em casa de palha.

P: Casa de palha?

DS: Casa tudo coberto de palha, as casas da Próspera eram tudo coberta de palha, ali onde está o BIG (Criciúma Shopping) onde está a oficina do Líbero, aquilo tudo ali... só tinha o

escritórinho da Próspera, bem pequeno, agora não, a Próspera ta uma cidade, né. Mas eu conheci a Próspera só tinha casinhas todas cobertas de palha. Eu não morei porque eu não morei verdadeiramente na Próspera, quando eu morei eu morei depois de casada. Quando eu morei na Mina do Vieira, eu morei em casa alugada, o meu pai alugou uma casa lá na Mina do Vieira e nós morávamos lá. E era do seu Ângelo Vieira.

P: A Sra. lembra onde hoje seria a Mina do Vieira? Que bairro seria hoje?

DS: Hoje a Mina do Vieira fica ali mais ou menos, quem vai daqui para a Mina 4 com o ônibus e passa ali no corte era assim para o lado de lá. Nem sei como é que é o nome daquele lugar agora. Sei que tinha a estrada de ferro, não passava ali onde era a Mina do Vieira e nós conduzíamos o carvão de lá da mina onde nós trabalhávamos vinha para ali naquele lugar aonde ta o Angeloni (Depósito do Angeloni Supermercados), quase eu não vou para lá, quando passo de ônibus eu nem presto atenção, então a gente vinha à pé. Eu me lembro uma vez uma chuarada que deu e nós tínhamos buscado a escolha de um tal de Chico Polaco, Polaco muito ruim, mas ruim mesmo que era mais ruim do que a carne da pá e muito puxa-saco, quando ele gostava de uma pessoa ele puxava o saco, ai tinha uma moça que namorava um sobrinho dele, ai ele fazia de tudo. Mas a gente não dava colher de chá, ainda mais eu era ruimzinha, não dava colher de chá mesmo. E aí quando foi uma vez, eu disse: “ Seu Chico, o Sr. não conhece o carvão” e ele ficava bravo. “Depois o Sr. não diga que eu não avisei, que eu sou uma criança e o Sr. é um homem velho, burro como um cavalo” . daí bateu uma chuarada o carvão tava todo no depósito, a chuva bateu, a pedra branqueou numa distância como daqui até o final da rua, na base de uns 10 a 15 metros de depósito, o carvão branqueou, a pedra molhou, né, daí saiu o carvão. Ai o falecido Angelino foi lá e disse que o trem tinha refugado o carvão e disse: “ Santina, tu vai para lá e leva duas escolhedeiras de tua confiança e vai para lá e limpa por cima para quando o trem voltar”, nós levamos três dias, tirando o barro, daí eu disse que ele deveria levar o Seu Chico que ele que fiscalizava carvão naquela época, era o Seu Chico, “não sou fiscal de carvão eu sou escolhedeira”. Não ele disse: “ Eu tenho confiança em ti” o falecido Angelino, o seu Angelino já morreu. Ele morava onde é hoje a Casa Ouro, ali era a casa deles, uma casa de tábua e o Rio passava por baixo, o Rio Criciúma. E deu aquela enchente grande e carregou a casa dele. Ali o Rio hoje ta tapado, mas o Rio ainda ta lá, não tiveram como mudar aquela água, ali onde morava o Burigo, aonde tem aquela oficina na esquina agora.

P: E quando é que a Senhora veio morar aqui na Cidade Mineira Nova?

DS: A Cidade Mineira Nova ta fazendo quase quarenta anos, 30 e poucos já. Eu tenho aqui marcado quando vim para cá (mostrou-me uma caixa com vários documentos, inclusive IPTU, escritura e habite-se da casa). Tenho tudo que paguei daqui, porque eu pagava imposto daqui.

P: E como foi a vinda para cá, porque a Senhora veio para cá?

DS: Porque o meu marido já era aposentado, doente nós morávamos ali perto. Aonde é a Santa Bárbara, eu morei por ali muito tempo também, perto da Igreja da Santa Bárbara. E meu marido era muito doente do coração, muito doente, parava mais no hospital do que em casa, muito mais lá do que em casa. Então aí nós viemos morar aqui para... O Dr. Rogério disse “ O Dona Santina, a Senhora procura um lugar mais longe, que não fique aonde tem pó de carvão, se a Senhora quer conservar mais um pouco a vida de seu Lindolfo”(marido), porque lá ele não podia ficar mais do que dois dias em casa.

P: Mas a Senhora achou que era porque ele tinha trabalhado na mina que ele ficou doente?

DS: É, por causa da mina, da mina. O problema dele foi a mina, ele pegou na mina com 17 anos ele era mais velho do que eu 10 anos. Assim que nós casamos, uns quatro ou cinco anos depois ele já começou a sentir falta de ar, mas ele era um homem muito trabalhador, ele chegava da mina e ia para a roça. Os meus filhos graças a Deus não tem nenhum vadio, mas se trabalhassem igual o pai já tinham morrido tudo. Era Lindolfo Meira.

P: Tá mais a Senhora veio morar aqui, já estava construída a Vila?

DS: Já, já. Já tinham construído a Vila. Ali não, ali tinha um parquinho. Uma casinha com uma velhinha que morava ali. Já tinha, essas aqui. Mas aqui estas casas aqui todas já tinham.

P: Quem foi que construiu, a Senhora sabe?

DS: Olha, eu para te dizer bem a verdade, quem fez esta Vila aqui foi o Otávio Comim.

P: Ele era o que?

DS: Ele era pedreiro, mestre de obras. Isso aqui foi feito pela Cohab do Estado. Quando nós já morávamos aqui ele disse “ a Dona Santina parece até um castigo né, nós éramos vizinhos lá. Esta casa quem fez foi eu, ai eu disse por isso que a gente se encosta nela e ela cai.

P: A é?

DS: É, é porque depois eu reformei. Rebocamos as paredes por dentro , fizemos a área, emendamos daqui para lá, mais duas peças ali, né. Desta rua aqui quem fez foi o Otávio Comim, agora as outras eu não sei, né.

P: Ele era Pedreiro o Otávio Comim, né?

DS: Era Pedreiro.

P: E trabalhou para a Cohab?

DS: Ele trabalhou com a Cohab, eu não sei onde era o empreiteiro da Cohab. Eu não sei se era aquelas firmas da praça.

P: Quando a Senhora chegou aqui o que a senhora pensou?

DS: Eu não pensei nada, pensei em morar num lugar onde não tinha pó de carvão. Só tinha uma ruazinha ai, não tinha asfalto. Asfalto, lajota, isso ai foi depois com o Prefeito Manique e o Altar Guidi. Porque quando passava o carro tinha que fechar as portas porque a poeira levantava. Era uma rua estreitinha. Mas estas casas já estavam aqui, todas. A única que está do jeitinho que estava, como nós viemos é essa aqui do lado. A minha foi aumentada para o lado.

P: A Senhora veio de Jaguaruna, depois foi morar na Próspera?

DS: Primeiro eu morei na Próspera, depois na Mina do Vieira, hoje eu nem sei o que tem lá, uma estradinha que vai para Içara. Se eu ir lá eu nem sei mais onde eu morei, só sei que era para lá da Próspera, nós ficávamos longinhas da Igreja da Próspera para vim à missa.

P: E depois a Senhora morou no Bairro Santa Bárbara?

DS: Morei no Bairro Santa Bárbara, morei no Bairro São Luiz, morei na 1ª Linha, depois que o meu marido se aposentou. Eu morei em muitos lugares.

P: E sempre foram casas alugadas?

DS: Sempre foi.

P: E essa aqui a Senhora comprou?

DS: Essa nós compramos da Cohab, parei de pagar depois que o meu marido morreu porque ai eu ganhei a casa né. Três moradores tinham a casa em dia aqui nesse lugar. Os outros dois não sei onde é. Nós tivemos uma reunião, aonde ta aquela escola ali, aquela Igreja de crente, ali na esquina que vai para a Santa. Ali era um clube. Fizeram uma reunião ali, eu até passei vergonha, francamente porque, não era uma pessoa.... Aí os engenheiros fizeram ali com muita gente da Cohab, só sei que ninguém pagava aqui era uma coisa. Isso aqui era um ninho de urubu.

P: Mas assim muita gente invadiu aqui?

DS: Tudo invasão. Os que não invadiram, que compraram também não pagaram. Ai fizeram a reunião, parece que eu to vendo quando o..., deixei o meu marido na cama e fui na reunião, porque gente não podia ir, porque quando o meu marido veio pra cá só saia para ir à Igreja e voltava.

P: A Senhora sabe quando foi isso?

DS: A nem sei quando foi, uns trinta anos atrás. Ai teve a reunião, veio o engenheiro, veio a Cohab, pessoal de Florianópolis, né, que vieram, ai o seu Fausto que era encarregado, o sargento de Bona Portão, que era o encarregado aqui, ele disse assim “ vocês não tem vergonha, dessa Senhora ter o marido no fundo de uma cama, mas está aqui com os papéis tudo pago, tudo direitinho. E vocês estão aqui batendo papo e nunca pagaram a casa”. Ai eu disse, há seu Fausto se eu soubesse que o Senhor diria isso, eu nunca tinha trazido os papéis da minha casa. Eu diria não, eu estou pagando. Mas a gente sabe lá, o sargento sabe quem pagou ou não pagou.

Ai ele perguntou pra mim, o que é que eu fiz na casa, eu disse que aumentei dois quartos, porque a casa era pequena, e tinha minha família. E ele perguntou quem é que fez, eu disse que fui eu, meu marido tava na cama.

P: Então a casa era muito pequena quando a Senhora veio?

DS: Era muito pequena.

P: E quantos filhos moraram aqui com a Senhora?

DS: Vieram morar aqui comigo, já tinham casado dois, não, minto, vieram todos ai a casa tinha este quarto aqui, um outro ali. E atrás tinha a cozinha. Então aqui eu botei a cama para o meu marido que tava doente, né. O mesmo contruido veio emendar a casa para mim, mas meu marido tava no hospital. Mas meu marido não queria emendar a casa para não fazer despesa. Ele ganhava pouco era aposentado, coitadinho ele trabalhou 25 anos na mina, para ficar ganhando uma mixaria, quando ele morreu eu ganhava uma mixaria. Ele pediu para eu não falar com o pedreiro por enquanto porque ele estava muito doente. Eu disse que eu não estava contando com ele, pode deixar eu vou com os meus filhos, não te preocupa, nem quero que tu pense... chega lá tu não se preocupa... porque nós dois nos dávamos muito bem, tudo era muito combinado, mais só para emendar a casa eu não combinei primeiro. Arrumei o pedreiro, comprei o material tudo fiado lá no cumpadre Pedro, já morreu também, ai que disse para mim “ E onde é que comprou o material” eu disse “ calma, calma, não irritado, eu comprei no cumpadre Pedro, “Mas como é que tu vais pagar, mulher?” “O material é caro” eu trabalho os teus filhos trabalham, não te preocupa, nem ta no teu nome.

P: A Senhora trabalhava aonde?

DS: Eu trabalhava de crochê, trabalhava na casa das freiras 6 anos, trabalhei na casa das freiras, no Pinheirinho, para eu voltar, eu voltava à pé, para não gastar o dinheiro que davam para a passagem. Eu vinha à pé com o dinheirinho na mão, para não gastar para chegar em casa. Eu ia de à pé daqui, 4 ou 5 vezes por semana para o hospital, quando ele tava no hospital. Voltava 7 ou 8 horas da noite de à pé pelo trilho, naquele tempo não tinha bandido, né. Pra vir para casa, porque eu deixava minhas meninas que já eram mocinhas estudar, duas estudavam lá no colégio das freiras, duas estudavam para lá, todo mundo estudava. Tinha os meninos que trabalhavam. O cego que tem lá na praça, aquele lá é meu filho, desde a idade de 7 anos ele trabalhou, é cego de nascença, nunca pediu escola, sempre trabalhou e graças ao Manique e a mulher do Manique ele é aposentado.

P: Ele é o que canta na praça?

DS: Não, ele vende cigarro na esquina da Casa Londres. Ai na reunião eu disse para o meu marido....70 % disso ai não pagaram a casa, moravam ai, saíram, arrancavam parede, faziam estripulia e saíram, a turma não prestava, não era que a Cohab entregou a chave na mão, como entregou para mim.

P: Todo mundo ampliou as casas aqui?

DS: Não, nem todo mundo, muitos ainda.... uns ou outros mudaram. Um dia que chamaram de puxa-saco da Cohab, como é que eu com meu marido doente, eu ia todo dia do pagamento eu ia lá no sargento pagar a minha casa, até os talõezinhos da casa eu tinha aqui, oh.

P: Dona Santina o que a Senhora mais gosta aqui no Bairro?

DS: Há, eu gosto de tudo.

P: De tudo!? Mas não tem nada em especial que a Senhora gosta?

DS: Não, não. Ta tudo aqui os papéis da minha casa.

Depois eu olho, ta! Pode deixar!

P: Então não tem nada que a Senhora mais gosta no Bairro, que a Senhora acha legal aqui no Bairro?

DS: Eu acho, legal aqui é que agora tem ladrão, muito vagabundo, maconheiro, háháhá....(risos)... Eu moro sozinha e Deus e estes meus Santos aqui e o meu marido que está ali no quadro. Agora a casa ficou grande para mim.

P: A Senhora recebe visita dos filhos?

DS: Tem um que mora aqui atrás, eles moram aqui por perto, outro mora ali no Const. Zanette. Outro mora perto do Bairro Ceará e outra mora também ali no Zanette. Morreu dois filhos meus a pouco tempo.

P: Quantos filhos a Senhora tem?

DS: Tive 13 filhos. Já morreram 5, morreu 7. Morreu 5 pequeninhos e 2 grande, morreu de acidente, ta fazendo 3 anos e uma filha que morreu de câncer a 3 anos também. Foi o golpe que mais me atingiu foi a morte dos meus 2 filhos.

P: E assim, o que a Senhora mais gosta aqui na sua casa?

DS: Gosto de tudo.

P: Gosta de tudo, também?

DS: Já me acostumei...

P: É ? Não tem nenhum cantinho especial que a Senhora goste mais da casa, fora da casa? No terreno?

DS: Não, não posso trabalhar mais... eu sou uma mulher que sou aposentada, sou dona de 22 cirurgias. E to trabalhando, eu trabalhei até o meio-dia lá no quintal.

P: E a Senhora planta lá? O que a Senhora planta?

DS: Eu planto, planto aipim, planto cebola, planto tudo.

P: A casa era pequena na época, mas o terreno era bom?

DS: O terreno era, meu terreno era grande, porque tinha um fundo de reserva. Quando meu filho casou, ele fez uma casa lá no fundo.

P: Dava para outra rua?

DS: Não usa este portão aqui, lá é o fundo do lote, o fundo destas casa aqui não era da Cohab.

P: A Senhora sente saudade quando sai e fica com aflição de voltar logo para casa?

DS: Não, porque eu viajo muito né.

P: A Senhora viaja muito? E quando a Senhora ta fora a Senhora não lembra da sua casa e quer voltar?

DS: Me lembro mas eu faço excursão, né eu viajo, fico às vezes uns dois ou três dias fora, vou para o Rio de Janeiro, vou para São Paulo, vou para tudo que é canto aqui.

P: Mas a Senhora vai como?

DS: Vou de ônibus, vou às vezes com 50 pessoas.

P: E são da onde? É de algum Grupo de Idosos?

DS: Não, que grupo de idosos, eu faço excursão, levo criança, levo gente grande, tudo.

P: A Senhora que faz a excursão?

DS: No mês passado, eu tava lá no Morro Santa Tereza em Porto Alegre.

P: E a Senhora não sente vontade de voltar para sua casa?

DS: Não, não to com pena assim, tenho que parar de andar, to muito velha, cansada, muito esquecida, mais eu estou planejando outra.

P: Pra onde?

DS: Para Santa Albertina e depois para Aparecida do Norte.

P: quando a Senhora está chegando perto de sua casa o que identifica a sua casa? O que a Senhora nota no Bairro que assim é lá que eu moro?!

DS: É aqui que eu moro, aqui que eu gosto de viver, o meu filho já me levou para morar na casa dele, porque ele tem duas casas, uma casa bem grande atrás, eu disse não, o meu marido saiu daqui, eu também vou sair daqui, ele perguntou para mim se a mãe morrer, a mãe quer ser velada aqui. Aqui meu filho, tira esse sofá e bota para a rua e põe eu aqui. Ele disse , ai mãe ... nossa casa... teu pai não saiu daqui, não saiu quantos carros, saiu aqui atrás do teu pai, porque o enterro dele foi o enterro mais falado do mundo, porque foi um homem que trabalhou muito tempo na mina e se dava com muita gente, família muito grande a família dele também era muito grande , muito compadre, muito amigo e teve o padre da SCAN que veio aqui e entrou dentro do meu quarto, onde eu tava e ele disse: “ Dona Santina, nós não vamos rezar a missa na capelinha” Eu disse por que? “ É muita gente para rezar a missa lá, na paróquia da SCAN” Fomos rezar a missa na paróquia do Pinheirinho.

P: E assim Dona Santina, o que a Sra. acha que quando partir desta vida, vamos supor, o que as pessoas vão lembrar da Sra. na sua casa?

DS: Talvez, vão se lembrar , né. Alguns me chamam de Maria Santeira, outros me chamam de puxa-saco de Padre.

P: Mas, por que? O que na sua casa a Sra. deixou como uma marca para sempre?

DS: Não sei.

P: Será que tem alguma coisa na sua casa aqui que a Sra. acha que ...? Vai marcar?

DS: Bom, para quem ta morando aqui há 30 anos, esse vizinho é do meu tempo, aquele ali é mais novo.

P: Mas assim, a pessoa que vem de fora vai lembrar da Dona Santina olhando para a casa no que?

DS: Sei lá.

P: Não sabe?

DS: Não sei, não posso saber, né. Não sei o que eu fiz de bem ou mal, mal eu nunca fiz nada para ninguém, só que eu era uma pessoa muito diferente, não é hoje, hoje não, eu era uma pessoa que ficasse doente, já tava eu correndo atrás de médico, pedindo socorro. Eu cansei de ir na Prefeitura pedir remédio para os outros, pros meus filhos nunca, foi graças a Deus, sempre eu me virei, mas quando morre um, cansei de pedir caixão de defunto, até para o falecido Diomício Freitas, eu fui pedir. Pedi caixão de defunto para o falecido Diomício Freitas, pedi caixão de defunto para a Prefeitura, me deram um que o fundo caiu, o fundo caiu quando tiraram o defunto dali, eu fui pedir, olha até para o Afonso Barata, eu fui pedir caixão de defunto.

P: Quando a Sra. sai do Bairro Cidade Mineira Nova, e perguntam para a Sra. onde é que a sra. mora, a Sra. fica alegre em dizer que mora na Cidade Mineira Nova? Por que?

DS: Fico, porque eu não devo nada para ninguém, não. Não tenho, perdão da palavra, não tenho rabo de palha, não devo nada para ninguém, então... eu fico: “Onde é que a Sra. mora?” Eu moro na Cidade Mineira Nova, agora a Mineira velha foi invasão, Mineira Velha foi tudo

invadida, foi tudo uma barbaridade, teve despejo, as pessoas que invadiram logo fizeram inscrição das casas, quase todas eles fizeram as inscrições, né.

P: Foi na época do Manique?

DS: Não, quando a Dr. Manique chegou isso aqui já estava...

P: Já estava certo?

DS: Já tava. Quando começou a fazer isso aqui o Prefeito era o Dr. Ruy Hulse.

P: Ruy Hulse?

DS: Ruy Hulse foi o prefeito, foi um prefeito bom também. O Addo Faraco foi prefeito. Quando o Altair Guidi entrou de prefeito já tava isso aqui.

P: Qual o prefeito que a Sra. lembra que fez mais pelo Bairro?

DS: Ah! Foi o Manique e o Altair, os dois fizeram um trabalho bem parecido um com o outro, que essas ruas eram uma baixezinha, quando entrava aí um carro era uma vergonha.

P: O que é para a Sra. o Bairro Cidade Mineira Nova?

DS: Ah, para mim é muito bom, to aqui a 30 anos me dou com todo mundo, nunca tive... perdi meu marido aqui e depois minha filha morreu ali do outro lado, morreu meu outro filho lá ... mas a morte ela é natural.

P: Assim, a qualidade do bairro, o que a Sra. acha melhor aqui? O que a Sra. contaria de bom do bairro para uma pessoa de fora?

DS: Pra mim, não tem nada que contar nem de bom, nem de ruim, pra mim tudo tá bom.

P: Tudo tá bom?

DS: Me dou com todo mundo, sou conhecida de todo mundo.

P: Hoje, se a Sra. tivesse que sair daqui a Sra. gostaria de morar aonde? Aqui em Criciúma?

DS: Ah! Não gostaria de sair, não gostaria de morar em lugar nenhum, só aqui mesmo. Meu filho, eu conhecia Criciúma pior do que essa Mineira, tinha dois prédios.

P: O que a Sra. acha do centro da Cidade?

DS: O centro, uma baixaria.

P: Por que?

DS: Ali, naquele jardim só com mulher que não vale nada, homem malandro inticando com quem passa na estrada, vagabundo que fica deitado no jardim e no nosso tempo não tinha aquilo ali. Tempo do Manique não tinha aquele ajuntamento ali, tempo do Altair aquele jardim tinha fiscal, tinha trabalhadores. Agora ali ta virado no que? Não dá nem para a gente passar lá. Uma pessoa velha passa lá ainda tem os engraçadinhos... dá vontade de virá a sombrinha e dá nos cornos. Eu passo no jardim com essa bolsa pendurada. Eu sou gente, não tenho medo de passar ali, só levo na bolsa os documentos.

P: A Sra. moraria num edifício de apartamentos?

DS: Não, não, Fui muito em edifício, onde tinha os meus compadres que moravam lá, para eu morar não serve.

P: Quais os locais para a Sra. de encontro da comunidade no Bairro? Quais são?

DS: Olha, para te dizer bem a verdade, pra mim, só a Igreja. Poorque eu não vou a nada. Reunião que eles fazem por ai eu não vou nada disso.

P: A Sra. Não vai ao centro Comunitário?

DS: Não, não. Eu sou dos hipertensos, vou lá de dois em dois meses buscar o remédio, às vezes eu peço para a minha pequenina buscar o comprimido para mim lá, só às vezes eu vou no médico no Posto de Saúde, no médico. Mas reuniãozinha por aí, não, não. Primeiro porque não me cabe porque sou uma mulher viúva, segundo porque não tenho espírito para te escutando bobagens, certas reuniões é para falar coisas boas, outras é só para baboseiras. Se não é para difamar os outros é só bobiça. E perder tempo não, fico aqui... agora parei de fazer crochê porque estou com as mãos encarangadas. Parei de fazer tricô, ta tudo ali, não faço mais nada, nem tricô nem crochê, nem à máquina costuro mais, passo a noite toda.... (fez sinal de nada)

P: O que a Sra. acha da Cidade de Criciúma, hoje?

DS: Ah!, Hoje é uma cidade, né. Quem conheceu ela como nós conhecemos, é uma cidade, pena que mal administrada.

P: A Sra. acha que é mal administrada?

DS: É muito mal administrada.

P: Por que?

DS: Porque a gente aqui não tem defeito, lá na pracinha perto do congresso, ali nenhuma criança pode mais brincar lá porque não tem jeito...

P: Do que a Sra. tem mais saudade?

DS: O que daqui?

P: É, da sua vida?

DS: Ah, da minha vida nada, saudade dos meus falecidos que morreram, mas do resto não tenho mais saudade de ninguém, todo mundo a gente vê. Saudade de ser mais nova? Não

volta mais, né. Daqui para frente, né... mas só tem uma coisa, não sei se morrer é melhor do que viver, temos que estar muito bem preparados, porque nós temos duas vidas, né. Uma na morte e outra na vida.

P: A Sra. sai muito do bairro para passear ou para fazer compras?

DS: Não, compras faço no centro da Cidade, no mercado, né.

P: Qual o mercado que a Sra. vai?

DS: Mercado eu vou pela propaganda do preço, chega lá ta mais caro, eu passo para outro.

P: Qual o mercado que a Sra. mais gosta de ir?

DS: No Manentti e no Giassi.

P: Tudo que a Sra. compra, vai no centro para comprar?

DS: Roupa, tudo é no centro, móveis tudo lá.

P: E para passear? A Sra. viaja bastante?

DS: Ai barbaridade! Não dá para nem para contar onde eu já fui, Nossa Senhora! Depois eu sou membro dos Alcoólicos Anônimos, sou madrinha dos Alcoólicos Anônimos. Tinha dois filhos que eram alcoólicos e graças a Deus eu recebi uma graça, quando eu estava na Igreja do Pinheirinho.

P: A Sra. poderia me fazer para mim um desenho do Bairro mostrando onde fica a sua casa no Bairro?

DS: Ai não!

P: Não consegue?

DS: Não, não!

P: A Sra. acha fácil achar os endereços aqui no Bairro?

DS: É, olhando um mapa, acho que é. Até que o nome desta rua não era João da Cunha Campos, era para ser o nome, Lindolfo Meira.

(Ela me explicou que por política o nome do seu falecido marido não foi colocado na Rua, já que ele era o antigo morador)

P: Depois saímos para o quintal, jardim, ela me disse que o terreno tem 15m X 35m. Ela se interte com as flores, com os dois cachorros, disse que é muito sincera quando quer dizer as coisas, diz mesmo. Senti um espírito de cooperação entre os vizinhos mais velhos, no empréstimo ou mesmo na doação de bens materiais entre os vizinhos próximos. Dona Santana falou muito bem dos prefeitos Manique e Altair, na execução da infra-estrutura do Bairro, já que as casas foram entregues sem energia elétrica ou água, esta infra-estrutura foi feita à partir da metade da década de 1970. As mulheres pegavam a água num pasto próximo, as casas tinham caixas d'água, porém pegavam água neste pasto, e lavavam a roupa neste local, onde tinha um riozinho e tinha um poço, disse que a casa que teve a água primeiro foi a casa dela. Afirma também que só sairá da sua casa nas mãos de quatro pessoas, como o seu falecido esposo. Falou-me que apesar da casa não ser boa, ela está contente, pois não precisou pagar mais aluguel. O seu marido faleceu em 1972.

P: Entrando novamente na casa a Dona Santana me serviu um suco de uva e me disse que quando veio para a casa não cabiam os móveis que tinha, teve que ampliar a casa por falta de espaço físico. Mudou as armações do telhado e as telhas do tipo francesa para fibrocimento, pois dava muita goteira e trocou o forro que era de compensado para lambri de madeira. Perguntei se ela tinha algumas fotos, ela me disse que não tinha. Disse que no começo do Bairro era muito “apartamento”, muita briga e agora não mais. Me disse que a casa original foi construída com três bolsas de cimento, e ela rebocou toda a casa de novo, pois estava caindo. Disse que a prestação da casa em relação ao

salário do marido era muito naquele tempo e necessitava fazer crochê e tricô para ganhar algum dinheiro.

DS: O terreno era bom mas as casas..

P: Fiz mais algumas perguntas para ela:

P: Se a Sra. quisesse mudar alguma coisa na sua casa, o que é que a Sra. mudava?

DS: Ah! Não sei, eu não mudava mais nada. Dinheiro agora é para eu comer e comprar remédio.

P: E se a Sra. tivesse dinheiro, o que a Sra. mudaria?

DS: Não mudava mais nada, não! Ia comer, passear, emprestar dinheiro para os outros.

P: Dona Santina me disse que emprestou muito dinheiro para pessoas que foram morar nos EUA, e até hoje não recebeu o dinheiro de volta. Também me disse que ajudou a construir a Igreja do bairro, carregando tijolos e levantando as paredes para a construção, e trabalhou na organização do altar para as missas da Igreja. Antigamente as missas eram realizadas numa edificação de madeira da escola local.

P: Dona Santina, agradeço o tempo que a Sra passou comigo contando a sua história e da sua família e estas informações que a Sra. está me fornecendo serão transcritas desta fita e eu trarei o texto aqui para a Sra. verificar para mim, se tem alguma coisa que ficou faltando ou mesmo para corrigir. Muito Obrigado e Boa Tarde!

Apêndice 8

Transcrição da Entrevista semi-estruturada 11 – História de Vida III – Célio.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAIS
(MESTRADO)

Entrevista II
História de Vida III - Célio

CRICIÚMA, 2004

Criciúma

11ª Entrevista

Data: 06/11/2004

1ª Fita/K

Finalidade: Dissertação de Mestrado

Ficha Técnica

Entrevistado: Célio Rech

Entrevistador: Giuliano Elias Colossi

Local de Gravação: sua residência

Bairro: Vila Manaus

Cidade: Criciúma/SC

Equipamento: 01 Microcassete

Marca: Panasonic FP (Fast Play Back/2) - SPEED

Fita: 1ª FK Sony MC-60'

Transcrição: Giuliano Elias Colossi

Digitação: Giuliano Elias Colossi

Revisão: Célio Rech e Giuliano Elias Colossi

Nome completo: Célio Rech;

Local de nascimento: Criciúma/SC, Bairro Boa Vista;

Idade: 40 anos;

Estado Civil: Casado

Profissão: Encarregado na Prefeitura (CriciúmaTrans);

Bairro onde reside: Vila Manaus

Quanto tempo mora no Bairro: 26 anos;

Onde já morou: Bairro Boa Vista, Laguna/SC, Bairro Santa Luzia;

Família: 05 irmãos.

Proveniente: Criciúma/SC

Criciúma, 06 de Novembro de 2004 – 09:30h

P: Célio, eu gostaria que tu me contasses a tua infância, como foi, conta para mim em detalhes, a vida na casa dos pais e dos avós, como era lá naquela época?

C: Ah, o que eu me lembro assim na minha infância, eu nasci, aqui em Criciúma, no Bairro Boa Vista e depois nós fomos morar... eu morei 9 anos em Laguna, na Ponta da Barra, lá. Depois voltamos para a Boa Vista, daí até os 14 anos por ai, eu vim morar... na época o pai e a mãe tinham se separado, daí o pai veio morar aqui na Vila Manaus, daí depois eles fizeram um acordo, e a minha mãe veio morar na casa que ele tinha aqui no Manaus e nós ficamos morando aqui no Manaus.

P: Como foi a vinda aqui para a Vila Manaus?

C: A vinda assim como quero me referir?

P: Como foi a chegada aqui na Vila Manaus? Como era?

C: Na época, tinha pouca casa, né.

P: Como eram as casas?

C: Ah! Eram poucas casas, tudo... algumas casas precárias, né. Até a casa do... que nós morávamos era boazinha, porque meu pai já tinha feito uma casa boa mesmo. Mas as outras casas eram tudo precárias, e existiam poucas pessoas aqui na época.

P: Como era a vida na casa dos teus pais?

C: A vida em si, assim ... porque o pai e a mãe na época se separaram e nós éramos em cinco irmãos e nós morávamos tudo com a mãe, então nós vivíamos como dava.

P: Brincavam, estudavam, como era?

C: Não... a maioria dos filhos, todos eles estudaram, teve uns dois que fizeram até a 8ª Série, né! E três não.

P: E tu?

C: Eu fiz até a 6ª Série.

P: E os teus avós, tivesse relação com os avós?

C: Não cheguei a conhecer bem os avós, quando eu já fui formando uma pessoa que conhecia as coisas, eles já faleciam.

P: E com os amigos, lá na tua infância tinha muitos amigos?

C: Ah, eu sempre fui uma pessoa que tive muitos amigos.

P: E brincavam?

C: Brincávamos... acho que era diferenciado de hoje porque as brincadeiras talvez eram mais sadias, porque hoje mais umas brincadeiras programadas, eu acho assim, mais as nossas brincadeiras... como criança naquele tempo, participávamos de todas assim.

P: Como era na escola, como era o estudo?

C: Conforme eu penso hoje que já tenho os filhos, eu acho assim, naquele tempo assim o estudo não tinha, por exemplo, não tinha tanta coisa assim computador, esse negócio assim ... mas era muito mais aplicado. Então tem coisas assim que hoje, eu, por exemplo, tenho até a 6ª Série, mas meus filhos com a 8ª Série e com o 2º Grau, às vezes, tem coisas assim que, às vezes eu ensino eles. Eles, às vezes perguntam para mim. Então eu acho assim que naquele tempo eu acho assim, era muito mais aplicado, aquele tempo.

P: Tu precisaste trabalhar na tua infância e adolescência?

C: Não, não... graças a Deus, não. Só com os meus pais e estudei.

P: E como foi a adolescência? Diz para mim algum fato importante na infância e mesmo na adolescência? Que tu lembra hoje?

C: Eu acho assim, uma coisa que marcou muito na minha adolescência, foi quando o pai e a mãe se separaram, né. Quando o pai e a mãe se separaram, foi uma coisa assim, eu não conseguia aceitar e mais tarde me causou assim uma consequência grande, na minha juventude, eu vi o quanto eu perdi, né.

P: E quando tu casaste?

C: Pra mim, é uma coisa, acho que inédito assim, né. Já falei para um monte de gente mais é inédito, porque a minha esposa, eu casei com ela sem namorar nenhum dia. Eu conheci ela através de amizades da família dela. Eu conheci no tempo do grupo de jovens, mas nunca namorei com ela. Só que a minha falecida mãe gostava muito dela e ela morava em Florianópolis, né. E quando ela vinha ai, ela dizia brincando para mim, queria que eu casasse com ela, e no fim eu brincando com ela, fui brincando, fui brincando... ai um dia deu certo que eu tava no jogo... deu uma tormenta, fui em casa e ela dizendo que ia casar, quando eu cheguei, ela tava lá com a roupa dela, peguei, arrisquei e até hoje estou com ela.

P: Quantos filhos vocês tem?

C: Eu tenho quatro filhos, dois meninos e duas meninas.

P: Como foi a vinda aqui para o Bairro? Para essa casa aqui? Como vocês conseguiram vir aqui para essa casa?

C: Essa casa aqui, olha, quando eu casei, bem no mês que eu casei. Eu trabalhava na época na Prefeitura e foi sorteadas umas casas no loteamento ali na Santa Luzia, no tempo do Dr. José Augusto, Eu havia ganhado uma casa ali, mais daí quando eu fui morar ali, daí o meu menino, na época, nasceu, né. E mais lá, havia muita umidade então o meu menino ficou doente, ficou

doente foi para o hospital, até foi desenganado pelos médicos tudo, eu peguei e troquei a casa. Daí vim aqui e peguei uma casinha precária que tinha aqui e dei aquela minha casa. Então foi assim, peguei e vendi o direito daquela minha casa lá, e vim morar nesta aqui.

P: E tu tens escritura da casa? Como é? Qual é a situação da casa aqui?

C: A situação da nossa casa aqui é o seguinte, quando nós viemos morar aqui, daí tinha poucas casas, mas depois foram, botaram algumas casas aqui. Só que aqui eles diziam que era um loteamento particular, da Dona Olga, parece, um nome assim, né. E eles pegaram e botaram a questão em juiz, na época também do Zé Augusto, 2ª gestão dele, só que daí nós fomos no juiz e conseguimos lá, o juiz pegou e deu favorável a mulher, daí nós tivemos que pegar 45 mil cruzeiros, eu não sei quanto... e nós pagamos pagamos 20 mil, parece naquela época, né. Alguns moradores aqui e a Prefeitura, no caso o Altair Guidi parece pagou 25. Só que até hoje eles não sabem onde está este documento aí. Não temos escritura por enquanto...

P: Onde tu moraste anteriormente, antes de vir para a Vila Manaus?

C: Antes de vir para a Vila Manaus, em Laguna ... foi na Santa Luzia, e nasci na Boa Vista.

P: O que tu mais gosta aqui no teu bairro?

C: Olha, tem tanta coisa que eu gosto, eu acho assim o Posto de Saúde, o Centro Comunitário, a Polícia aqui que cuida do Bairro, Ginásio que tem, Ginásio. Escolas assim que tem várias opções para as crianças que estudam aqui, né. Pavimentação, acho assim, aqui na Vila Manaus é um lugar bom tem quase toda a infra-estrutura.

P: Mas para ti, o que é melhor aqui no Bairro?

C: Oh, eu pra mim, não sei se é porque eu moro aqui muitos anos aqui, mas é a amizade e o conhecimento que eu tenho com os moradores.

P: Tu conheces muita gente aqui? Todo mundo?

C: Olha, eu sou um dos caras mais conhecido aqui da Vila Manaus e também conheço muita gente aqui.

P: O que tu mais gosta aqui na tua casa?

C: Dos meus filhos.

P: E na casa em si? O que tu mais gosta na casa?

C: Ah! O meu quarto.

P: Célio, tu sentes falta e saudade quando sai, louco para voltar, para casa? Vocês saem muito, vão para praia ou para passear? Sente saudade do lugar onde moras?

C: Ah! Eu não sou de sair, eu saio para pescar, né. Vou para a Solidão, vou em vários lugares, Torres... Sou um cara que o esporte que mais gosto é pescaria. Então, assim, mas quando eu me afasto, assim, por exemplo, mais de dois dias, vamos supor, eu já sinto aquela vontade, não sei se é tanto da casa ou se é por causa dos filhos, né. Então assim eu sinto uma ansiedade de chegar logo em casa.

P: Quando você ta chegando perto da casa, o que você identifica com sendo a sua casa, o que mais marca que ali é a sua casa, o que marca que ali é a tua casa?

C: É a minha rua, é a minha rua porque tem o fato assim, a rua é uma rua estreita e não tem saída, então quando eu entro nela, então eu sei vai terminar só no meu portão, quando chega no meu portão, eu sei que é a minha casa. É o final da rua.

P: O que tu achas que deixou de marca na sua casa, que os outros podem identificar com sendo a tua casa?

C: Eu creio que mais é minha casa assim, eu morei vários assim numa casinha bem precária e quando eu comecei a fazer esta que eu estou morando, quando ela já estava na altura da...

mais ou menos das janelas, deu um vendaval e quebrou tudo. Caiu tudo , quebrou tudo, caiu tudo, daí eu desanimei... Mas daí deu tudo certo, foi indo, foi indo, eu peguei e comecei a erguer de novo, e daí graças a Deus, eu terminei, né. Então tem muita gente que sabe que aconteceu aquilo comigo mas não me abalou tanto, né. Abalou na hora, mas depois, eu fui indo, mas consegui fazer ela de novo, graças a Deus e hoje ela ta formada.

P: Se alguém vem de fora, a pessoa tem como reconhecer que aquela casa é a tua casa? Por que? O que tem de mais especial aqui na tua casa que mostre que essa casa é a casa do Célio?

C: Ah! Talvez o modelo dela na frente, dela que ela é toda de área na frente, né Então o que mais identifica mais ela é o modelo da frente.

P: Célio, me diz o que tem de bom aqui no Bairro? Uma qualidade? Que tu queira ressaltar?

C: Olha, qualidade, aqui no bairro... acho que o que eu tenho aqui, o que eu classifico assim, na área de saúde, na área por exemplo de pavimentação, na área de educação, que existe várias opções de escola. Pra mim a qualidade aqui do bairro é boa, agora assim, só tem algum problema, assim por exemplo, com a marginização, porque, infelizmente, desde que a Vila Manaus foi formada, até hoje, acho que não vai ser, em poucos anos que vai acabar com isso ai, né. Então até a própria sociedade culpa isso aí, então ela mesmo assim, acho que transforma a Vila Manaus, queira ou não queira num bairro periférico e perigoso. Mas não é que é isso ai. Geralmente tem muitos lugares, ai que tem mais marginização, mas só que aqui é uma vila que é tachada como marginalizada. Então acho que é isso ai. É só a marginização que é uma coisa contra.

P: Você sabe como se deu o processo de ocupação do Bairro Vila Manaus? Como que as pessoas vieram morar aqui? Você sabe?

C: Oh! Pelo que sei, quando nós viemos morar aqui, na época o pai já morava aqui, daí houve aquela troca que eu já falei no início, mas acho pelo que eu soube aqui, no início. Algumas pessoas disseram que estava sendo ocupado porque tinha gente aqui doando lotes aqui. Daí no

caso, na época o responsável era um tal de “Seu Pedro Sabão”, da Mineira. Era época política, eleitoral.

P: Qual era o Prefeito?

C: Na época era o Altair Guidi.

P: E estavam doando os lotes?

C: É, eles estavam doando.

P: Quando as pessoas te perguntam onde tu moras, quando tu vai ao Centro, tu fica contente e feliz em dizer que mora aqui na Vila Manaus? Ou não?

C: Eu, até hoje aqui às vezes vem no cartão que é Loteamento Simão ou Loteamento Dona Olga, mas eu faço questão de dizer que eu moro na Rua 7 da Vila Manaus, eu me orgulho de morar aqui.

P: Por que?

C: Porque, se a gente acompanhar toda a transformação que existiu desde o começo da Vila Manaus até hoje, não é qualquer bairro que progrediu tanto que nem o nosso bairro aqui.

P: Como é a relação com os vizinhos?

C: É incrível... são tudo... não existe discriminação nenhuma, acho que para mim é como se os meus vizinhos... é tudo uma família. É todos eles aqui gostam de mim. Eu não sou muito de ir na casa dos vizinhos, eu sou mais chegado na minha família, mas só que eles não, eles são ao contrário eles vem, me procuram, procuram a minha família. Eu também tenho uma família, não é porque assim falar, mas assim eles são muito queridos, né. Então sei lá, eu e os vizinhos temos um relacionamento bom para caramba.

P: Se eu te pedir para fazer um desenho do Bairro, você tem condições de fazer e indicar onde tu moras aqui exatamente?

C: Oh! Isso ai eu tenho, eu tenho porque a minha própria profissão permite isso né. Tenho condições de fazer.

(a seguir Célio fez o desenho e me indicou os locais principais dentro do bairro)

(depois pedi para ele tentar desenhar a sua casa, ele desenhou, sem hesitar)

P: Você sabe me dizer onde ficam os locais de encontro aqui no bairro?

C: Locais de encontro aqui mais é, acho que é em bares, né. E na panificadora, que é tipo um “X” salada, né.

P: Qual o que tu frequenta?

C: Eu frequento, mais só a sede do nosso time, é um barzinho, mais é a sede do time aqui do Esporte Clube Manaus, é o que eu mais frequento é aquele ali.

P: Onde é o Centro Comunitário?

C: Oh, o Centro Comunitário muita gente elogia porque ele tem uma capacidade assim boa para as pessoas, é um dos únicos, que tem palco para teatro, esses negócios assim, né. E ali também funciona a Creche e Clube de Mães, de Idosos, então, mais é um na estrutura assim, tem a estrutura bem boa. Até agora foi tudo pintado, né.

P: Se tu não morasse aqui no Bairro, tu gostarias de morar aonde?

C: Oh! Eu creio que eu gostaria de morar onde eu nasci, lá no Boa Vista.

P: Por que?

C: Não sei, porque eu sou uma pessoa assim que agora já estou adulto. Eu sou daqueles que parece que crio raízes, eu gosto... porque eu gosto tanto daqui, que eu não penso muito assim em morar em outro bairro. Então se tivesse que morar mesmo, só se fosse lá na Boa Vista, porque eu já fui morador de lá, né.

P: O que você acha do Centro da Cidade?

C: Olha, o centro da cidade eu não posso dizer que é um cartão de visitas, um... acho assim que o centro da cidade para mim era para ser bem melhor. Talvez fosse um pouco mais simples seria muito mais bonito, principalmente no tráfego, no trânsito e mais opções das pessoas transitar, né. Então acho assim que, pra mim o centro de Criciúma foi muito mal projetado.

P: O que tu achas que é uma cidade?

C: Oh, infelizmente assim, cidade... ela em si, ela abrange todos os bairros, todas as dificuldades, todas as coisas boas, né. Mas infelizmente acho que não é só conosco aqui. A gente, acha assim, cidade, eu moro lá na cidade, a gente acha assim aonde tem as coisas que eles acham boas, que é o centro da cidade, por exemplo é Pinheirinho, Santo Antônio, Santa Bárbara, eles acham assim. Eu acho que as pessoas acham que a cidade faz mais a parte do centro. Eu, pra mim, uma cidade, é onde existe cada cidadão, já faz parte de morador de uma cidade.

P: Tu encontras tudo que precisas aqui no teu bairro, ou tu sempre vai ao centro?

C: Não, não existe isso, acho que não existe bairro que a gente pode dizer que encontra tudo, né. Eu encontro muitas coisas aqui no bairro quando eu preciso, mas muitas vezes, talvez a maioria das vezes e até pela dificuldade às vezes de encontrar aqui. Muitas vezes eu vou no centro, né.

P: E aonde tu vais lá no Centro, que tu acha de bom lá, para comprar e para passear?

C: Olha, não sou muito de fazer compras, mais existe tantas opções lá, que a cada dia que a gente vai lá, tem uma loja nova, tem uma opção nova então, eu e a minha esposa... até mesmo ontem nós fomos lá, então nós corremos por tudo que é loja... Enfim comércio, então. Existem muitas opções.

P: O que tu achas que o Bairro precisa?

C: Meu bairro, o que eu queria aqui era um pouco mais de assistência em segurança, né. E atenção na área de lazer, que aqui não temos opção assim para as crianças, para a gurizada da infância para os adolescentes, ai, né! Então o que mais eu precisava aqui no Bairro era uma área para a prática de esportes, uma área esportiva.

P: Do que tu tens mais saudade?

C: Olha, acho que eu tenho mais saudade é dos meus falecidos pais. O pai e a mãe.

Apêndice 9

Modelo de Questionário para as 27 entrevistas realizadas com moradores nas subáreas de estudo.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)

QUESTIONÁRIO - MORADORES

Nome: _____

Idade: _____ **Profissão:** _____

Endereço: _____

1) Mora a quantos anos no bairro?

mais de 40 anos	entre 30 e 40 anos	entre 20 e 30 anos
entre 10 e 20 anos	entre 05 e 10 anos	entre 01 e 05 anos

2) Outros locais que já morou?

cidade do Estado de SC	cidade do Estado do RS	cidade do Estado do PR
cidade do Estado de MS	cidade do Estado de SP	outros Estados

Qual Cidade/Estado: _____

3) Onde nasceu?

cidade do Estado de SC	cidade do Estado do RS	cidade do Estado do PR
cidade do Estado de MS	cidade do Estado de SP	outros Estados

Qual Cidade: _____

4) O que você mais gosta aqui no bairro?

Igreja	Praça Pública	Bares	vizinhança
Centro Comunitário	Posto de Saúde	sua casa	outros

Quais: _____

Por que: _____

5) O que você mais gosta aqui na sua casa?

a sala o quarto a cozinha o jardim o quintal outros

Quais: _____

Por que: _____

6) O que é mais importante para você no bairro?

Igreja Praça Pública Bares vizinhança
Centro Comunitário Posto de Saúde sua casa outros

Quais: _____

Por que: _____

7) O que é mais importante para você na sua casa?

a sala o quarto a cozinha o jardim o quintal outros

Quais: _____

Por que: _____

8) Da sua casa o que você modificou, ou modificaria se pudesse?

a fachada o interior a cor o jardim o quintal outros

Quais: _____

Por que: _____

9) Do que você sente saudade quando sai do seu bairro?

da casa	da família	dos locais de encontro
da vizinhança	não sente saudades	outros

Quais: _____

Por que: _____

10) Quais as lembranças que você tem do seu bairro quando está fora?

da casa	da família	dos locais de encontro
da vizinhança	não tem lembranças	outros

Quais: _____

Por que: _____

11) Qual outro local que você gostaria de morar?

outro bairro próximo	outro bairro em Criciúma	outra cidade
outro Estado	outro País	não quer mudar

Qual: _____

Por que: _____

12) Quais os locais que você frequenta aqui no bairro?

Igreja	Praça Pública	Bares	vizinhança
Centro Comunitário	Posto de Saúde	sua casa	outros

Quais: _____

Por que: _____

13) Quais os locais que você evita em ir aqui no bairro?

Igreja	Praça Pública	Bares	vizinhança
Centro Comunitário	Posto de Saúde	outros	não evita

Quais: _____

Por que: _____

14) Você poderia desenhar um mapa com os locais mais importantes do bairro?**15) Você poderia fazer um desenho da sua casa, indicando os locais mais importantes?**

Apêndice 10

Autorizações para uso e publicação das informações fornecidas nas entrevistas e questionários aplicados.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)